

# A SENTINELLA CONIMBRICENSE.

As assignaturas recebem-se na Loja do Fiel da Imprensa e na Botica do Padre Antonio, na Calçada, N.º 118. Por 3 mezes 720, avulso 20.

Publica-se esta Folha tres vezes na semana, terças, quintas, e sabbados. Vende-se onde se assigna. A correspondencia deve ser franca.

## Interior.

Continuação (de pag. 55) da Descoberta.

COM effeito encaminhas segunda vez teus passos a esta solidão para saberes da bôca de um velho a sua triste vida! — Sim, confesso-te que isto não me é pesado, e parece que tambem meus males achão nesta historia algum refrigerio.

Foi a primeira vez, que desobedeçi ao meu mentor, dizendo-lhe increspadamente, que não podia, nem devia sujeitar-me a ordens tão asperas; e elle disse-me: Senhor, esta ordem será cumprida immediatamente, ou por bem, ou por mal; não a cumpro: foi a minha resposta: recolhi-me ao meu quarto, principiei a escrever a meu pai (não sei o que, mas em summa seria a queixar-me destas violências), e primeiro escrevi um bilhetinho a Virgolinia, em que lhe dizia, não esperasse por mim para almoçar, pois era necessario esta manhã despedir um proprio a meu pai, e acrescentando-lhe, que em todo o caso socegasse.

Em poucos minutos chega um escudeiro, e diz, que a Senhora não socegava, sem que eu fosse, e que triste presagio encommodava sua alma. Não desprezei este recado, pego no papel, em que estava escrevendo, e parti porta fóra; eis que tendo dado alguns passos na rua, um official de Usares montado me suspende, ordenando-me o acompanhe sem demora, e ao mesmo tempo chega uma escolta de Cavallaria, que vinha a toda abrida, trazendo um dos Soldados um cavallo á mão, no qual me obrigarão a montar, e em menos de tres minutos estavam em marcha. Tremi, e vacillei, fazendo alguma diligência para fallar, mas nada disse, que podesse suspender tão grande violencia! . . . Só me lembrava, que passaria pelo Palacio de Virgolinia, e que vendo-me ella acharia alguma traça para arrancar-me do meio de meus algozes. Mas nem isto me concederão, tomamos por outra estrada, e em menos de meia hora perdemos de vista aquella grande Cidade, e eu perdi para sempre a creatura, que

pela Natureza foi destinada para fazer as delicias da minha vida! . . . Meus olhos torneavão todas aquellas soberbas quintas, que em distancia de muitas leguas formoseavão a Cidade; porém tudo era illusão, Virgolinia não me podia acudir.

Partimos pelas 9 da manhã, e antes de sol posto contavamos doze leguas de jornada, não descancamos se não em quanto mudavão as postas, e tambem a escolta nesse pouco tempo comia alguma cousa; continuamos a andar toda a noute; quando erão nove horas da manhã (vinte e quatro horas de jornada), tinhamos andado 40 leguas. Chegamos então ao Palacio, em que o meu mentor me disse havia receber novas ordens.

Apeamo-nos junto deste Palacio, e tanto que nelle entramos, um homem com insignias de correio se nos appresenta, e entrega um grande masso de ordens já confirmadas pela auctoridade territorial, em que em uma dellas me determinava partisse pela manhã cedo. Outro official incumbese da minha guarda, passa recibo d'entrega, e nem da minha vista se aparta por um momento, de modo que não me foi possível escrever duas regras, nem se quer enviar um recado para a Cidade, que com tão grande violencia acabava de deixar.

Assim fui indo de terra em terra, e de Reino em Reino, sempre com as mesmas violencias, pesquisas, e aperto, e no cabo de quinze dias achei-me com 400 leguas de jornada. Não sabia para onde me conduzião, nem quando terminaria a minha jornada, mas pelo asperissimo frio, que eu sentia, sempre julguei caminhava para os polos do Norte. Pelas duas da tarde chegamos á terra do meu desterro, e só sube aqui terminava a minha jornada; porque depois de tres horas de descanso, e feita a competente entrega, me conduzirão para um forte nos arrebaldes da Cidade, onde não se ouvia senão o bramido das encapelladas ondas do mar. Faz idéa qual ficaria meu espirito com esta hospedagem! . . . Estive quinze dias sem tomar resolução, mil idéas vinhão em confusão á minha cabeça, e quasi que cheguei a desesperar.

(Continuar-se-há.)

Senhor Redactor.

Logo, que me constou, que Vm. tomava a seu cuidado tamanho peso, como era ser *Sentinella de Coimbra*, ou em *Coimbra*; logo me lembrou dirigir-me a Vm. por uma carta a dar-lhe os parabens, o que agora faço, ainda que tarde, pois os muitos meus afazeres, me tem tolhido de ha mais tempo ter dado este passo politico; mas já que tenho esta tão boa occasião espero, que Vm. se não enfatie, de que eu lhe faça algumas reflexões, sem que me taxe de importuno, por eu na carta de parabens me metter a esperto, e misturar assim alhos, com bogalhos (não repare Vm., Senhor Redactor, na expressão, porque assim se exprimem os da minha terra em casos identicos), mas como sei que Vm. é um Liberal de mão cheia, que me ha de desculpar os meus atrevimentos, porque esses reparos só são proprios dos infames Miguelistas, que pelos seus talentos apoucados, nunca se entreterão senão em questões de nome.

Primeira reflexão: Quizera que Vm. ao seu Periodico, pozesse o nome de *Sentinella Lusitanense*, para que esta idéa nominal o fizesse respeitado, e attendido de toda a Nação, para que todos vissem, logo pelo titulo do seu Periodico, que Vm. não contrahia as suas vigílias só a Coimbra, mas que saia fóra de Coimbra, que vigiava do Oriente até o Poente, e do Norte até o Sul, e que nada escapava a sua perspicacia e vigilancia, que pelo que pertence a mim, Senhor Redactor, estamos concordes *in re*, por que eu estou certo, que Vm. não limita as suas vigílias só aos çapateiros, e taberneiros de Coimbra, mas a toda a Nação, mas como os infames e mesquinhos Migueis, que só pelas palavras julgão das cousas, e não pelo que ellas são em si, isto tudo pelo acanhamento, e limitado de seus talentos, quizera sempre em todo o caso, que de novo baptizasse o seu Periodico, e lhe chamasse *Sentinella Lusitana*, ou *Lusitanense*.

Segunda reflexão: Como é possivel, que sendo Vm. tão digno do encargo, que se apropria, lhe escapasse, que no dia 12 do corrente mez, na noite amanhecendo para o dia 13, se dêrão vivas ao Tyranno, com grandes vozarias! Tal como foi no Lugar das Torres daqui tão perto!

Talvez Vm. disfarçasse isso, por se lembrar, que um facto tão atroz, tão escandaloso, practicado daqui tão perto necessariamente havia de chegar aos ouvidos das Auctoridades desta Cidade, mas, Senhor Redactor, não laboremos em hypotheses, em negocios de tanta monta, queremos certezas, as Auctoridades são homens como nós, precisão do repouso, nestes intervallos é que os inimigos da Patria tentão contra a sua segurança, e Vm. é que é responsavel, faça o seu dever, e avise-os, desperte-os, faça-lhes ver, que mais perto ainda, em Cellas, se reúne um *Conciliabulo* composto de Doutores, Conegos (assim chamado), e Taberneiros, preco-

nizando a chegada do Sylla do seculo, v. g., e que na minha Aldêa, já se disse, que tal çapateiro estava solando as botas ao Abbade de *S. Paulo*, para ir esperar o banido Car.... Senhor Redactor, não se poupe a trabalho nenhum, entre pelas casas dos Ministros de todo o Reino, sem exceptuar os Ministros de Estado, entre no mesmo Salão das Côrtes, alli verá mais que vigiar do que em parte nenhuma; lembre-lhe, que elles não tem cuidado do mais preciso, que é o socego, e segurança da Patria; que os saçanhudos do tempo da usurpação, que andão minando a Patria, pois não consta, que emigrassem; que é feito do *Geral dos Cruzios*, do *As.*, do *Cura de Condeixa*, de *Jorge Boto*, e outros muitos, vivem ao abrigo de uma Policia indolente. Faça-se-lhe uma montaria, e dêm-se as ordens em bom segredo, para que no mesmo dia em todo Reino, se lhe dê busca, promettão-se premios, e dêm-se promptamente, a quem os capturar. Senhor Redactor, todos os sacrificios, que tem por objecto o socego público, são poucos, olhe que os Migueis são os diabos, e peiores, que o mesmo diabo; estes não fogem das cruces, e agua benta, eu applico-lhes aquelle lugar da Epist. I, de S. Pedro: *Tamquam leo circuit querens, quem devoret*. Ora agora, Senhor Redactor, se lhe parecer bem inserir esta minha carta no seu Periodico o poderá fazer, em quanto como em alta Atalaia, fico observando, o que se passa, para de novo lhe transmittir outra.

Um Amigo da Carta e da Rainha.

Senhor Redactor,

O espirito de discreta censura, que caracteriza o seu Periodico, n'obriga a escolhê-lo para n'elle publicar um facto, que convem ser sabido, e justamente apreciado.

Sendo culpados, e presos na Villa de Tentugal tres furiosos Miguelistas por espalharem noticias aterradoras, por alliciarem gente para fugir para a Hespanha, e desobedecerem ás ordens das Auctoridades, recusando entregá-las as armas, que se lhes pedirão, forão remettidos por uma Auctoridade d'aquella terra ao Sub-Prefeito d'esta Cidade, para d'aqui serem seguramente remettidos á Relação do Districto. Esta marcha, que é a da Lei, encontrou embaraços; porque até a mesma Lei os está encontrando, e postos, pelos que são pagos, para lhe terem os caminhos sempre livres, e livremente a fazerem andar. Os réos achão-se ainda nas cadeias d'esta Cidade, e parece, que ha empenhos, para d'ellas mesmo disputarem o seu livramento.

Não é d'admirar, que os máos tenham protectores; mas causa indignação, que uma Auctoridade se deixe vencer da sollicitação em damno do publico, e dos particulares.

Quando uma amnistia trouxe para o nosso seio os nossos assassinos, quando o Governo prohibe, que até os olhemos com olhos de desafeição,

os únicos meios legais, que nos ficão de os castigar, ainda são enfraquecidos por Magistrados frouxos, e injustos! E quem serão esses protectores dos Migueis? Quem?!... Outros, para quem toda a protecção era precisa, e que estão já tão esquecidos dos seus crimes, que se atrevem a proteger os seus cúmplices. Que impudencia! Que audacia! E qual será a Auctoridade, que em vez de se mostrar offendida de tanta petulancia, ceda vergonhosamente aos rogos de quem, fazendo-os, comette um novo crime, e agrava os antigos? E' um Magistrado, um executor da Lei, um empregado pelo Governo da Carta, que deve guardar as virtudes d'essa Magistratura, cumprir exactamente os preceitos da Lei, amparar, e respeitar os defensores da Carta.

O Sr. J. M. P. P.... fiado em a nossa illimitada paciencia, deixou-se levar do nobre desejo de proteger os seus; quiz tornar em beneficio do partido, que ama, e sempre amou, a consideração, que com vergonha nossa lhe estão dando; pedindo e entercedendo pelos seus desvalidos, e desafortunados irmãos. E' um bom Miguelista, tem a realza no coração, e não pôde vêr soffrer, os que a servem. Mas a Auctoridade?... Essa por uma differencia vergonhosa pôr aos pés d'um absolutista o timbre de Liberal, a honra d'homem, e o caracter de Magistrado!!! Fechou os olhos á Lei, deu protecção áquelles, que deve castigar. Donde virá esta frouxidão, e transigencia com os Migueis, que s'observa nas Auctoridades?... O Miguel não está na Hespanha, nem talvez para lá virá; e que viesse? Com Miguel não se fazem pazes, nem valem tibiezas. Lembrem-se das forças do Porto, e vejão, o que aconteceu áquelles que seguirão a mesma estrada, julgando erão salvos na clemencia do tal santinho. — Seu constante Leitor, e emigrado  
A. A. C.

Senhor Redactor.

Como a Sentinella na posição, em que se acha, não pôde descobrir, o que aqui se passa, vou a contar-lhe um milagre, que aqui acaba de acontecer, para que se digna inseril-o no seu Jornal.

Ha nesta Villa de Montemor o Velho um Convento dos extinctos Frades Gracianos com sua cerca, e junto ao muro della no sitio da calçada, que vai para a Hermida da Senhora do Desterro, está o mesmo muro guarnecido pela parte de fóra de choupos, e outras arvores silvestres: n'um daquelles choupos tinhão os Frades, pouco antes da sua extincção, pregado um retabulo das almas com seu Crucifixo pintado no alto (como é costume em taes retabulos).

Aconteceo que, depois da saída daquelles Frades, começou o Crucifixo pintado a verter algumas gotas d'agua: o povo começa a tomar isto por milagre, e entrão as beatas e crédulos a fazer romarias ao dito retabulo: uns molhão os lenços no tal liquido e punhão-o nos olhos, outros apanha-

vão uma gotinha n'um didal e guardavão-o como reliquia mais sagrada, etc., etc., e chegou a tanto a devoção, que já alguns doentes dos olhos dizião, que se achavão meliores, applicando-lhe algumas gotas do tal liquido.

Havia no dito Convento um Leigo chamado Fr. Antonio Rolim, por alcunha o Beijo-rachado, o qual depois da extincção ficou nesta Villa, e todas as vezes, que as devotas e devotos ião para aquelle sitio, elle se aproximava, e subia ao muro da cerca para tocar os lenços, que lhe davão, na agua milagrosa (porque ao retabulo não se lhe chegava do chão), e d'alli ia ajuntando suas esmolas, com que de noute accendia uma lanterna para alumiar as almas milagrosas; e já havia devotos, que se proponhão a fazer-lhe alli uma capellinha, para o que já tinhão ajustado entre si de um dar uma carrada de cal, outro de pedra, etc., etc., tambem já não faltava, quem dissesse, que Nosso Senhor fazia aquelle milagre para mostrar, que estava chorando pelo sentimento que tinha de tirarem do Convento os seus Fradinhos.

Eu que sempre gostei de examinar as cousas mais de perto, e me custa muito a crer em milagres, subi um dia ao muro, examinei com vagar o retabulo, e vi, que o liquido corria do prégo com que o retabulo estava pregado no choupo, e que o mesmo liquido era do choupo, que ferido pelo prégo manava aquellas gotas: o prégo era quasi imperceptivel, porque estava pregado na cruz logo por cima da cabeça do Senhor, e como tudo era preto, custava a distinguir: resolvi-me logo a desenganar o povo crédulo, porque até já vinhão em romaria dos povos visinhos, como de Maiorca, do Seixo, Gafões, etc.

Com um canivete cavei de roda do prégo de maneira, que se percebesse bem, e preguei mais dous prégos em um choupo pouco distante: fui ao outro dia, e achei a escavação, que eu tinha feito de róa do prégo, toda coberta de cera, e tingida da mesma côr, que dantes tinha, não duvidei um momento ser isto obra do tal Leiguinho, tornei a tirar a cera e me dirigi a casa do tal, e lhe perguntei, se elle tinha feito aquillo; porém negou com perturbação: então o ameacei fortemente, que se tornasse a bulir-lhe, ou a abusar da credulidade dos Fieis, o havia de accusar ás Auctoridades para ser punido como merecia.

O certo é, que nunca mais tornei a vêr o tal Leigo, que daqui desapareceo, talvez com medo de ser bem pago dos seus serviços, e o Povo começou logo a afrouxar na sua devoção, até mesmo porque os dous prégos, que eu tinha pregado no outro choupo, começarão a verter o mesmo liquido, que vertia o retabulo, e desta maneira ficou o povo desenganado do milagre, e já não quer molhar os lenços, nem fazer capellinha ás almas milagrosas. — Espero vêr este milagre inserido no seu Jornal, para melhor constar o desengano.

— Montemor o Velho 23 de Novembro de 1834.

José Martins.

### Exterior.

O Tenente General D. Francisco Espoz e Mina tomou no dia 3 o commando em Chefe do Exercito do Norte; e nesta occasião dirigio ás suas Tropas a seguinte

#### Ordem do dia.

Soldados: Torno ao meio de vós para combater, em nome da Patria, contra iguaes elementos, aos que no anno de 1820 até 1823 se oppozerão, em seu mesmo seio, á marcha do Governo Representativo, reconhecido depois de dolorosas experiencias como indispensavelmente necessario para assegurar a independencia da Nação, seus foros, liberdades, e a estabilidade e esplendor do Throno.

Restabelecido aquelle Governo, em nome de nossa excelsa Rainha Isabel II, por sua Augusta Mãe S. M. a Rainha Governadora, e em pleno exercicio de seus poderes, pela uniforme adhesão de todas as provincias da Monarquia; o dever individual de todo o bom Hespanhol é de prestar-lhe a sua cooperacão, para que prosiga sem obstaculos o systema de melhoramentos, que ella tem emprehendido na administração publica do Estado.

Todavia, desconhecendo este sagrado dever, e debaixo de uma bandeira rebelde á Patria, alguns habitantes desta Provincia, uns com mão armada, e outros prestando á estes auxilios de toda a especie, oppõe os mesmos obstaculos — que oppozerão na epocha anterior, de que fallei, á marcha do Governo; e com pretexto de defender direitos que nossas leis patrias jamais tem reconhecido, fazem tambem opposição ao de S. M. Isabel II, reconhecida aclamada, e jurada pela Nação como legitima herdeira do Throno, fazendo-se deste modo duplicadamente criminosos. E sendo nosso dever destruir esses elementos de opposição contrarios á tranquillidade, e á felicidade publica, faremos vêr, eu o espero, a esses homens cegos e illudidos, que é já tempo de reconhecerem sua fraqueza, para resistirem ao poder e á vontade geral da Nação. Conforme aos sentimentos maternos de S. M. a Rainha Governadora, que deseja vêr restabelecida a ordem nesta Provincia sem mais derramamento de sangue entre irmãos, a quem igualmente considera e trata como filhos, e cedendo tambem á meus proprios impulsos, lhes offerecerei a paz, mas se a desprezarem, tem-me obrigarei a desembainhar a espada, e então perseguiremos a todos estes inimigos da Patria sem descanso, e seremos tão terribes na vingança do menor mal, que se nos faça, como indulgentes com os arrependidos, que se derem logo a partido, e quizerem reconciliar-se com ella.

Comigo tenho, Camaradas, os premios que

vos serão distribuidos immediatamente ás vossas bellas accções. Eu bem sei que a unica recompensa, que vossos nobres sentimentos ambicionão, é a de se vos dar uma parte activa no restabelecimento da tranquillidade publica, preparando com ella o bem estar da Patria; porem este mesmo honrado e generoso procedimento obriga o Governo a reconhecer vossos distinctos serviços por meio de distincções publicas. Eu gozo já de antemão a maior que podia appetecer vendo-me á frente de um Exercito tão patriota, valente, e benemerito.

Soldados: conta-me como o ultimo Grandeiro do Exercito, que armado de uma espingarda, sempre que a occasião o exigir, participarei gostoso de vossas proprias fadigas até que tenhamos conseguido uma completa victoria.

Ordem é uniao perfeita no Exercito; severissima disciplina, muito particularmente nas marchas e descansos; e sobre tudo summa vigilancia, é o que vos ordena e manda o vosso General em Chefe — Mina. — Quartel General de Pamplona a 4 de Novembro de 1834.

Ha apparencias de que D. Miguel tem intenção seria de renovar a guerra civil em Portugal. Dizem, que se está recrutando para elle em Genova e Modena. Muitos Soldados Suissos, cujo tempo de serviço no Exercito papal havia expirado, alistaram-se em um Corpo que vai organizar-se por sua conta. Conforme o que se lê n'um artigo da Gazeta Universal de Augsburg, D. Miguel tinha chegado a Veneza a 18 do mez passado. Esperava-se que o Imperador Nicolao chegaria a Berlim a 13 daquelle mez, e que voltaria a S. Petersburgo a 27 do corrente.

O Correspondente do Noremberg contem a seguinte Carta, data de Vienna a 22 de Outubro: = D. Miguel manifesta constantemente o desejo de vir a esta Capital. Tem havido a este respeito conferencias com o Vice-Rei de Italia, e o Duque de Modena. Parece que o Imperador desaprova este projecto, porque D. Miguel recusa renunciar ao que chama seus direitos.

INGLATERRA. — Londres 3 de Novembro.

Munich 27 de Outubro. — Chegou hoje aqui o Duque de Leuchtenberg. Hontem chegou o Cavalleito Bayard, vindo de Portugal com a espada deixada ao Duque por D. Pedro.

Idem 4.  
Trieste 22 de Outubro. — Sabemos por cartas de Vienna, que D. Miguel chegara alli a 18 pela tarde, apeou-se em uma hospedaria do Greet Canal. Não se sabe se ficará algum tempo em Veneza, ou para onde irá.

# A SENTINELLA CONIMBRICENSE.

As assignaturas recebem-se na Loja do Fiel da Imprensa e na Botica do Padre Antonio, na Calçada, N.º 118. Por 3 mezes 720, avulso 20.

Publica-se esta Folha três vezes na semana, terças, quintas, e sabbados. Vende-se onde se assigna. A correspondencia deve ser franca.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGOCIOS DA GUERRA.

Ordem do Dia de 17 de Novembro.

N.º 7.

Publica-se ao Exercito o seguinte :

1.º **S**ua Magestade E' servida Ordenar, que os Officiaes abaixo declarados passem a servir no Corpo d'Exercito d'Observação no exercicio que a cada um vai designado.

Commandante em Chefe do Corpo d'Exercito d'Observação, o Tenente General, Jorge d'Avilhez Zuzarte de Sousa Tavares.

Ajudante d'Ordens, o Tenente Francisco de Sousa Canavarro.

Para ser empregado no Estado Maior pessoal do mesmo General, o Alferes de Infantaria do Ultramar, João Miguel Ferreira Braklamy.

Chefe do Estado Maior, o Coronel do Regimento de Infantaria N.º 10, José de Vasconcellos Bandeira de Lemos.

Para servir de Ajudante General, o Major de Cavallaria, pertencente ao Estado Maior do Exercito, José de Azevedo Vellez.

Addido, o Capitão do Regimento de Infantaria N.º 12, José Martins Taveira.

Para servir de Quartel Mestre General, o Major do Regimento de Infantaria N.º 4, Claudio Caldeira Pedroso.

Addidos, o Capitão do 2.º Regimento de Infantaria Ligeira da Rainha, Jacques Durando, e o Alferes Pedro de Sousa Canavarro.

Auditor, o Bacharel João Lopes de Calheiros.

Chefe da Repartição de Saude, o Cirurgião Mór de Divisão, José Maria Queimado.

Encarregado do Fornecedor, o Commissario João Antonio Teixeira de Azevedo.

Commandante da 1.ª Brigada de Infantaria, o Brigadeiro Victorino José d'Almeida Serrão.

Commandante da 2.ª Brigada de Infantaria, o Brigadeiro Antonio Vicente de Queiroz.

Commandante da 3.ª Brigada de Infantaria, o Brigadeiro Francisco Xavier da Silva Pereira.

Ordena outrosim, a Mesma Augusta Senhora, 1.º que os Officiaes acima indicados se apresentem immediatamente ao General Commandante do Corpo d'Exercito d'Observação, que ainda se acha na Capital, e que aquelles que se acharem nas Provincias se dirijão logo a Chaves, onde esperarão as ordens do mesmo General; 2.º que os ditos Officiaes sejam considerados em commissão, finda a qual, voltarão aos lugares que antes occupavão.

(Assignado) Duque da Terceira, etc.

## Interior.

Continuação (de pag. 57) da Descoberta.

Passados quinze dias, disse ao meu guarda, que muito me era necessario fallar ao Governador da Fortaleza, o qual no dia seguinte ordenou me conduzissem á sua presença. Tratou-me com aquella indifferença, com que se costuma tratar um preso politico; perguntando-lhe eu, qual era o meu crime; respondeu-me: que eu melhor o saberia do que elle, o que sabia, era — tinha as mais terminantes recommendações para me privar da minha liberdade, e tudo por escripto confirmado pelo Imperante, a meu vêr pois é grande o seu crime; assim mesmo pôde fazer o seu requerimento. Dei principio a isto, fazendo primeiro um ao Governador: este remette-o para o Rei; o Rei para os Ministros da Coroa; d'aqui para os Embaixadores, e estes para a minha patria; e n'estas injustiças se passam seis annos! Eis aqui o que eu podia saber de mezes, em mezes; foi para aqui, foi para acolá; e os meus tormentos continuando; de modo, que minhas esperanças estiverão quasi extinetas, nem meios alguns minha imaginação podia descobrir. Sem dinheiros, sem amigos, e sem liberdade eu era a victima do mais negro despotismo. De quantas lagrimas, suspiros, amarguras, e mesmo do necessario para a vida, aquellas paredes forão testemunhas!... Mil paginas encheria, mas tudo fica em silencio,

para que os tyrannos não apprendão novos tormentos, para sacrificarem mais infelizes.

Aqui jazia quasi seis annos comendo uma vez por dia, que era ás duas da tarde, pouco mais ou menos; e quando meu guarda me conduzia a comida, demorava-se a passear u'um patim, e a porta do carcere estava aberta, em quanto eu edinha; e quando assim estava, via-se de dentro do carcere um pedaço da costa do mar: reparei, que alli estava muito attento um homem olhando para mim, continuei a vel-o, e cada vez me pareceo mais attento, e um dia fitei n'elle os olhos, e elle mostrou-me um papel. Um sobresalto se apoderou de mim; e disse, algum Anjo me vem resgatar! Andava algum tanto doente, e disse ao meu guarda, que me deixasse a porta do carcere aberta para tomar ar. Tanto que elle voltou as costas, tornei a encarar como homem, e este me mostrou segunda vez a carta. Fiz-lhe signaes, que pelas onze da noite tu a deixasse aqui, e esperei por estas horas com grande ansia; mas via a difficuldade pela muralha ser muito alta: em finta hora indistincta senti um pequeno estrondo, como d'uma pedrada; repetio tres, ou quatro vezes, até que cahio dentro do terraço: apanhei-o; era um pedaço de couro com uma pedra dentro, e um maço de cartas; encaminhei-me logo para o meu carcere, mas não tinha luz para ler, e impaciente esperei, que viesse a aurora. Ah! de quem haviam de ser estas cartas! De Vergolinia, e de seus bons pais. Seis annos erão quasi finidos sem eu saber, de quem me era tão caro. Então é que soube o enredo da mais vil intriga, que terá havido no mundo! O meu antigo mentor era o auctor d'ella. Vergolinia tinha muitas vezes ido deitar-se aos pés do seu Soberano para me dar liberdade. Seu pai estava preso, e sua mãe tinha morrido. Meu pai tinha gastado grossos cabedades para sustentar essa intriga, e capricho, e os pais de Vergolinia tinham gastado a maior parte da sua casa para me livrar. Assim mesmo nada se tinha ouvido, que visse se eu podia fugir, pois ha tantos annos, que alli mandava, sem nunca poder communicar-me a serie das nossas infelicidades, etc. etc. etc.

As mesmas horas da noite seguinte senti outro estrondo, e á segunda vez repetido; cahio dentro um embrulho com outra carta, que dizia sou F. e trago ordens francas para todo o dinheiro, que nos for necessario, e veja o modo como d'ali ha de sair. Respondi-lhe, traze uma corda, mas antes disso prepara as letras, e deixa ficar cavalgadas no sitio, que te parecer mais proprio para sairmos da Cidade desconhecidamente. A's horas do costume lançou acima a corda, e eu descí sem maior incommodo, e chegamos a uma praça onde estavam os cavallos, e montados partimos a galope, que em poucas horas tinhamos andado o espaço, que não seria facil, o sermos alcançados.

(Continuar-se-há.)

Custa a persuadir, que em um seculo de luzes, como é em que vivemos, ainda appareção entre nós os terriveis effeitos d'uma ridicula impostura. Os terriveis diques, que os despotas tem posto entre nós á propagação das luzes, são a causa da crassa ignorancia, e estupidez, em que jaz a maior parte do Povo de Portugal. Uma educação toda fanatica, e supersticiosa dirigida no seio das familias, tem arraigado, quasi geralmente uma cega credulidade, que se torna em opprobrio nosso. Poucos, e muito poucos mestres de ensino publico ha espalhados pelas diferentes terras do Reino, os quaes tendo a seu cuidado ensinar, e ensinar com proveito os meninos, que lhes são confiados: uma grande parte dos que actualmente existem por algumas terras, são tão fanaticos, e credulos como os aldeões, com quem cohabitão, e por conseguinte nenhuma elucidação podem dar aos que ensinão, e por isso quanto maior é a sua ignorancia, tanto maior é a credulidade. Preferem os contos ouvidos, e cheios de futilidades, e imposturas, ao serio exame das cousas, attribuindo ás que são filhas da producção da natureza effeitos sobrenaturaes.

Se não existisse em Montemor o Velho o nosso Correspondente, cuja carta publicamos, em o nosso N.º anterior, e se as suas experiencias successivas, não fossem aclarar os embustes d'um perverso hypocrita, que valendo-se da cega credulidade dos aldeões das visinhanças de Montemor, ia fazendo apparecer pouco a pouco as idéas da superstição, e atendo a lembrança de sentimento do Auctor da Natureza por causa da extincção dos muitos reverendos Frades, propagava-se de terra em terra o facto da impostura, e os inimigos da Representação Nacional valião-se d'esta circumstancia para indispor os animos pelo lado da Religião (laço, que o homem cordato respeita, e que tem o imperio directo sobre o coração do homem): indisposição esta mais forte ainda, que a que tem a multos respeito causado a inercia, e falta da execução das Leis Constitucionaes. Mas quem são os culpados de tanta credulidade em milagres, que nunca existirão? A ignorancia, e talvez um fim directo da parte dos Ministros do Sagrado Altar, para disporem á vontade das consciencias de tanto credulo. Mas não admira tanto serem nas visinhanças de Montemor o Velho as honras de milagre aos succos vegetaes do choupo, vertidos pela ferida d'um prego, como é extraordinaria a morte do diabo na Villa da Figueira.

A Villa da Figueira, situada na Foz do Mondego; porto de mar, e Villa d'um commercio assaz grande, onde concorrem bastantes estrangeiros, parece devia ser mais illustrada, em comparação dos camponeses, que limitados aos trabalhos agricolas, não cuidão em polir suas faculdades intellectuaes, e o seu espirito. O facto, que vamos a descrever não abona em sentido

algum os habitantes d'aquella Villa, e nos parece tão extraordinario, que se nos não fosse communicado por pessoas sensatas, e de tino de certo não o acreditaríamos. O diabo, que, segundo as luzes da Fé é um espirito, e que não pôde ser visto, nem percebido pelos sentidos humanos, morto na Villa da Figueira! O espirito, que pela natureza é immortal, revestido da mortalidade! Grande descoberta! Devem os Logicos emendar a Metaphysica, porque á vista do esposto transornarão-se as propriedades das cousas. Apareceu na Villa da Figueira uma Companhia de Arlequins, os quaes annunciarão por cartazes um espectáculo nunca visto naquella Villa: concorreo uma populaca infinita a vêr a brincadeira, e abrindo-se a scena apparecerão tres grandes cães: um com cornos na cabeça, outro coxo, e outro com um grande rabo fusco. Fica toda a assemblêa agitada com a perspectiva; ouvem-se vozes: « matem-se que é o diabo » e com privilegio de diabo matarão os tres cães. Pôde á vista do exposto estar o genero humano socgado, que o diabo já o não pôde tentar! Mas será possível vêr tanta estupidez em tão pequeno ponto? Seria muito util, que o nosso Governo diminuise ordenados arbitrarios, e excessivos, prodigalisados a alguns empregados, e com esses emolumentos promovesse mais o ensino público; que sem elle já jamais poderemos saír d'este estado d'opprobrio, que nos vexa no conceito dos estrangeiros.

Senhor Redactor.

A *Agua do Occidente* dá-me a entender, que julga os Padres Portuguezes, pelos que são Deputados: estes Senhores e seus annexos serão do lado direito; mas a maior parte dos outros, e todos os que eu conheço, são do lado esquerdo, ou pelo menos fingem para mim, que o são na realidade. Os Padres, que não tem tirado o desejado fructo dos seus trabalhos, e perseguições, os que gemem debaixo da oppressão de muitos de seus superiores, que pertencem á direita da Camara, os que cheios de encargos, incommodos, e trabalhos Parochiaes sentem todos os dias, e cada vez mais bater á porta a fome, á qual não podem oppôr senão a mesma fome, não são nem podem ser da direita. O numero dos descontentes bons e excessivo entre os Ecclesiasticos Portuguezes: felizmente nem elles, nem os Militares são capazes de desfazerem hoje, ou amanhã, nem nos dias seguintes, o que fizeram nos passados, desde 28 até a extirpação da tyrannia Miguelina. Mas que farão então? Pôde ser, que a direita conceda alguma cousa á esquerda. E se não conceder? A Sentinella talvez saiba responder. E se não responder? É porque não pôde; isto é, porque não ha liberdade, por cuja existencia tanta gente soffreo, empobreceo, adoceco, viuou, emigrou, perdeo parte de seu corpo, ou a vida. Bem disse

um insigne Professor de Latim, que os versos de Mantuano: *Sic vobis, non nobis*, tinhão explicação mui extensa, e variada. Morreo na prisão d'Almeida, e foi tão feliz como Polycena.

Feliz tambem de mim, se tivesse morrido no anno de 322: sem dâvida morreria contente, e no doce engano, de que o systema Liberal não feria tantos inimigos em Portugal: no doce engano, de que quantos então se fingião tão apaixonados amigos da Constituição, nenhum havia pelo correr dos annos ser o seu algoz!!! Porém sobre tudo a maior magoa, que levarei deste mundo para o outro, é o desengano mais acerto, de que ainda não houve desde esse tempo para cá Liberdade entre nós; e que os chamados os Pais d'ella, são os que mais a tem desacreditado, e levado ao sepulchro. Se o systema Liberal não traz consigo a execução da Lei, que importa destruir as antigas, e más? Maior beneficio farião elles a Portugal, se possessem em stricta observancia as Leis boas da antiga Legislação, e fizessem pouco a pouco uma reforma, que tocasse menos no todo Politico. A Constituição segura a vida, a propriedade, a reputação, e a casa do Cidadão, mas tem sido papel. Eu me encho de indignação, quando entre um Povo Catholico, e Liberal vejo praticas tanto roubos, vinganças, pressões, sodomias, homicidios, e outros crimes taes; e mais ainda pareo o juizo, e me dá voltas ao miolo, quando estes attentados ficão impunes sob a guarda da Arvore da Liberdade!!! Sómente me dá a dor, quando vejo que o actual Governo não permite attentados taes; por quanto, se os permitira, como sei que o mandava, o do Usurpador, um grande numero dos Portuguezes, que se dizem Constitucionaes, serião nas verdadeiros tigres com figura humana. Estas feras da sociedade a maior parte das quaes o forão para os malhados, cuja capa agora tomão, não respeitão senão a natureza bruta. Se um Constitucional é como deve ser, o homem por essencia, o homem, que deseja para os outros o que deseja para si; o homem, que é justo, e compadecido, e obediente á Lei civil, e Religiosa para tal canalha deixa logo de ser Liberal, é um cortundão na bôca dos facinorosos, e egoistas. Desejo de toda o coração a conservação da Liberdade, mas tambem odeio o desaforo, e desobediencia ás Leis, que nos regem, detesto a tyrannia; mas critico com severidade a frouxidão das Auctoridades em castigar a perturbação do sossego público, seja qual for o indigido, que a pratique, quer se diga Constitucional, quer se diga Zurpão.

O *Espreitador da Beiga-Alta*.

J. P. de C. M.

Senhor Redactor.

Conhecendo a impossibilidade, que ha para que a sua vigilante Sentinella possa observar quanto se passa, é por isso que me delibero, já como

pertencente ao mesmo Corpo, e já por ser um verdadeiro amante das Liberdades patrias, que tómo a meu cargo vigiar quanto poder, e transmittir-lho, para que ella não seja notada de dormir no seu posto. E por isso, Senhor Redactor, estribado no §. 28. do Art. 145. da Carta Constitucional, estranho que as Auctoridades pela mesma constituídas não tenham observado o Decreto de 6 de Agosto de 1833, e da Portaria de 27 de Julho passado, conservando ainda nos empregos públicos varios individuos em Lugares, que de modo algum devião exercer, sendo além de muitos, que ha nesta Cidade, um *Manoel Duarte de Mello*, Escrivão e Tabellião no Couto da Vacariça, que em 1828 de mãos dadas com o fazendeiro *Luis Lebre*, então alli Juiz, commetteo naquelle Couto continuos vexames contra os amantes da Causa da Liberdade, prestando relevantes serviços ao Usurpador, embargando renovos, e tirando gados a seus donos, com cujos serviços um e outro juntarão grosso cabedal; e ainda hoje se conserva este arpia no mesmo Couto com o officio de Tabellião!...

Se é chegada a época de devermos desmentir o que dizia *Gruty* a respeito das nossas Leis: «Que ellas só consistião em Letras.» Se os Constitucionaes devem vigiar e promover a consolidação do seu nascente systema, que tanto sangue tem custado aos defensores da Liberdade, aos Portuguezes, cujo fim lhes será facil conseguir sem derramarem o sangue dos seus inimigos, mas só removendo-os, e afastando-os dos empregos e lugares públicos, como diz o grande *Salas*; o nosso interesse e a nessa vergonha exigem que se cumprão aquellas Leis; das quaes a ultima diz:

«Que todos os que não estiverem comprehendidos de 6 de Agosto de 1833, tiverem com tudo por outros factos mostrado rebeldes á Rainha e inimigos das Instituições liberaes, devem ser suspensos.»

O nosso interesse, Senhor Redactor, é que sejam suspensos de todos os empregos públicos aquelles individuos, que recommenda a cit. Port. A Nação e o Throno deixão de ser bem servidos por homens, que seguirão a causa da mais perfida e atraçoada das Usurpações, de que não ha exemplo. E a nossa vergonha ainda o exige mais; por quanto é necessario fazer conhecer aos Povos, que quem servio a causa do despotismo, não póde, nem deve servir a da Liberdade. Sirva-se, por tanto, Senhor Redactor, enserir na sua Sentinella as observações, que lhe transmittes um amante da sua Patria, e de seus Concidadãos. — Coimbra 22 de Novembro de 1834.

*M. J. T. Guimarães.*

## CÂMARA DOS SENHORES DEPUTADOS.

*Sessão Secreta.*

A's tres horas e um quarto tendo saído das Galarias todos os espectadores, e da Sala todos que não erão Deputados, e examinados todos os lugares, fechadas todas as portas, na conformidade que o Regimento determina, procedeo-se á Sessão Secreta, tendo entrado na Sala o Sr. Presidente do Conselho de Ministros, e pouco depois o Sr. Ministro da Guerra, e depois das tres horas e tres quartos sairão da Sala os Srs. Deputados, annunciando, pelo que se divisava em seus semblantes, que o objecto da Sessão era algum prospero e proximo acontecimento, que muito em breve deve ter lugar, e que virá firmar por uma vez a felicidade da Nação Portugueza.

*Lisboa 25 de Novembro.*

Chegou hoje o Sr. Bayard, que tinha ido a Munich, segundo nos consta, encarregado de appresentar a S. A. o Sr. Duque de Leuchtemberg a espada, que lhe legára S. M. I. o Senhor Duque de Bragança, e contractar com S. A. o interessante negocio do seu casamento com S. M. F. a Senhora D. MARIA II. Dizem-nos que este negocio ficára concluido, e que cedo teremos o gosto de vêr nesta Córte o Senhor Duque de Leuchtemberg para effectuar uma união, porque suspirão todos os Portuguezes.

*Coimbra 28 de Novembro.*

Uma Carta de Lisboa de 26 do corrente, de pessoa fidedigna, diz o seguinte. Hontem chegarão as Procurações do Noivo, e por dias vão a partir os que o devem acompanhar. Teremos essa Grande Festa no proximo Janeiro.

## ANNUNCIO.

Aquelles Senhores, que assignarão por dous mezes, que findão em o N.º 24, querendo continuar, o podem fazer, em Coimbra na Loja do Fiel da Imprensa da Universidade, e na Botica do Padre *Antonio* na Calçada, N.º 118, em Lisboa na Rua dos Capellistas, Loja de Cambio, N.º 133. Sendo maior numero dos Senhores Assignantes, havemos dar uma Folha maior, visto por em quanto a Nação ter pouco amor ás Letras, por isso não é possivel até aqui sair uma mais extensa.

A SENTINELLA CONIMBRICENSE.

As assignaturas recebem-se na Loja de Fiel da Imprensa e na Botica do Padre Antonio, na Calçada N.º 118. Por 8 mezes 720, annuo 20.

Publica-se esta Folha tres vezes na semana, terças, quintas, e sabbados. Vende-se onde se assigna. A correspondencia deve ser franca.

MINISTERIO DA GUERRA.

SECRETARIA GERAL.

1.ª Repartição.

SEndo designado o dia 12 do proximo mez de Dezembro, para a celebração dos Desposorios de S. M. F. a Rainha, e por Procuração, com Sua Alteza Real o Principe Augusto, Duque de Leuchtenberg e de Santa Cruz i Determina a Mesma Augusta Senhora, que o dito dia e os dias immediatos seguintes, seão de grande Gala, Dispensando para esse effeito o lucto actual, e que por esta occasião o Governador Militar de Coimbra mande dar as Salvas do costume, e ordene á Força debaixo do seu commando, que por tão plausivel motivo faça todas as demonstrações de publico regosio. Paço das Necessidades 27 de Novembro de 1834. — Duque da Terceira.

SECRETARIA D'ESTADO DOS NEGOCIOS ECLESIASTICOS E DE JUSTIÇA.

Repartição da Policia judiciaria.

Manda Sua Magestade, a Rainha, remetter ao Juiz, que serve de Presidente da Relação de Lisboa, e conta inclusa pto. Brigadiero Commandante da Guarda Municipal desta Cidade, dirigida a Sua Real Presença pelo Ministerio dos Negocios do Reino, e mais papeis, que a companhia, dos quaes se mostra, que havendo sido preso pelo dito Brigadiero em a noite de 9 do mez passado Francisco José d'Albuquerque, por ter espancado e ferido no rosto, e em outras partes a Manoel Antonio Morais, e sendo mandado apresentar ao preso pelo Official da Guarda no Quartel dos Panlistas ao Magistrado de Policia Correccional do 3.º Districto, este o mandara soltar, sem ouvir o queixoso, e sem proceder a nenhuma outra averiguações judicias. E como de tal procedimento, que o mesmo Magistrado confessa na sua resposta, que lhe foi exigida, por esta Secretaria d'Estado, parece resultar infracção de Lei, e responsabilidade daquelle Juizador: Sua Magestade, tendo ouvido o Conselho d'Esta-

do, e Servido determinar, que o Presidente da Relação mande intimar ao Magistrado de Policia Correccional do 3.º Districto a suspensão do seu cargo, e que serventia com metterá interinamente a outro Magistrado, e remettendo todos os papeis ao Procurador Regio desta Relação, e este passe a requerer a organização do respectivo processo perante o Juiz da mesma Relação, a quem por distribuição competir, seguindo todos os mais termos legais até final decisão, na forma prescrita pela actual legislação. Paço das Necessidades em 18 de Novembro de 1834. — Antonio Bayreto Ferraz.

Interior.

Continuação (de pag. 62) da Descoberta.

Sem grande encommodo continuamos a nossa jornada, e pelas serias informações que fui recebendo do meu conductor, julguei a proposito não dever ir á Cidade, da qual ja seis annos tinha sido expulso; resolvi pois encaminhar-me para uma das grandes herdades de meu pai, e dali tomar medidas de precaução. Assim fiz, e tanto que alli cheguei, recolhi-me desconhecidamente a casa de um mui meu amigo, e o meu conductor sem demora partio dar parte de todo o acontecido a Virgolinia, em quanto eu tambem fiz a diligencia para saber do estado de meu pai; e de minha casa. Dahi a dous dias sou informado, que meu pai fora atacado de uma violenta apoplexia, e minha inconsolavel mãe tinha morrido havia poucos mezes. Duvidei recolher-me logo a minha casa, mas obrigado pelos conselhos de meu amigo, parti, onde cheguei em 26 horas, e meu pai tinha passado desta vida havia 32 horas; forão as primeiras noticias, que encontrei na casa paterna, que ha 15 annos tinha deixado! Um sem numero de criados me vierão cumprimentar, dar-me pezames, dar-me parabens, tudo ao mesmo tempo, que tal é a desordem, em que estava então o mundo! Fui um dia inteiro um mudo espectaculo, nada podia ouvir, nem dizer; até a instancia de meus domesticos, resolvi abrir o

testamento, com que meu pai falleceo. Mas ah! que leio! « Perdoa-me caro filho, eu fui a causa » de tantos males, de tua mãe, que morreo incon- » solavel, da tua esposa, que fui insensivel a uma » carta, que ella me escreveu com o seu proprio » sangue, que jámais mão alguma terá escripto » uma peça mais interessante, a pedir-me, que » castigue a ella, e perdôe ao filho, que é me- » tade da minha alma, e eu fui tão duro a tão » meigo coração! Minhas mãos deixarão cair » aquelle fatal instrumento de minha existencia, » meus olhos deixarão de vêr a luz do dia, e » meus labios apenas poderão dizer, morreo. Vir- » golinia, pois eu tambem estarei com ella em » poucos minutos na eternidade! »

Este testamento é um monumento de sabedoria, e um desengano ao capricho dos mortaes. Depois de confessar, que só nos ultimos momentos da sua vida conheceo a verdade, e que um seu criado, a quem tinha enchido de beneficios, fôra o instrumento para obrar tantos males. Relata um encadeado de intrigas, e pelo fim diz, já que eu fui a causa de tantas maldades, perseguindo o meu unico filho a quem gastei tantos cabedaes, fazer á força de desgostos morrer sua mãe, e Virgolinia sua cara esposa: declaro que mais nada de meus bens reservo para minha ultima disposição, só unicamente quanto for sufficiente para fundar um Mosteiro da Ordem de S. Bento no meu Palacio da quinta de . . . cuja quinta com todas as suas pertencas, e baldios será para a decente sustentação de 12 Monges, com obrigação de á sua custa formarem na Capella mór da Igreja um grande mausoléo, no qual depositarão o meu corpo, o da minha cara esposa, e de minha nunca chorada filha Virgolinia, a quem exclui em vida da minha casa, agora a quero junto a mim por toda a eternidade, e tambem meu filho, sendo de sua vontade, virá fazer aqui companhia a seus pais, e esposa nesta sala sepulchral, habitação dos mortos.

E porque estes bens são meus pelas Leis, tanto naturaes, como positivas, posso dispôr delles; e declaro, que esta é a minha derradeira e ultima vontade.

Julguei tanto de justiça como de humanidade fazer cumprir as ultimas vontades de meu pai, mandei immediatamente entregar aquella quinta com tudo o que lhe pertencia aos Monges de . . . com recommendação de, quanto antes, alli se depositarem todos os corpos de que fazia menção aquelle testamento. Aquelles bons homens assim o principiárão a executar.

O meu conductor vem-me com a noticia, que eu sabia, e entrega-me a última carta de Virgolinia em que dizia (e o que tambem tinha pedido a seu pai), que tanto que expirasse a fechassem em um caixão, para o entregarem ao seu marido, caso elle não succumbisse a tantos incommodos: que ella ficaria satisfeita, se eu a tivesse sempre junto de mim em quanto vivo, e depois de morto fossem ambos enterrados em um só mo-

numento, para assim zombarmos de nossos inimigos, que não consentirão tivessemos uma só hora de união, alli estaremos juntos até á chamada dos vivos e mortos.

(Continuar-se-há.)

Senhor Redactor.

Como assignante, e constante leitor de seu bem conceituado Periodico, vou pedir-lhe o obsequio d'inserir nelle as poucas regras, que se seguem, que concorrerão fortemente para desmentirem aquelles, que dizem, que os Povos não que-rem Justiças.

Os habitantes da Figueira da Foz, sabendo que pelo novo plano da refôrma das Justiças vão a haver em Portugal Magistrados de sobejo, reque-rem ao Governo os mimosêe com um segundo Juiz de Direito, pois que havendo pedido ainda ha pouco a conservação do Bacharel Julio Gomes da Silva Sanches em uma representação, publicada no Nacional, N.º 18.: agora requerem a conservação do actual Juiz de Fôra interino A. R. d'Oliveira Branco, e a nomeação delle para Juiz de Direito, mostrando nisto o seu amor ás Justiças, e o quanto desejão aproveitar-se da sabia medida do actual Ministro da Justiça. Sou seu venerador.

*Um amigo dos homens de character.*

Senhor Redactor.

Lendo a sua Sentinella N.º 14 deste mez, encontrei nella inserido um longo discurso sobre maneira de querer refutar o que no seu N.º 12 da mesma Sentinella se dizia relatiyo a ter, ou não havido irregularidades no apuro para a Guarda Nacional desta Cidade; e como, Sr. Redactor, nelle se falla positivamente no meu nome, julgo do meu dever responder á parte que me diz respeito, e de bom grado o faria ao-todo se tivesse sido o A. do que a tal respeito se dizia.

Diz o Sr. Trovão (A. do Discurso), que segundo se colhe da minha exposição (a que chama Carta, sem dizer a quem é dirigida), inserida no mesmo N.º 12 da Sentinella, eu me sentira por não ser apurado para a Guarda Nacional. (Permitta-me o mesmo Sr. lhe responda como a simples particular, e não como Membro da Camara, a que pertence). Como seria possivel, e nem mesmo admissivel, Sr. Redactor, que eu me sentisse por me alliviarem do trabalho. (Antes louvores dava na mesma exposição ao Illustre Senado da Camara, e ainda hoje de novo lho agradeço). O Sr. Trovão enganou-se no seu Juizo, e deu muito má interpretação ao meu pensar, e parece ainda sentir-se mais com a minha exposição, do que como diz, em eu não ter sido alistado; pois que, sem lhe encommendarem o sermão, desmembra-se do Corpo do Senado, e apparece como particular a responder a uma cousa, que como tal lhe não deveria importar, podendo ainda como Membro da Camara ter um Passe. . .



dá dous passos admirado, e me diz, olhe vossê que tal vai a traficancia!! Esse figurado Secretario tem da Camara 480 rs. por dia para o expediente de semelhante Provedoria (que melhor seria não a haver), e um filho que tambem chamou a seu lado percebe da mesma 320 rs. diarios, não sei a que titulo: quando eu indagando o caso soube que os dous amigos são lé com lé, e cré com cré; mais me diz, não os conhece! Olhe o tal T. P. foi da Camarilha do Governo intruso, que mandou queimar á porta da Camara a Effigie do immortal D. P., D. de B., e o G. R. A. S. e o filho são os Corifeos dos Miguelistas, sectarios, e acérrimos inimigos das instituições liberaes; e eis aqui para quem são os empregos! E me aconselhou, que não tinha remedio senão soffrer, em quanto as Côrtes não lançarem a terra semelhantes Despostas. Com que, Sr. Redactor, se poder encaixar este facto, ou o que d'elle lhe parecer mais interessante, no seu excellente Periodico, fará por sua bondade um grande serviço, não só á humanidade, mas com especialidade a mim, no caso d'aquelles bons homens se condoerem de suas consciencias (o que duvido), e me mandem restituir o que me extorquirão, que tanto me custou a ganhar pela minha enebada; pelo que lhe fico muito agradecido, e Deos o tenha em santa paz. Sou, Sr. Redactor, seu reverente e humilde criado.

Manoel Fernandes.

## Exterior.

*Madrid 19 de Novembro.*

O Capitão General de Castella a Nova, referindo-se a uma parte, que em data de 16 lhe dirigira de Caracena o Capitão d'Engenheiros D. Santiago Valsola, participa, que este Capitão, com a columna do seu commando accommettera junto á dita povoação de Caracena a partida do rebelde Merino, a quem pozera em completa debandada, e o continuava a perseguir. Ao mesmo tempo participa de Miranda do Douro o Brigadeiro Peon, que perseguindo por outro lado o mesmo Cura Merino, corrêra todas as Serras de Gayanbar, tomando-lhe dez prisioneiros, e dando lugar a que se dispersassem e recolhessem a suas casas 400 recrutas, que elle levava violentadas.

O General em Chefe do Exercito do Norte, D. Francisco Espoz e Mina participa de Pamploña em data de 12 do corrente, que no dia seguinte saíra a passar revista as divisões dos Generaes Cordoba, e Lopez, que se achavam em Ceranqui e povoações immediatas, donde Zumala-

carregui se retirára logo que se approximarão as tropas da Rainha. A Divisão do Brigadeiro Ocar continuava a acampar no Bastan.

*Bordeos 5 de Novembro.*

O Barão de Bergen, que tinha sido tomado por D. Miguel, e contra o qual o General Harrispe publicára uma ordem do dia, entrou outra vez em França de volta da Hespanha. Passou alguns dias em Bayonna, onde os novelleiros se derão tratos por descobrir qual era o verdadeiro caracter desta personagem, e o fim da sua viagem. Parece positivo que o Barão de Bergen não víra a D. Carlos; mas que tendo-se achado contacto com algumas partidas Carlistas, todavia não fóra preso. O Barão chegou hontem a Bordeos debaixo de prisão, e diz-se, que as nossas auctoridades esperão do Governo para saber como se devem haver a seu respeito.

— Cartas de Genova annunciao que D. Miguel voltára áquella Cidade, onde se propunha passar alguns dias, e não voltaria a Roma sem ter visto o Rei Carlos Alberto, que é esperado em Genova até 5 de Novembro. D. Miguel encommendou uma farda de grande uniforme para a visita que tenta fazer ao Rei. Serão uns cincoenta individuos, tanto Portuguezes, como Hespanhóes, que rodeão D. Miguel, e que não sonhão senão em revoluções e guerra civil em seus Paizes. O seu projecto tinha sido, segundo dizem, tentar um desembarque na Catalunha; mas a sorte do General Ramagosa parece ter produzido grande impressão sobre o espirito do ex-Infante, cuja coragem aliás não tem dado de si os melhores testemunhos.

*HOLLANDA. — Haya 5 de Novembro.*

Falla-se de uma nova nota verbal que o nosso Governo fizera entregar as tres Potencias do Norte, e na qual, segundo se diz, está traçada a marcha das negociações acerca das desavenças com a Belgica. Nella se defende a conducta do Governo Hollandez, e se demostra que da sua parte elle tem esgotado todos os meios possiveis de pacificação; diz-se em fim, que convida as sobreditas Potencias, a que empreguem todos os seus esforços em renovar as conferencias de Londres, e em terminar as nossas desavanças com a Belgica.

## ANNUNCIO.

Felisberto de Sousa Ferreira participa, que abriu em Coimbra, na Calçada N.º 195, uma Loja de Livros, tanto Francezes, como Portuguezes, sobre as Sciencias, e bellas Letras, bem como tambem um sortimento de varios objectos, como são Papeis, Candeieiros Francezes, Pinturas, Escrivaninhas, Pennas, Lapis, Lacre, Vidros, etc., etc.

# A SENTINELLA CONIMBRICENSE.

As assignaturas recebem-se na Loja do Fiel da Imprensa e na Botica do Padre Antonio, na Calçada, N.º 113.  
Por 3 mezes 720, avulso 20. †

Publica-se esta Folha tres vezes na semana, terças, quintas, e sabbados.  
Vende-se onde se assigna.  
A correspondencia deve ser franca.

## SECRETARIA D'ESTADO DOS NEGOCIOS DO REINO.

### PROGRAMMA

Para o cortejo, que, no dia 1.º de Dezembro do corrente anno, ha de acompanhar a Sua Magestade, a RAINHA, no seu tansito, desde o Largo das Necessidades até á Basilica de Santa Maria Maior, onde ha de celebrar-se o acto solemne do seu faustissimo consorcio.

#### Artigo 1.º

Abrirá o cortejo uma partida de Cavallaria servindo de Batedores. Seguir-se-hão quatro moços da estribeira, e os Azemeis com os degrãos para Sua Magestade se apeár.

#### Artigo 2.º

Seguir-se-ha a musica das reaes cavallariças a cavallo; e logo oito Porteiros da cana tambem a cavallo; dous com canas, e os outros com maças, todos descobertos; succeder-lhes-hão os Reis d'Armas, Arautos, e Passavantes vestidos cam as suas cotas d'armas, tambem a cavallo, e descobertos.

#### Artigo 3.º

Seguir-se-ha o Magistrado que substitue o antigo Corregedor do Crime da Corte e Casa; tanto este, como todas as mais pessoas, que vão a cavallo, á excepção dos Moços da estribeira, Azemeis, Musicos, devem levar dous criados a pé, e um destes com teliz.

#### Artigo 4.º

Irão depois as carruagens das pessoas, que tem o titulo do Conselho, precedidas pelas dos Membros dos Tribunaes, que não tem o referido titulo, e depois destas as da Camara Municipal.

#### Artigo 5.º

Logo depois as carruagens dos titulos, Officiaes da Casa Real, e Ministros d'Estado honorarios.

#### Artigo 6.º

Precederão depois as dos Ministros d'Estado actuaes, seguidas pelas dos Conselheiros d'Estado, e estas por um Esquadrão de Cavallaria, ao qual succederão tres coches da Casa Real, no primeiro dos quaes irão o Porteiro da Real Camara, e os Guarda-roupas de Sua Magestade a Rainha; no 2.º o Sr. Mordomo-Mór, e os Cama-

ristas de serviço, sendo cada um dos coches acompanhado de quatro criados a pé; no 3.º coche irá o Sr. Duque Estribeiro Mór tambem com quatro criados a pé, e com dous moços da estribeira igualmente a pé ao lado das portinholas.

#### Artigo 7.º

Marcharão depois deste coche o Tenente da Guarda Real, e o Estribeiro-Mór, ambos a cavallo, e cada um acompanhado por dous criados a pé.

#### Artigo 8.º

Seguir-se-ha o coche de Sua Magestade, acompanhada pela Senhora Marqueza Camareira Mór, e Damas de serviço. Este coche será puchado por oito cavallos, indo de cada lado d'ella uma ala de Moços da Real Camara a pé e de descobertos; por fóra destes uma ala de Archeiros, por fóra desta quatro moços da estribeira de cada lado a pé. Junto á ultima roda do coche irá o Capitão da Guarda Real a cavallo, acompanhado de criados a pé. Ao lado deste coche irão tambem dous ferradores a cavallo com pastas, e igualmente um criado a pé ao lado de cada besta de tiro.

#### Artigo 9.º

Seguir-se-ha a Guarda Real dos Archeiros, e depois quatro coches de respeito.

#### Artigo 10.º

Fechará o cortejo um Regimento de Cavallaria.

#### Artigo 11.º

Por esta fórma se porá o acompanhamento em marcha ás onze horas e meia da manhã do referido dia, proseguindo lentamente pelas ruas do itinerario até á Basilica de Santa Maria Maior. Haverá naquelle largo Ordenanças a cavallo para fazer dirigir todas as carruagens de particulares pela rua das Pedras Negras para o largo dos Caldas, onde darão volta, e virão pôr-se em fileira pela dita rua até á Sé, para servirem ao regresso, quando forem chamadas.

Os coches Reaes irão pela rua de S. João da Praça voltar neste largo, virão collocar-se na maior proximidade da Igreja; a fim de estarem promptos quando deverem outra vez incorporar-se no préstituto, que observará em tudo no re-

gresso ao Palacio das Necessidades a ordem e itinerario seguidos na saída delle.

Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino em 25 de Novembro de 1834. — José Balbino de Barbosa e Araujo.

*Convenção e Contracto Matrimonial entre Sua Magestade a Senhora Dona MARIA II, Rainha de Portugal e dos Algarves, e Sua Alteza Real o Senhor Principe AUGUSTO CARLOS EUGENIO NAPOLEÃO, Duque de Leuchtemberg e Santa Cruz, Principe de Eichstatt, Primeiro Par Hereditario do Reino de Baviera.*

Os abaixo assignados, Idefonso Leopoldo Bayard, Cavalleiro da Ordem de Christo, Official Maior da Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros, Ministro Commissario ad hoc nomeado por Sua Magestade D. MARIA II, Rainha de Portugal e dos Algarves, munido e autorizado com os plenos poderes necessarios:

E o Conde Estevo Mejan, Camarista de Sua Magestade El Rei de Baviera, Official da Legião de Honra, Commendador da Ordem Imperial da Coroa de Ferro, e da Ordem Real da Coroa de Baviera, Cavalleiro da Ordem da Estrella Polar, e Dignitario da Ordem do Cruzeiro, munido e autorizado com os plenos poderes necessarios por Sua Alteza Real o Principe AUGUSTO CARLOS EUGENIO NAPOLEÃO, Duque de Leuchtemberg e Santa Cruz, Principe de Eichstatt, Primeiro Par Hereditario do Reino de Baviera.

Tendo-se ajuntado para ajustarem e convirem nas condicões do consorcio proposto por S. M. I. o Senhor Duque de Bragança, de saudosa memoria, como Regente de Portugal, entre a Muito Alta e Muito Poderosa Senhora Dona MARIA II, Rainha de Portugal e dos Algarves, Filha de D. PEDRO, Imperador do Brasil, e Rei de Portugal, Duque de Bragança; e da Imperatriz Carolina Josefa Leopoldina, Arquiduchessa d'Austria, os quaes Deos em Santa Gloria haja: E Sua Alteza Real o Muito Nobre e Muito Excelente Principe AUGUSTO CARLOS EUGENIO NAPOLEÃO, Duque de Leuchtemberg e Santa Cruz, Principe d'Eichstatt, Filho de Suas Altezas Reaes o Muito Alto, e Muito Illustre Principe Eugenio Napoleão, Duque de Leuchtemberg, de gloriosa memoria, e da Muito Alta e Muito Excelente Senhora Augusta Amelia, Princeza Real de Baviera.

O Ministro Commissario de Sua Magestade, a Rainha de Portugal e dos Algarves, declarou: Que a mesma Augusta Senhora approvára e confirmára todas as disposições tomadas acerca do seu Casamento por seu Augusto Par o Senhor Duque de Bragança, de saudosa memoria, o qual com seu previo accordo e consentimento tinha destinado para seu Esposo a S. A. R. o Principe Augusto, Duque de Leuchtemberg e Santa

Cruz, Principe de Eichstatt, pelo grande conceito, que formava das virtudes e nobres qualidades de perto, assim como pela firme persuasão, em que estava de que o dito Principe, não só faria a ventura de Sua Augusta e querida Filha, mas tambem contribuiria para a prosperidade da Monarquia Portuguesa, e para a consolidação das instituições, que S. M. I. havia outorgado.

E tendo certificado igualmente, que Sua Magestade a Rainha Sua Augusta Soberana, no pleno exercicio dos direitos, que lhe competião, por graça de Deos, e pela Constituição da Monarchia, o qual d'he havia sido conferido por resolução das Cortes geraes e extraordinarias da Nação Portuguesa, qiantes de completar os annos da maioridade, e autorizada outrossim pela dispensa das mesmas Cortes geraes e extraordinarias para poder casar com Principe estrangeiro, tinha determinado mandar a Muihe o referido Ministro Commissario, a fim de estipular e ajustar com o Commissario, que fosse nomeado nesta Capital por parte de S. A. R. o Duque de Leuchtemberg e Santa Cruz, as condicões do seu casamento com o dito Principe.

Os dous Commissarios acima designados, depois de trocarem os seus plenos poderes, que se achavão em devida forma, convierão nos Artigos seguintes.

Artigo 1.º O Consorcio proposto por S. M. I. o Duque de Bragança, consentido, e confirmado por Sua Magestade a Rainha de Portugal e dos Algarves D. MARIA II, entre a mesma Augusta Senhora e S. A. R. o Principe AUGUSTO CARLOS EUGENIO NAPOLEÃO, Duque de Leuchtemberg e Santa Cruz, Principe d'Eichstatt, será celebrado em Lisboa, logo que abí tiver chegado a presente Convenção, juntamente com a Procuração para a Illustré Personagem, que deverá representar a Pessoa de Sua Alteza Real no referido acto. Esta Sollemnidade religiosa será executada segundo os Ritos e Formalidades da Igreja Catholica, Apostolica, Romana; para ser confirmada por S. A. R. o Principe em Pessoa a fage dos Altares, quando se appresentar na dita Corte de Lisboa.

Art. 2.º Celebrado o Matrimonio, S. A. R. será naturalizado Principe Portuguez, e receberá da Nação um subsidio annual proporcionado á Sua Alta Posição, o qual não poderá ser inferior a 30 milia de cingenta contos de reis annuaes (pouco mais ou menos) cento e cincoenta mil florins correntes, e na conformidade das Instrucções do Ministro Commissario de Sua Magestade em data de 8 de Outubro de 1834, será considerado independente da dotação arbitrada para Sua Magestade a Rainha, sua Augusta Consorte.

Art. 3.º S. A. R. o Principe Augusto, Duque de Leuchtemberg e Santa Cruz, promette dar-se por satisfeito com o subsidio, que pela maneira acima dita lhe for outorgado; sem suscitar pertençaõ alguma sobre a dotação ou bens, que

pelas Leis de Portugal constituirem a dotação da Rainha, nem mesmo sobre aquelles, que por outro titulo pertençaõ, ou vierem a pertencer á sua Augusta Consorte. A qual promessa S. A. R. o Principe ratificará, se assim for necessario, quando chegar a Lisboa, por meio de uma expressa e formal declaração.

Art. 4.º Sua Magestade a Rainha promette, pela sua parte no caso de sobrevivencia ao dito Senior Duque de Leuchtenberg e Santa Cruz, Principe d'Eichstatt, de não reclamar direito algum aos bens de seu Marido, os quaes todos quer sejam patrimoniaes, quer sejam adquiridos antes, ou depois do Matrimonio, passarão aos herdeiros naturaes do referido Principe, ou áquellas pessoas, que elle tiver designado durante sua vida, ou depois da sua morte por testamento. Em todos os casos S. A. R. o Principe terá plena, livre, e inteira disposição de todos os seus bens, sejam de que natureza forem, e na conformidade das Leis subsistentes nos Paizes, em que forem situados os ditos bens.

Art. 5.º No caso de sobrevivencia de S. A. R. o Duque de Leuchtenberg e Santa Cruz á Sua Augusta Consorte, ficará elle gozando, em quanto vivo for, do subsidio estipulado no artigo 2.º desta Convenção; e se elle dar para habitar um dos Palacios Reaes, mas se o Principe transferir a sua residencia para fora do Reino, o seu subsidio será reduzido a metade, e não terá direito de reclamar indemnisação alguma pelo Palacio de sua habitação, que abandonar.

Art. 6.º Os filhos ou filhas descendentes do concorcio de Sua Magestade a Rainha de Portugal e dos Algarves com S. A. R. o Duque de Leuchtenberg e Santa Cruz, não poderão sair do Reino, sem expressa auctorização das Côrtes da Nação Portuguesa. Nem elles, nem ellas poderão contraír esponsaes, sem licença especial de Sua Augusta Mãe: e no caso infeliz da sua falta, sem o consentimento expresso do Augusto Chefe da Familia, a quem tiver succedido no Throno de Portugal. Por tanto, em nome e por parte de S. A. R. o Principe Augusto, Duque de Leuchtenberg e Santa Cruz, nós Commissarios abaixo assignados, promettemos debaixo da fé e palavra Real dos nossos Augustos Constituintes, que os seis artigos acima escriptos serão tão inteiramente guardados e cumpridos, como nelles se contém. E em virtude da auctorização, que nos foi concedida pelos nossos plenos poderes, os assinamos, e ratificamos, para que possam desde já começar a ter a devida execução, com dependencia da precuração, que para o mesmo effeito deyrá ser remetida para Lisboa por S. A. R. o Principe Augusto.

Em fé do que assinamos a presente Convenção Matrimonial, e a sellamos com os nossos sellos.

Feita em Munich aos oito de Novembro de 1834.

(L. S.) Ildefonso Leopoldo Bayard.

(L. S.) Le Cte. Mejan.

Está conforme. Secretaria d'Estado em 28 de Novembro de 1834. — Ildefonso Leopoldo Bayard.

## Interior.

Continuação (de pag. 66) da Descoberta.

Acaso estarás já enfastiado de ouvires minhas tristes queixas? « Não me enfastio, ellas tem commovido meu espirito, e excitado minhas idéas para tambem ser diffuso em contar-te os males da minha patria. » Em poucos mezes completarão-se as obras mais necessarias do Mosteiro, e alem daquillo, que meu pai me tinha deixado em seu testamento, quiz dotal-o com mão mais larga, pois alli tencionei firmar minha habitação, tanto em minha vida, como depois de minha morte. Primeiramente os restos mortaes de meus pais nelle forão depositados com grande pompa, os quaes aquelles bons Monges receberam com as mais bem executadas ceremonias da Igreja.

Dahi a seis mezes fui buscar Virgolinia, tanto que lhe acabei de formar um soberbo tumulo, e o seu acompanhamento para aquelle jazigo foi dos maiores, que naquelles sitios se tinham visto, e a colloquei com as minhas mãos entre meus pais, fazendo alumiar aquelles restos mortaes por tres grande alampadas de prata. Quando vi Virgolinia aqui depositada pareceo-me que ella estava em um doce somno, os effeitos da morte não tinham passado por ella.

Fiz levantar no meio dos tumulos uma grande columna de marmore, na qual pelas minhas mãos abri este epitafio: — Deixamos os tumultos do mundo, e aqui todos quatro estaremos em perpetuo silencio até a consummação dos seculos. —

Sem perder tempo cuidei nos negocios de minha casa, que apesar das grandes despesas, que meu pai tinha feito, ainda estava muito grande. Fiz novos aforamentos, saldei muitas contas, entreguei muitos baldios a varios Colonios com um pequeno onus, e outras muitas transacções, que tiveram lugar.

No quarto anno da fundação do Mosteiro, morreo o pai de Virgolinia, o qual tambem me deixou por seu universal herdeiro, que junto com o que herdei de meus pais, era uma herança muito consideravel. Depositei todos os meus titulos no meu Mosteiro, alli era um centro de reunião de todos os meus fundos, e via crescer cada vez mais a população de minhas herdades, muitas terras roteadas, muitos canaes abertos, e outros aprefejoados, para o que os Monges tinham grande habilidade.

Fundei escholas, hospitales, e outras muitas obras, debaixo da direcção dos meus Monges, e a final os estabeleci por meus universaes herdeiros

com grandes encargos, sendo um, que sobre a minha sepultura, e de meus pais, se rezasse o Officio Divino, Missas, Sermões, e esmólas em quanto o Mundo existisse.

Minha alma no fim de tudo isto ficou em uma plena paz, quasi que passava os dias, e noites a meditar sobre as frias campas de meus pais e esposa, e quantas vezes eu disse aquelles monumentos, eu já aqui estou!

(Continuar-se-há.)

Senhor Redactor.

E' mais que para lamentar o que diariamente se está perpetrando, e eu já não tenho cabeça para ouvir quanto se grita por esta Cidade, e nem tão pouco paciência para observar sem indignação actos, que na verdade merecem, quando não castigo, uma censura.

Eu, Senhor Redactor, vejo que nesta Cidade se transige descaradamente com os Miguelistas, e até d'alguma forma pareça as Auctoridades estão votadas a favorecel-os em tudo, cobrindo-se com a capa da santa humanidade, ou protectora do moderantismo. Mas desenganam-se uns e outros, que quanto mais fizerem a tal raça, mais perdem, e se a sorte nos fosse tão adversa, que tivéssemos algum revez, esses mesmos que uns tem hoje em casa, e outros que estão favorecendo, seriam os seus proprios assassinos! Pois á vista de factos não ha contradicção, e a experiencia nol-o tem mostrado. Ora, Senhor Redactor, esta Cidade achase retheadissima de Migueis d'alto coturno, e os arrebaldes juncados dos mais façanhudos satellites do Usurpador (o que uma e mais vezes a sua Sentinella tem publicado). E que vejo eu fazer, Senhor Redactor, é em lugar de capturarem estes, conservar contra o Decreto de 6 de Maio de 1833, e Portaria de 27 de Julho passado, nos empregos e lugares públicos, homens, que forão dos taes regeneradores de 1823, e mais outros, que em 1828 trouxerão a effigie do seu Anjo túletar, sendo-lhe alguns destes tão affeicionados, que até no alfinete do peito trazião gravado o seu retrato, e hoje estão uns chuxando 480 rs. por dia, e outros muito mais! Ainda mais, Senhor Redactor, existem na rua da... entre outros, um ex-Capitão de Realengos de Lisboa, que foi aqui Ajudante do façanhudo Rebocho!... E destes, Senhor Redactor, ha um sem numero, que deixo de relatar-lhe por não ser fastidioso.

Agora, Senhor Redactor, pergunto, e desejava muito me esclareça; porque se não fazem recolher estes tão façanhudos Senhores nos seus domicilios, segundo as Ordens e mandatos do Governo? E talvez porque não querem, mas querem sim, que se o seu tão suspirado Messias (do que nós não temos medo) um dia se approxime das nos-

sas fronteiras, elles se ponhão em campo, e que depois dos muitos que cá temos para anniquilar (ao que estão dispostos e decididos todos os bons Portuguezes), nos seja necessario bater mais com estes estranhos, portanto, Senhor Redactor, peço-lhe, que faça alongar a sua Sentinella do posto que lhe é designado, e que passeie pela Provedoria, Sub-Prefeitura, e mais Auctoridades, não lhes escapando a mesma Universidade, aonde existem alguns Archeiros, que forão dos do cacete, e á porta de uns e outros grite ás armas, uma e mais vezes, a fim de ver se á voz de tão vigilante Sentinella espertão; e sem que sejam sanguinarios cumprão melhor com os deveres da Lei!!!...

Sirva-se, Senhor Redactor, publicar em um dos seus proximos Numeros estas tão justas, como necessarias participações, as quaes tem a honra de comunicar-lhe o explorador da sua Sentinella. — Coimbra 2 de Dezembro de 1831. — M. J. T. G.

## Exterior.

Madrid 14 de Novembro.

Assegura-se que o General Mina mandou inutilisar todas as pontes de Navarra.

Um Bergantim Inglez chegado á Corunha no dia 4 do corrente conduz a seu bordo para o nosso Governo 123 espingardas, 28 clavinas, um consideravel numero de pistolas, e meio milhão de pedrneiras.

De alguns dias a esta parte se nota grande actiyidade no Ministerio da Guerra. Um respeitavel exercito de reserva deve occupar a Provincia da Castella, devendo formar parte d'elle os tres Esquadrões de Lanceiros e outro de Guardas de Corpo. Alguns Batalhões de Infantaria, que se achão ao Sul, marchão para Biscaya.

São estes os ultimos movimentos de D. Miguel segundo os Periodicos Estrangeiros. A 15 passou com direcção a Ferrara, a 17 estava em Milão, a 18 enio para Veneza. Em Berlim corria o boato de que no mar do Norte se alistão Tropas pelo mencionado ex-Rel, com intento de desembarcar em Portugal, a despeito da quadrupla Alliança. Procura-se principalmente alistar Suissos, cujo serviço em virtude das capitulações, já findou, ou está proximo a findar. Acrescenta-se que D. Miguel tem em sua companhia um príncipe Allemão, que lhe ha sido sempre muito affecto, que formava parte da sua Corte, e que não o abandonou na sua desgraça.

# A SENTINELLA CONIMBRICENSE.

As assignaturas recebem-se na Loja do Fiel da Imprensa e na Botica do Padre Antonio, na Calçada, N.º 118. Por 3 mezes 720; anual 20.

Publica-se esta Folha tres vezes na semana, terças, quintas, e sabbados. Vende-se onde se assigna. A correspondencia deve ser franca.

## Interior.

Relação dos despachos, que se publicarão na Corte, no faustissimo dia 1.º de Dezembro de 1834, pelo motivo do feliz Casamento de Sua Magestade Fidelissima, a Rainha, a Senhora D. MARIA SEGUNDA, com sua Alteza Real o Serenissimo Principe AUGUSTO, Duque de Leuchtemberg, e de Santa Cruz, Principe de Eichstatt.

### TITULOS.

- O Conde de Sampaio, Manoel, Marquez de Sampaio.
- O Conde de Ficalho, Marquez de Ficalho.
- O Conde de Calhariz, Marquez do Fayal.
- D. João de Menezes da Silveira e Castro, Marquez de Vallada.
- José Felix da Cunha e Menezes, Conde de Lumiares.
- D. Francisco d'Almeida Portugal, Conde do Lavradio.
- Manoel Antonio de Sampaio d'Albuquerque e Mendonça, Conde de Sampaio.
- D. Francisco de Lencastre, Conde de Alcaçoyas.
- Barão de Sá da Bandeira, Visconde de Sá da Bandeira.
- Barão do Pico do Celleiro, Visconde da Serra do Pillar.
- O Conselheiro Luiz Antonio d'Abreu e Lima, Visconde da Carreira.
- O Brigadeiro Henrique da Silva da Fonseca, Barão d'Alcobaca.

### Titulos do Conselho.

- Antonio José Maria Campello.
- Florido Rodrigues Pereira Ferraz.
- Antonio Joaquim da Costa Carvalho.
- Antonio Cesario de Sousa da Guerra Quaresma.
- O Coronel Balthazar d'Almeida Pimentel.

### Grão-Cruzes da Ordem de Christo.

- O Reverendissimo Bispo Conde, Fr. Francisco.
- O Conde de Sabugal.

### Grão-Cruz de S. Bento d'Avis.

O Conde de Villa-Real.

### Grão-Cruzes de S. Thiago da Espada.

O Conselheiro d'Estado, José da Silva Carvalho.

O Conselheiro Antonio Batreto Ferraz de Vasconcellos.

### Grão-Cruzes de N. S. da Conceição.

O Conselheiro d'Estado, Agostinho José Freire.

O Marquez de Valença.

O Marquez de Santa Iria.

Grão-Cruz da antiga e muito nobre ordem da Torre Espada do Valor, Lealdade, e Merito.

O Duque de Palmella.

### Commendadores da Ordem de Christo.

José Guilherme de Lima.

Joaquim Antonio de Sousa.

### Commendadores da Ordem de Avis.

Simão Felix de Calça e Pina.

O Conde de Suberra da Bemposta.

O Tenente Coronel, José de Pina Freire da Fonseca.

O Major, Antonio da Silva Bastos.

O Coronel, Gil Guedes Corrêa.

Thomaz de Mello Breyner.

O Coronel, João Ferreira Sarmento Pimentel.

O Capitão de Mar e Guerra, José Xavier Bressane Leite.

### Commendadores da Ordem de N. S. da Conceição de Villa-Vieosa.

O Brigadeiro José Baptista da Silva Lopes.

O Conselheiro, Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão.

O Conselheiro, Manoel Polycarpo de Sousa da Guerra Quaresma.

O Conselheiro, José Balbino de Barbosa e Araujo.

O Conselheiro, Ildelfonso Leopoldo Bayard.

Official da antiga e muito nobre Ordem da Torre Espada do Valor, e Lealdade, e Merito.

Thomaz de Mello Breyner.

### Cavalleiros da Ordem de S. Bento d'Avis.

Luiz de Mello Breyner.

Antonio Marianno d'Azevedo.

*Pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Guerra.*  
*se publicarão os despachos seguintes.*  
 Os Marechaes de Campo, Francisco de Paula de  
 Azeredo, e José Maria de Moura, Penentes  
 Generaes.  
 O Marechal de Campo Graduado, Marquez de  
 Santa Iria, Marechal Effectivo.

Continuação (de pag. 72) da Descoberta.

Quando minha alma principiava a gozar do  
 repouso, e eu ainda que infeliz na ordem da natu-  
 reza, não tinha algum da minha familia com  
 quem partisse os gostos e encomindos, com tudo  
 os olhos do Mundo parecia mui ditoso.

Eis que uma das Provincias proxima á minha  
 nella de repente se levanta uma guerra, parecen-  
 do que se vai a ameaçar todo o Imperio. Douz testas  
 convocadas a se avião, os homens de ambos os par-  
 tidos corrião cada qual para aquelle de que era  
 apaixonado; e eu bem como todos os meus Colo-  
 nos, e os meus Monges, a quem sem-  
 pre ouvia como conselheiros dos meus destinos,  
 algum tempo estive em indícios e neutraes, até  
 que obrigado pela força da necessidade, segui o  
 partido da honra da liberdade, e comigo todo  
 os meus Colonos, e Monges mais moços; estas  
 erão as minhas idéas de convicção, e tambem  
 porque meu coração ainda se resentia da mais  
 vil tyrannia, que outro qualquer homem terá sido  
 victima.

Uma boa somma de dinheiro, e toda a  
 minha gente, partimos para o teatro da guerra,  
 onde fomos recebidos com applauso (maximas dos  
 homens quando necessitam), e o partido contrario  
 soffreu com a nossa reunião á causa da liberdade,  
 um golpe mortal.  
 Não sei porque fui empregado no Quartel  
 General, onde servi por muito tempo, fazendo to-  
 das as despesas á minha custa; entrei em varios  
 combates, fui ferido tres vezes, e a gente, que  
 me acompanhava, a maior parte morreu. Muitas  
 vezes fui chamado no Conselho dos Ministros, e  
 então é que principi a conhecer quanto os ho-  
 mens estudam a arte de agradar, e tambem jul-  
 gam que a nossa causa estava perdida; mas não  
 foi assim, parece que uma fatalidade a fez revir-  
 ver. Ainda mesmo quando eu era muito neces-  
 sario, já alguns dos membros do Conselho me  
 olhavam com pouca affeição, porém nunca me  
 importou agradar aos homens; sempre segui os  
 dictames da minha razão, e sobretudo da minha  
 consciência. Meus combates erão assás bastan-  
 tes para conhecer, que hia errado, mas só que  
 queria a guerra acabada para ir viver em minhas  
 herdades como um solitario, e meditar sobre as  
 sepulturas de meus pais, e esposa.

As intrigas forão crescendo, o patronato era  
 cada vez maior, e finda a guerra quem mais  
 trabalhou, mais perdeu. Os homens são uns in-  
 gratos, a justiça desapareceu do Mundo, eis aqui  
 o que eu dizia; e voltei para os meus estados (as-

sini se lhe podia chamar). Mas que horror  
 injustiça, e que desesperação! Um Decreto, estin-  
 gue os direitos feudaes, e todos os Monges, e  
 me aqui inteiramente pobre. Uma folha de papel  
 assignada pela mão de um homem, e a minha  
 desgracia, e comigo abdicamos muitos. Todos os  
 meus bens estavam creditados a esta classe, e  
 meus inimigos me desjustigalmpodia, privar della.  
 Os poucos Monges, que tinham escapado da guerra,  
 ra, forão obrigados a venderem todos os seus  
 Colonos, e ficaram assignados do que elles pagou  
 contractos, que tinham feito com os meus inimigos  
 mesmo comigo. Eu dizia, de que serve ao Mundo,  
 a Justiça, o Direito, e a ultima vontade dos Hei-  
 dores? Ah! a mão de um homem, e uma resolução,  
 zombiu de tudo o que quiz demandar, não quiz  
 indignos, e quiz esconder-me aos olhos do Mundo.  
 Sabia que ellees Estados ha muitos annos, e conduzi  
 para este ermo, que se aqui os restos mortaes de  
 meus maiores, e de minha casta esposa. Aqui vou  
 passando estes dias, com o sustento de arvores sil-  
 vestres, e mais alguma industria que com minhas  
 vellias mãos procuro alimentara vida. Eis aqui o  
 mais pequeno debuxo que de possivel da minha  
 triste sorte.

Continuação (de pag. 72) da Descoberta.

Quando o sempre saudoso Duque de Bragan-  
 ça mandava as Autoridades, que removessem  
 das Igrejas, e dos Parochos, as doutrinas da usurpação,  
 tinha em vista limpar  
 os povos dos prejuizos, que semelhantes hoimens  
 lhes fazião receber. Ficamos admirados á vista da  
 má execução da ordem, e do que deduzimos da car-  
 ta do nosso Correspondente, que abaixo inserimos.  
 Será possível, que em Montemor o Velho haja  
 tão escandalosa gente empregada? Como acontece  
 isto? As más informações são a origem, porque  
 se as Cameras informassem a verdade, não po-  
 dião ser providos tão pessimos sujeitos. Como  
 não vogarão as superstições, e as borequidades  
 entre aquelles povos, estando á testa delles os  
 sequazes da usurpação? Ministros territoriaes,  
 pesai as consequências de semelhantes empregados,  
 e fazei conhecer ao Governo o quanto está  
 illudido, pensando ten empregados Consultacio-  
 nales. Veja os nossos Beneficentios, que se seguem,  
 para memor o acreditarem.

Promove o maior reparo, e escandalo a classe  
 de empregados, que se observa na Villa de Mon-  
 temor o Velho, tanto no judicial, e administrativo  
 politico e civil, como nas parochias; em  
 cujas repartições se tem vogado a parcialidade  
 e affeição, e não o puro merito do Cidadão Li-  
 beral.  
 Vê-se, que o Juiz de Fóra daquelle Villa con-  
 serva Escrivão a um José Nunes da Seira, ho-  
 mem o mais afferrado ao systema da usurpação,  
 um satellite da tyrannia, um agente privado das  
 extorsões, e barbaridades, que naquelle termo pra-  
 cticou João José d'Antas Barbosa, Juiz de Fóra

que sentão era naquella Villa, o maior partidista do Usurpador; e tantas relações de amizade, e familiaridade com o ditto Nunes como a habuiz de Pôrto, que até o tomou por seu compadre, e cujo filho se pôz o nome de Miguel, e para exibir em cada momento na memoria dos dous a recordação do nome do Usurpador. Mandou occidir duas azenhas matar na Praça daquelle Villa por arroyo paj Aguiar, e de victoria um cavallo, que foi tomado de Alvaro da Abitunheira na volta de o transportar ao Porto, estando ainda as tropas restauradoras além de outras factos que perpetrou a favor da usurpação, que por bem notorios não precisão apontados. Veloz um Silvano Ferreira, que era ferrador e deste officio passou ao de Escrivão do Judiciario, e promovido por aquelle Juiz José de S. A. Barbosa, conservado ainda nas occupações judiciaes tendo sido outro agente das extorções, rapinas, e tyrannias commettidas no tempo da usurpação, flagello dos povos, e abominação da humanidade. Um Joaquim Duarte da Cunha, feito Provedor daquelle Districto tendo sido Alferes de Meliciás do Regimento da Figueira, e neste mesmo posto passou para o celebrado Batalhão de Voluntários daquelle Villa de Montemor, e esteve em effectivo exercicio até as Tropas restauradoras saírem de Leiria, e Alcobaça. Desgraça qual! Um Padre Antonio da França Campos, E. commendado na Igreja de S. Martinho daquelle Villa, e refutado protector daquelle partidista João José d'Antas Barbosa, que era um seu albaleta, a vigiar as Tropas restauradoras para a retirada das povoações, quando ellas chegassem, que andou com armas na mão a rondar de noite pelas ruas daquelle Villa, em observação de alguma sortida inopinada; que as ditas Tropas fizeram a ella, quando se achava em Alcobaça; que pediu e mandou pedir por seu confidente Manoel Nunes da Serra prestações para D. Miguel de porta em porta, pelos seus Freguezes (e talvez ainda as conservará em seu poder); até aquelle Manoel Nunes da parte de seu amo ameaçava os que não davão com promptificação as ditas prestações, como foi a Martinho de Brito Professor de Grammatica Latina daquelle Villa.

Um Reitor de Alcobaça José Antão de Santa Anna, que andava a esquadrihar os pregadores mais depravados, e que mais mal fallava do Duque de Bragança, e Sr. D. Pedro, que Deus haja em gloria, e de sua Filha a nossa Augusta Rainha, para pregarem na sua Igreja nas funções Religiosas, que nella se fazião; como foi o celebre Franciscano Brega, um Dicono de Coimbra, filho de Justino Rodrigues, Procurador das Freiras de Santa Clara daquelle Cidade, que ambos por se distinguirem em fallar mal contra aquelles Reaes Senhores, foram preferidos para pregar nas Festividades do Santissimo os annos de

1832 e 1833 na Igreja daquelle Parocho, sendo as suas maledicencias apoiadas por demonstrações de jubilo por aquelle Santa Anna, que os fartou de abraços. Parcialidade, afeiçao! Desgraça! Desgraça! Desgraça! Ou melhor suborno! Mão pendente!

Exterior.

Continuação (da pag. 1.ª da Descoberta)

Quando minha...  
Madri 9 de Novembro

O General D. Francisco Espoz e Mina, com Navarros.

Concidadãos: Acabo de tomar posse do commando do exercito destinado a pacificar a nossa Provincia.

Ainda que longe de vós, o meu coração deramava sagittas a contemplar o estado de anarquia em que vos achais. Ha um anno a esta parte, e os males que soffre o pais, que me deu o sertão nomeado na historia por sua aerysolada lealdade, que em todos os tempos quiz comosirado a seus legittimos Sobranhos. E seria sem possibilidade que eu não lamentasse a desolação que experimento as familias de todos os companheiros da da liberdade, que n'outro tempo me derão tantas provas de amizade e consideração. A triste sorte que hoje cabe a esses mesmos camaradas, a este proprio pais, que na guerra da independencia me pozerão á sua frente para sustentar os direitos de nosso legittimo Monarcha e seus Liberdadeis Patrias.

No meio dos meus pedimentos, cuja briagem acaso não foi outra que a da minha sensibilidade pelos vossos males, rendi graças ao Ceo por me ter collocado novamente em estado de renovar nossas antigas relações, e de cooperar de accordo com ellas, e com a força do valente e disciplinado Exercito, que tenho a honra de commendar, para a vossa inteira pacificação, e fuzendo desaparecer do meio de vós o discordio e turbulência, e por este modo da guerra civil, que vos devora.

Em nome da nossa legittima Rainha Isabel II., e por ordem de sua Augusta Mãe, S. M. a Rainha Governadora, vos trago a todos a paz em uma mão, porém com a outra empunharei a espada, e farei uma guerra de extermínio a quantos persistirem na cegueira de despedaçarem as entranhas da mãe patria com sua vendetta criminosa. Sabei pois, que estou autorizado para conceder a paz, ou para fazer a guerra. Vós todes, a quem este aviso toca, eleged.

Conheceis-me Navarros. Sabei que eu nunca fallo em vão. Buscai-me, em paz, vos outros, que viveis extraviados, e principalmente os que levais essa miseravel vida errante: depondê, entregai as armas, e retirai-vos a vossas casas. Eu vos affianço a vossa segurança pessoal, e goza pacifico de vossas fortunas, e o livre exercicio de

vossas occupações. Os que quizerdes continuar a carreira das armas, servireis debaixo das minhas ordens até á inteira pacificação nos corpos que hei de formar no paiz; e depois dependerá da vossa vontade proseguir no serviço, ou retirar-vos a gozar dos premios de que vos tiverdes feito credores por vossa boa conducta e merecimentos. Se assim o não fizerdes, dando-me lugar a que ponha em acção a força do Exercito, e os outros meios e facultades de que posso dispôr, não valerão mais, chegado esse caso, as supplicas de nenhuma classe para abrandar o rigor das medidas que tenho meditado, e que serão irremissivelmente executadas.

Desde já declaro que todo o individuo que for encontrado pela tropa extraviado das estradas reaes no tempo, que decorre desde o pôr do sol até amanhecer, e não justificar alli mesmo a sua procedencia, será immediatamente passado pelas armas. — No Quartel General de Pamplona 4 de Novembro de 1834. — Francisco Espoz e Mina.

*Idem 13 de Novembro.* Uma carta de Turim de 22 de Outubro ultimo, traz as seguintes promeças:

O dinheiro do ultimo emprestimo já se acabou ao nosso Governo não tardará em abrir outro novo. Todo o dinheiro se empregou em fomentar as maquinações Carlistas. Tem-se dado mais de treze milhões para as tentativas e esforços sem fructo de D. Carlos para a expedição de Romagosa, e para o frete de alguns navios em Genova que devem servir para D. Miguel. Hoje tem-se encontrado outros pretextos para dar varios milhões aos comités Carlistas. Sabe-se, que uma Companhia de Nacionaes, principalmente de Genezes, propoz ao Governo o projecto de um grande caminho de ferro, que deve ir desde Genova a Ardena, a Turim e a Corale, e por assim em comunicação á commereu de Genova, e de Piemonte com a Lombardia, com Wurtemberg e com a Baviera. A resposta tardou muito tempo a vir; porém a final o Rei encarregou esta empresa Carlista, fazendo-lhe um adiantamento de 8 milhões de francos.

Segundo as notícias que circulão nas Turquias, a Austria não tendo já que lutar com a firme decisão de D. Pedro, entervirá hoje com energia nos negócios de Portugal, a fim de instar ao projecto do casamento de D. Maria com D. Miguel, cujos esposaes se fizeram ha annos em Vienna. D. Miguel prestará um novo juramento á Constituição, observando-a como o primeiro para entrar em Portugal.

*London.* O Times faz varias reflexões sobre um artigo da Gazeta d'Augsburgo, destinado particularmente

a elogiar a politica do gabinete de Vienna, e do Principe de Metternich, que se acha á frente da administração daquelle Imperio. Não nega o Periodico Inglez os esforços e habilidade do primeiro Ministro d'Austria, que depois da batalha de Wagram tem sabido conduzir com destreza as relações politicas do seu paiz com as demais Potencias, alentar o espirito abatido dos Austriacos, e manejar com tino as combinações que entabou para derrubar Napoleão; porém diz que este vigor e alento são devidos aos principios Liberaes, que então proclamou o primeiro Ministro, e á sombra dos quaes corrêrão ás armas milhares de individuos para defenderem os seus Soberanos e a sua Patria.

O *Standard*, reflexionando sobre o mesmo artigo, diz: alguns dos Jornalistas nossos contemporaneos têm criticado um artigo da Gazeta de Augsburgo sobre o systema seguido pelo Primeiro Ministro da Austria. Nunca nós fomos os panegyristas de nenhum systema, que tenha por base circumscrever os limites do entendimento humano; pelo contrario temos sempre desapprovedo os pontos cardaes da politica da Santa-Alliança; porém os que censurão o Principe de Metternich, devem estender mais suas vistas, e olhar as cousas de mais longe. Este homem d'Estado encontrou no seu paiz subjugado pela arrogancia de um poder estrangeiro, posto nas mãos daquelle, que se dizia o filho predilecto e o campeão da revolução, e que tendo nos labios palavras de liberdade, exercia de facto um completo despotismo. O Principe de Metternich conseguiu sacudir o jugo a viltador, que pesava sobre os seus compatriotas, e se com os olhos fitos na Branca tem mostrado modo ás innovações no systema politico do seu paiz, não é cousa que devesse maravilhar-nos. O estado interior da Austria é superior a qualquer outro dos povos do Continente, onde impera um Governo absoluto; a sua politica é pacifica, e todos os seus esforços, desde que se concluiu a guerra continental, se tem encamiuhado a manter a tranquillidade da Europa. Se pois os Austriacos se mostrão satisfeitos com o systema de governo observado pelo Principe de Metternich, não conhecemos o direito com que se censura o systema deste Ministro.

**ANNUNCIO.**  
Está a imprimir-se a Folhinha de Reza para o Bispado de Coimbra, para o anno de 1835. — Esta Folhinha he enriquecida de varias Rezas novas, que depois se podem tirar para qualquer livro de Reza. Vender-se-ha por preço muito commode nas Lejas da Imprensa da Universidade, na do Livreiro Paula, em Quebra-Costas, e na Botica do Padre Antonio, na Calcada.

# A SENTINELLA CONIMBRICENSE.

As assignaturas recebem-se na Loja do  
 Papel da Imprensa e na Botica do Pa-  
 dre Antonio, na Calçada, N.º 118.  
 Indivíduos para os annos de 1834  
 por 500 réis.

## Interior.

Continuação (8.º pag. 74) da Descoberta.

Quanto não tens sido desventurado! Quanto te não tem sido adversa a sorte! Tantos padecimentos, e tantas desventuras! Tantos serviços a um Reino ingrato; que não quiz receber teus conselhos salutares! Custava avel sem duvida a educação dos Principes; e senhores de sua vontade não querem ouvir a franqueza da razão, e nem a singeleza da verdade; e habituados a verem pelos olhos d'outro, não peão as consequencias da sua inacção. Um Ministro dispõe a sua vontade da firma do Imperante; e em seu nome tão practicaadas as mais atrozes barbaridades. A adulação é o forte escudo dos cortezaos; lisongeando os Principes; a quem fazem corta, e os inhabilitão para ouvir a verdade; a acção mais insignificante e ridicula, é um dicto sentencioso, é um cumulo de bellezas, quando a maior parte das vezes mal sabem escrever seu nome. O Direito das Gentes, e mesmo o de seus Nacionaes he é absolutamente estranho; e não conhecem desgragadamente as obrigações pesadas, que contraem, logo que estão collocados á testa da Nação, que regem. Deixemos esses ares impastados e funestos, que girão e circunão nas côrtes de todos os Imperantes; e volvamos á minha Patria. Eu ambiciono ouvir os teus conselhos, e desejo saber tuas opiniões: mas como ha tantos annos, que estás sem communicação com o mundo politico, eu principio por te dar uma breve descripção dos ultimos acontecimentos da minha Patria, para depois te expor o que me melancoliza.

A minha Patria é Portugal (omitto descripções Geograficas, para não ser prolixo); este pequeno Reino tem sido desde a invasão de Junot um theatro continuo de desordens. Por occasião da entrada do exercito Francez na minha Patria, commandado por aquelle General, a Rainha, então Reinante, D. Maria I. com o Principe D. João, e resto da Familia Real, emigrarão para as conquistas d'America, e ficou todo o Reino sujeito á

Publicação esta Folha tres vezes na semana, duas de manhã, quinta e sabado, e uma de tarde. Endereço onde se assigna. A correspondencia deve ser frequentissima.

descripção da França. O brio da Nação Portugueza procurou sacudir o jugo dos seus conquistadores, e reagiu contra elles. Neste tempo se formou a Liga, que depois destruiu a Imperio de Napoleão, e ficou Portugal sujeito á administração de uma Regencia, que não fazia mais, que practicar as ordens da Inglaterra. O Exercito Portuguez achava-se todo commandado por Officiaes Ingleses, cujo serviço continuou depois da paz. As desordens foram taes, que a Nação já impaciente s'armou, e proclamou os seus direitos de liberdade, e se nomearão representantes da mesma Nação para formar uma Constituição adoptada ás circumstancias da Nação, o que aconteceu em 1820. D. João VI., que a esse tempo já tinha subido ao Throno por morte de sua Mãe, a Senhora D. Maria II, accedeo á vontade da Nação, e jurou a mesma Constituição. Desordens posteriores derribarão este systema; e pela morte de D. João VI., em 325, o Principe da Beira D. Pedro, Imperador no Brasil, porque se tinha tornado independente, nomeado successor ao Throno, e abdicou em sua Filha D. MARIA (que hoje nos reger), á qual em consequencia de seu Pai se ter tornado estrangeiro, pertencia o Reino por ser Princesa Portugueza, nascida antes da independencia do Brasil, e filha do Natrão no mais velho, e se deu á Patria, que o vio nascer, uma Constituição, que foi publicada e jurada em 1826. Deste tempo teve a Regencia do Reino a Serenissima Infanta D. Isabel Maria. A facção despota levantou a guerra civil em Portugal; mas sendo debellada, s'emigrarão para a Hespanha os restos dos seus sectarios. Accresce a isto, que os partidistas do despotismo proclamavão D. Miguel, filho 2.º do defuncto Rei, successor á Coroa, e Rei absoluto. O Imperador do Brasil, querendo conciliar os animos, propoz casar a Rainha, já a esse tempo reconhecida e jurada tal pela Nação, e reconhecida pelos Estrangeiros, com seu irmão o Infante D. Miguel, então residente na Corte de Vienna d' Austria, com as condições de sustentar as instituições juradas, e não tomaria o titulo de Rei, se nao quando tivesse successor, e que tomaria a Regencia do Reino, em quanto a Rainha ainda Menina

não estivesse em estado de casar. Jura este per-  
 vero as condições e como Regente entra em Por-  
 tugal, onde vai entornar a taca da desventura.  
 Os amigos do despotismo o rodeião, apparece em  
 diferentes pontos já d'antemão preparados a  
 proclamação do Infante como Rei absoluto, es-  
 tando-se a todo o Reino o seu mandato, e elle  
 perjuro, aceita o titulo de Rei d'uma vil capa-  
 lha, que obrigada da sua protecção, ousa insultar  
 tudo, quanto mostra idéas contrarias. A semi-  
 pre Heroica Cidade do Porto reage a esta serie  
 de perjuros, proclamão-se os direitos da Augusta  
 Rainha, que nos rege; uma infidelidade de Milita-  
 res e Paizanos correm ás armas, e não sei por que  
 desventura, são obrigados a deixarem sua Patria.  
 A Ilha Terceira foi o unico ponto, onde se conser-  
 vou firme a fidelidade a Carta, e a nossa Soberana;  
 aqui se reunio a maior parte dos desventurados,  
 os quaes com todo o denodo rechaçarão as forças  
 do Rei intruso, que pertendia roubar-lhe aquelle  
 asylo. Suportarão aquelles Heroes emigrados a  
 fome e o desprezo em paizes longinquos, em quan-  
 to no centro do Reino fervia o roubo, a prisão,  
 a vingança, e tudo quanto se pôde imaginar máo.  
 As prisões encherão-se de innocentes victimas, que  
 perdendo sua Liberdade e casas, ainda hoje pas-  
 seião no mesmo terreno, sem serem indemnizadas.  
 Milhares de familias foram lançadas nos horrores  
 da miseria, e muitos foram victimas da fome.  
 Aquelles, que soccorrião estes desventurados da  
 fortuna, e não da honra, erão perseguidos da  
 mesma forma pelos infames sectarios da mais vil  
 usurpação; em fim corria o sangue do innocente  
 no lugar do opprobrio pela mão de algúz!!! A  
 proscricção vagava furiosa por todo o Reino, o  
 amigo perseguia o amigo, o pai o filho, e o filho  
 o pai!!! Poderá occorrer maior flagello no centro  
 da sociedade! Poderá apparecer maior mal, que  
 dilacere uma Nação! Ah!!! só, quem presenciou  
 tão terribes scenas, pôde fazer idéa dos tormen-  
 tos, que foram soffridos.  
 Assim correu quasi todo o anno de 28, e suc-  
 cessivos, até que o Imperador do Brasil deixando  
 o Imperio, que abdicou, veio á Europa, e jun-  
 tando os emigrados com mais alguns voluntarios  
 Estrangeiros, fazendo ao todo o numero de 73500  
 homens, sem Cavallaria, nem Artilharia bem  
 equipada, veio conquistar o Reino de sua filha,  
 que o intruso Usurpador tinha defendido por um  
 Exercito de 80,000 homens de todas as armas.  
 Desembarcou nas praias de Mindello, a 2 para 3  
 leguas do Porto, em Julho de 1832. Foi cercado  
 naquella Cidade pela maior parte do Exercito  
 Usurpador, seus habitantes, que correrão as ar-  
 mas, soffrerão por espaço de onze mezes o mais  
 rigoroso assedio, que se pode imaginar, lutando  
 ao mesmo tempo com a peste, fome, e guerra!  
 Deixo em silencio a tomada do Algarve e Lisboa,  
 cuja descripção levaria longo tempo, em fim, de  
 victoria em victoria o Usurpador ia perdendo  
 terreno, e forças, até que sendo de todos os lados

batido, capitulou em Evora-Monte, e saio de  
 Portugal, dando uma amnistia o ex-Imperador  
 Duque Regente, em que se perdoava a todos os  
 sectarios da usurpação. Eis em muito pouco espa-  
 ço os ultimos e principaes successos, que tiveram  
 lugar na minha Patria. Mas isto, que te acabei  
 de expôr ainda não me affige tanto como oc-  
 currencias, que vais ouvir, e sobre que, peço,  
 digas o teu sentir.

Não estejas receoso da minha franqueza (he  
 responde o solitario) eu sei pela propria experien-  
 cia, o quanto custão as ingratições e desordens  
 d'uma Patria, que se estima, eu sei o quanto é  
 custoso apropriar á ordem das cousas invetara-  
 das, uma nova organização, a qual de necessi-  
 dade provejo defeituosa, e pouco a pouco deve  
 ser feita uma reforma.

Ah! Se a reforma fosse, como devia ser, feita  
 com madureza e prudencia, não lamentaria eu  
 tanta desordem: a precipitação no obrar nunca  
 produz effeitos coordenados, mas resultados mistu-  
 rados de confusão. A minha Patria era governa-  
 da por uma legislação em parte boa, e em mui-  
 tas partes viciosas. Pagavão-se fóros de differen-  
 tes natureza, como os dizimos etc., os quaes foram  
 extinctos primeiro nas Ilhas dos Acores, e depois  
 se fez extensivo o Decreto ao Reino. A agricul-  
 tura estava gravadissima, e a industria Nacional  
 não foi, nem é protegida. Os dizimos formavão  
 em parte a sustentação dos Parochos, e dos  
 Titulares, e formavão os fundos das rendas da  
 Universidade. Porém tanto a um como a outro  
 respeito elles estavam muy longe da sua institui-  
 ção, gravavão a agricultura, e o Thesouro Na-  
 cional quasi nada percebia d'isto, mas perce-  
 bia muito d outra maneira, que era a collecta  
 paga pelos Donatarios, e Clerigos beneficiados,  
 e dos regulares. O resto dos fóros, quer a dona-  
 tarios, quer a Nação, foi igualmente extincto,  
 excepto decimas e cizas. Os direitos d'importa-  
 ção foram reduzidos a 10 por cento nos generos  
 estranhos importados. Estabeleceo-se nova forma  
 judiciaria, e de recepção do producto das decimas  
 e cizas, pagos os empregados pela Fazenda  
 Nacional com não pequenos salarios. Aos Pa-  
 rochos prometteo-se-lhe uma congrua de susten-  
 tação sem perceberem dos seus parochianos a  
 mais pequena paga, e ainda se lhe não deu cousa  
 alguma.

Não accumules tanto (interrompeo o solita-  
 rio) vamos com mais miudeza, para em melhor  
 te poder satisfazer: Quando uma Nação muda  
 de Governo, e esta mudança é destinada emen-  
 dar vicios, quer em Legislação, quer em outra  
 qualquer cousa, nunca deve haver precipitação  
 na reforma. Em primeiro lugar o reformador deve  
 ter em vista — civilisação, industria, commercio,  
 e agricultura. Oxala que o Governo da  
 minha Nação assim começasse; mas não aconte-  
 ce assim: so se trata dos benesses de certos indi-  
 viduos, em quanto o resto da Nação geme atro-

pelada. Mas continua; e não quero interromper as tuas ideias.

Uma Nação (continua o sôntario) sem civilização, e uma Nação selvática, e o ter qualquer Nação civilizada a alguns respeito, e não os ter no resto, não deixa por isso de poder ser olhada com desprezo pelo mundo civilizado.

A tua Nação, segundo as ideias que ainda conservo de Geografia e Historia, e muito familiar e supersticiosa, e bastão estas duas partes para mostrar o atraso da sua civilização. A civilização em todas as Nações anda sempre a par das letras, e sem o conhecimento d'ellas jamais poderá despir-se de prejuizos, que sempre devem por obstaculos a propagação das ideias liberaes n um Governo representativo. Ora, para se dar propagação das Luzes, é necessário premiar, auxiliar, e até mesmo sustentar os homens de genio, que tendo por modo a subsistencia certa, não podem deixar de se estorçar na propagação dos conhecimentos scientificos, e os seus discipulos cheios de luzes são nos seus districtos outros tantos focos luminosos, que devem ir espalhando entre os seus compatriotas, as luzes, os conhecimentos uteis nas letras, artes, commercio, e agriculturas; porem isto não é obra de dias, leva annos o trabalho, para depois se conhecer a vantagem.

Mas, como principiaes as tuas reflexões pela civilização Nacional (interrompeo a Sentinella), permite-me a exposição, que vou fazer. Portugal não tem mais, que uma Universidade, e duas Academias. A Universidade tinha os seus rendimentos dos dizimos pela maior parte, ou melhor, quasi em totalidade: este rendimento foi supprimido, e agora estão os Lentes mui descontentes, e a mesma Nação, por conhecerem, que estes interessantes empregados não podem ser regularmente pagos, porque ainda se não sabe, se as suas pensões entram na receita Nacional: e mais se lancarmos os olhos sobre a caterva d'empregados nas diferentes Repartições, que o Governo tem empregado nas suas reformas, que differença nos subsidios! Vê-se um porteiro d'uma Repartição, um homem, que não tem mais trabalho, que abrir, e fechar portas, um outro com 600 000, 800 000 rs. e mais, quando um Lente proprietario na Universidade tem 600 000, e um Lente de Prima 800 000 rs.! Um homem, que continuamente canca os seus dias no estudo, um homem ou homem, de quem depende a illustração das Letras n'uma Nação tão ridiculamente premiados! Que gosto podem fazer do seu trabalho assiduo? Como poderão emprehender com zelo a penosa tarefa das Letras, sendo tão desproporcionadamente brindados em comparação d'outros, cujo trabalho, e consequencia não tem paridade? Está para sair uma reforma para os Estudos da Universidade, que leva mais tempo a fundir-se, que a Esttua Equestre de D. José I., e a tal Commissão do Enzido Público,

nomeada pelas nossas Cortes parece que e bem zorra nos seus trabalhos, que ha tanto tempo em reflexões de reformas, ainda não apparelhou coisa alguma. Por outro lado fez-se uma precipitada reforma nos Lentes da Universidade em consequencia d'opinões politicas, e foram dimittidos uns, e chamados outros; que tem tantas culpas no cartorio, como os outros, e hena logo parecerão as antrosidades do Collegio de S. Paulo em 1822 para 23! Demais, terão riscados homens, que tinham protegido muito e muito os perseguidos pelo Usurpador, e outros, que durante a peste prestarão todos os serviços a humanidade!

(Continuar-se-ha.)

**Exterior.**

**Paris 9 de Outubro.**

O Capitão Sueco Lindeberg, que fora condemnado á morte por ter publicado um artigo contra o Rei Carlos João, e que por algum tempo preferiu soffrer a execução da sentença a reconhecer o poder da Lei, que o condemnára, acaba de ser agraciado em virtude de uma amnistia geral concedida pelo Rei. E se a mesma outra vez colloborava do na redacção do mesmo Jornal.

**Idem 11 de Novembro.**

O Diario Official do Grão-Ducado de Hesse publica uma especie de proclamação do Grão-Duque, destinada a explicar os motivos, que o decidiram a dissolver novamente a segunda Camara dos Estados. Este Principe declara, em um Decreto referendado pelo seu Ministro de Thil, que a dignidade do Governo em suas relações com os Estados estava mui comprometida por causa de que se passara nas ultimas sessões, e que fora necessario interromper de novo os trabalhos legislativos; e apresenta a sua lista a primeira vez que se dissolve esta Camara d'Eleitores, e conclue o Grão-Duque, em que meditem, com a maturação sobre o que devem fazer, e que examinem se uma Camara, que está em hostilidade directa e permanente com o Governo, pode procurar o bem do Paiz; porem qualquer que for o resultado das eleições, declaramos a nossa invariavel resolução de nos oppormos a qualquer tentativa, dirigida a diminuir, nossos direitos soberanos.

**Batona 5 de Novembro.**

Muitos habitantes da Navarra tem corrido a

alistar-se debaixo das Bandeiras de Mina. Assegura-se que elle marchará em breve sobre os rebeldes

Em consequencia do movimento executado por Orán, as Juntas Carlistas de Guipozcúa, e da Navarra serão obrigadas a fugir, e a dispersar-se em Cinco Villas, Orán as fez perseguir. Este General tem combinado as suas operações com as de Pastor. O Commandante de Irun, que as partidas insurgentes ameaçavão continuamente, acaba de receber reforços. O General Osma estabeleceu guarnições em Ernani e Oyazun, e suas casas foram fortificadas.

Apezar das pomposas palavras dos Boletins Carlistas, tudo parece annunciar, que, graças á actividade que Mina vai dar ás operações, a luta contra a insurreição Carlista terminará bem depressa a favor da Rainha.

Merino vivamente perseguido na Castella pelos Brigadeiros Obregon e Peon, havia passado em Charcas soamente com vinte cavallos, tendo sido abandonado por todas as outras suas forças.

Parece que a pequena vantagem, que os rebeldes da Navarra alcançavão a 27, fizera voltar á cabeça á D. Carlos.

A Eleição, Jornal de Bordeos, publica em o numero de 4 deste mez um projecto de constituição, que o Principe desejava tinha já apresentado ás Juntas da Navarra e da Biscaia.

Bayona 11 de Novembro.

Com data de 8 do corrente nos particião da Fronteira, que por algumas pessoas vindas do Bastan se sabia, que no dia 7 de manha chegara aquelle valle uma Divisão de Tropas da Rainha (a do Brigadeiro Ocar) procedente de Pamplona. Ignoramos qual seja o objecto deste movimento, pois é sem duvida, que já não ha necessidade de occupar este ponto, pois que a guarnição em uma sortida, que fez ultimamente, lançou para longe, e desordenou as partidas de Sagastibela, na occasião em que começavão a levantar trincheiras a pouca distancia da casa fortificada da misericórdia.

A Junta rebelde permanecia em Lesaca, onde chegarão no dia 6 dez bestas de tiro, apanhadas, segundo dizem, em Onato. Segundo as noticias, que então circulavão em Lesaca, esperavão-se alli a chegada de munições de guerra, artilheria, etc.; porém não consta que até ao presente nada disso tenha apparecido.

Escrevem de Pamplona, que o General Mina já bem; suas forças se restabeleçião, e que era provavel que muy brevemente saísse a campo.

Avisão dos Alduides o seguinte:

Zugarramurdi, em cumprimento das ordens do General Lorenzo, tem augmentado as fortificações de Elisondo; todos os becos e villas, que

conduzem da unica rua, que fórma a povoação, ao campo por um lado, e ao Bidassoa pelo outro, tem sido tapadas com defensas, e parte da guarnição da casa fortificada da misericórdia se estabeleceu na povoação. Depois da saída do General Lorenzo não se tem passado um dia sem buvaltiroteio; porém o resultado é nullo.

Assegura-se, que o Brigadeiro Oráa, tendo já encontrado livre do bloqueio o ponto de Elisondo, estava fortificando o de Santo Esteban no valle de Bastan.

Pamplona 16 de Novembro.

Cartas daquella Cidade contão uma curiosa anecdota do General Mina. Parece que em 1830, offerecêra o Cabbido daquella Sé de seu motu proprio 6000 cruzados de premio a quem appresentasse a cabeça deste General; elle agora appresentando-se pessoalmente, reclamou os 2:400 \$000 rs. para com elles attender aos gastos da guerra, que não obrará tanto como os salvados o intentão, porque tal é o effeito da presença do bravo Mina, que principião a debandar-se os Carlistas, e desertarem para as fileiras da lealdade, e da Liberdade.

As Cartas de Corfú annuncião, que a Ilha de S. Marcos será d'ora em diante independente, graças á intermediação dos Embaixadores Proprios juntos á Corte de S. Paulo. Os habitantes da Ilha convierão em pagar o tributo annual de quatro mil piastras; porém em recompensa ficão livres para poderem eleger os governadores e as autoridades que forem do seu agrado.

ANNUNCIOS.

Acha-se á venda na Loja de Antonio Lourenco, defronte de S. Christovão, Ensayo sobre a verdadeira origem, extensão e fim do Governo civil por J. Locke, traduzido de Inglez para Portuguez por João Oliveira de Carvalho, e offerecido aos Portuguezes Constitucionaes, como Principios Fundamentales para a Consolidação da Carta Constitucional, datada em 29 de Abril de 1826. — Preço 600 rs. metal.

Acha-se á venda na mesma Loja os seguintes folhetos, por Custodio Rebello de Carvalho — Das eleições em Inglaterra segundo o novo acto da reforma, comparadas com as eleições feitas em Portugal. Preço 360 rs. — Bares de todo o Governo representativo. Preço 200 rs. — Da formação de um Ministerio Constitucional. Preço 160 rs.

Na Loja de João Luiz Gonçalves e C. na Rua de Quebracostas desta Cidade N. III se vendem Reportorios, e Folhinas de diferentes qualidades.

# A SENTINELLA CONIMBRICENSE.

As assignaturas recebem-se na Loja do Fiel da Imprensa e na Botica do Padre Antonio, na Calçada, N.º 118. Por 8 mezes 720, anualmente 20

Publica-se esta Folha tres vezes na semana, terças, quintas, e sabbados. Vende-se onde se assigna. A correspondencia deve ser franca.

## Interior.

Continuação (de pag. 79) da Descoberta.

Continuou o Solitario. Um erro d'Economia Politica, ou mais. Quando os tributos vexão a Agricultura, e quando se propõe uma reforma na arrecadação dos fundos Nacionaes, deve primeiro calcular-se a receita Nacional, não desprezando o minimo estabelecimento, a que o Governo deve dar impulso para a boa ordem e augmento dos conhecimentos a qualquer fim, que se dirija. Outro erro é amontoar empregados sobre empregados, que na totalidade vexão muito nos seus emolumentos a Nação, e tanto vexão, quanto a tua Patria precisa de economisar, depois de tantas despesas forçadas. Porém voltando á Universidade da tua Patria, logo que o Governo a mandou abrir devia immediatamente apontar, o como, e em que tempo, e por que Repartição devião ser pagos os empregados d'ella. Devia o mesmo Governo propôr avultados premios a aquellos, que mais se distinguissem no ensino, e cujos escriptos merecessem servir de norma ao ensino publico. Devia por todos os meios, de que podesse dispor, a fim de propagar com todo o esforço os conhecimentos literarios, e uteis, por que sem isso podes estar certo, que jamais a tua Nação podera fazer progressos na civilisação, e literatura. E um Governo, que não faz isto, gosta mais do despotismo, que sempre se basea na ignorancia, que da Liberdade da Nação, que governa: em uma palavra, o Governo inimigo das sciencias, é um inimigo da humanidade. Uma commissão d'homens doutos, sisudos, e rectos devia proceder a reforma dos Mestres; a qual, cobrindo os factos politicos d'uns e d'outros, os pesassem na balança da Justiça imparcial; demittissem os escandalosos, nunca soffrendo falta o ensino publico. Nem só quem emigrou, e esteve preso fez serviços a Causa da Liberdade: muitos que estavam vivendo no meio dos sectarios do Usurpador, serviuo d'amparo ao resto dos amigos da Liberdade, evitando a sua desolação, e serviços taes tambem são dignos de conceito, e estima.

Eu conheço (interrompeo a Sentinella) alguns, que até mesmo protegerão os Constitucionaes, e até os protegião as redes soltas, evitarão muitos de irem gemer nas cadeas, fizerão com que outros fossem soltos; derão asylo em sua casa a muitos perseguidos, e até mesmo sustentarão familias, a quem os seus recursos tinham sido roubados, e as suas idéas são Liberaes, por intrigas, e inimizades forão dimittidos.

Effeitos terriveis das paixões (diz o Solitario), que em todo o tempo desacreditão a especie humana, e ultrajão a Justiça!

Nada ha mais escandaloso, nem mais máo, que cobrir as rixas particulares com o manto do bem publico, e do zelo Liberal. O choque das paixões é inevitavel nas colisões politicas, e quando se trata de serem feitas semelhantes reformas, deve deixar-se passar a effervescencia dos animos, para não dar lugar ao effeito dos odios. A prudencia d'outro lado tambem determina, que se evite a mocidade todo aquelle, que a pôde seduzir, e allucinar; e muitas vezes a dependencia dos Discipulos os obriga adoptar opiniões, que os Mestres lhes dictão, e que no futuro não tem boas consequencias. D'outro lado depende dos Mestres o fazerem conhecer o peso da Lei, e da Justiça, animar os Discipulos a submissão á mesma Lei, e que se algum tempo forem executores d'ella, a fação respeitar, e executar imparcialmente, para que a igualdade não seja lesada, e se não verifique o terrivel costume «a Lei só tem força sobre o fraco» porque, não sendo assim o descontentamento apparece desenvolver-se a cabala, e a Justiça é entorpecida: n'uma palavra sejam respeitadas as prerogativas do Cidadão, e tudo respire uma justa igualdade.

Ah! (lhe responde a Sentinella) quem me dera viver n'um seculo d'ouro, em que essa igualdade perante a Lei fosse respeitada por todos, e que a mesma Lei fosse tão forte, e pesada ao rico, assim como ao pobre, e que fosse executada imparcialmente. Porém não acontece assim, a igualdade existe só em papel, quem mais protecção tem, melhor é servido, e é excluido aquelle que por seus serviços, e zelo no bem

da Patria, tem direito a compaixão publica, e direito, que até os mesmos selvaticos talvez respeitassem. As mudanças politicas tem só produzido proveito para aquelles, que se dizem altos colaboradores na emigração, e aquelles, que vierão encontrar suas casas, e bens em um estrago indissolvel, ainda esperão pela misericordia do Senhor.

Bem podés conhecer (continuou o solitario), que é impossivel a Nação empregar tantos individuos, quantos emigrarão, pegarão em armas, ou forão presos; porém o Governo, por via de regra, devia primeiro promover a empregos aquelles, que mais serviços tivessem, e que tendo aptidão, para o que fossem nomeados, erão outras tantas columnas, que zelosas sustentavão o edificio da Liberdade. Pelo contrario, empregando já inimigos, já indifferentistas, quer uns, quer outros quidão só nos seus interesses, e não se doem das más administrações; e o resultado é um dissabor, que pôde muito bem ser funesto á mesma Nação, obrigando-a a dar um passo retrogrado, o que é muito, e muito terrivel.

Conheço (diz a Sentinella), que é um impossivel empregar tanta gente, quanta tem direito a selo; porém como estavamos tratando da civilisação, e como no meio das armas viajei algumas terras do Reino, não posso deixar de te fazer sciente d'um projecto, que li: projecto apresentado pelo Governo as Cortes, para fazer estradas, pontes, e canaes, para facilitar o commercio.

Nada ha mais justo, e necessario: mas eu vi, que em muitas terras não se encontrava um homem que soubesse escrever o seu nome: todos jazem na mais crassa ignorancia, e até mesmo no centro d'algumas grandes povoações provinciaes se encontra este mesmo deficit. Ora como ha de progredir a civilisação Nacional, se o Governo em vez de promover o gosto as letras, trata só de pontes, estradas, e canaes? Se ha de olhar com zelo por este quesito, só cuida em estabelecer uma infinita serie de Magistrados pagos pela Fazenda Nacional, que sobremaneira vão pesar sobre a receita Nacional? Como ha de progredir a luz literaria no meio de semelhantes descuidos? Eu conheço, que os males são tantos, que não me atrevo a declarar, por que parte se deva principiar a applicar o remedio.

Seja qual for o mal (diz o Solitario), elle não pôde deixar de beber a sua origem na ignorancia; por consequente, o primeiro passo, que o Governo, amante da Nação, que rege, deve dar, é primeiro cortar as raizes a ignorancia, porque sem ella ser extirpada, nem o Governo pôde ser estavel, nem as reformas podem vigorar, e sem illustração não pôde florecer a industria, companhia inseparavel da civilisação, e que anda sempre a par della. Eu não posso reprovar inteiramente o comportamento do Governo a respeito de construcção de pontes, estradas, e canaes, o que facilita o commercio interno, porém

antes devião deixar estas obras para melhor tempo; e procurar com anela, e esforço o deepar todas os obstaculos a propagação literaria. O que não approvo é a multidão infinita d'empregados judiciais, pagos pela Nação, segundo dizes. Os principios de Justiça administrativa, assim como os d'Economia Política oppoem o semelhante medida. O Juiz, a quem os litigantes pagão, e que da paga recebem o seu sustento, para comêrem necessitão de fazerem progredir os processos, e tendo o rendimento certo, pago pela Nação, já-mais se importão do andamento do processo, e consequentemente demora os despachos; e de mais, que importa á Nação o serem pagos, ou deixarem de o ser os Ministros, pela Repartição da Fazenda? Pagaem os que movem os pleitos, porque dahi não conheço vantagem real. Por outro lado, tão grandes serião as rendas de Portugal, que bastem para tanta despesa? Talvez que no fim do anno haja um grande deficit, que não seja facil de remediar; e o mais prudente era economisar, quanto fosse possivel, para que o Thezouro Nacional sempre tenha sobejas applicaveis a uma crise, que em todas as Nações pôde acontecer, e nunca hajão faltas, as quoes setpre são funestas.

(Continuar-se-ha.)

Um só homem é capaz de conceber grandes empresas; mas a execução dos grandes projectos é resultado da união de vontades, e de combinação de esforços. Provas palpaveis destas verdades temo-as visto, e estamos constantemente observando tanto no mundo fisico, como no moral; assim vemos formarem-se associações ou companhias para fazer estradas, para abrir canaes, para construir pontes, etc. etc. Igualmente para dar maior movimento ao aperfeicamento moral da especie humana, ao progresso inevitavel das luzes e da civilisação, achamos em toda a parte associações filantropicas, e literarias. E tão evidente e certo o effeito das associações, que os inimigos de todo o bem — os Despotas e os Benzos — para retrogradarem, ou ao menos suspenderem o progresso das luzes e da civilisação, também formam associações bem conhecidas com os odiosos e improprios nomes de Santa Alliança e Junta Apostolica.

Nesta Cidade temos uma Associação Patriótica — a Assemblêa Conimbricense — instituição filha das idéas do tempo, duas vezes util, em quanto facilita a instrucção de seus membros pelo leitura de Jornaes Politicos e Literarios, e dá impulso á civilisação, que entrê nós (com magoa o dizemos) está ainda na infancia. Constatos que o numero dos membros daquella associação pouco excede a 100, o que muito nos admira, pois que só a metade deste numero deveria sair de empregados da Universidade, e a Cidade tem muito mais de 100 habitantes, que possão annualmente contribuir com a modica annuidade de

6760. Também sabemos, e com maior admiração, que bastantes pessoas derão o seu nome para concorrer para o estabelecimento desta utilissima associação; depois se retirarão, recusando pagar a entrada, e o importe dos mezes de Outubro, Novembro e Dezembro, e isto por motivos futeis, ridiculos e vergonhosos. Só d'um nos consta, que mereça desculpa sua retirada. O limitado numero de Socios tem feito com que a Assemblêa se tenha só restringido a Gabinete de Leitura, e apenas deu signaes de vida, quando a Direcção Geral da Assemblêa determinou celebrar o suspirado consorcio da nossa adorada Bailha com um chá publico, e um soccorro pecuniario aos presos das Cadeas da Cidade. Soubemos com prazer, que a vontade de todos os Socios estava d'accordo com a resolução da Direcção. No curto espaço de dous dias se arranjou tudo o necessario para com toda a decencia dar um chá publico; ou, melhor diremos, um Baile em uma terra, em que só se tinha ouvido fallar em funcções desta natureza. Aqui se vê a vantagem das associações, pois que sem a Assemblêa, esse festejo, que houve, não se poderia por ora effectuar em tão curto espaço de tempo. Houve faltas ou irregularidades, em que se resentia a precipitação com que tudo se arranjou; faltas, que esperamos vêr emendadas na primeira occasião, que se offereça á Assemblêa, para dar um festejo semelhante.

A falta principal foi a de bilhetes de convite, o que deu lugar a que alguns Socios introduzissem muitos convidados, e a que muitos mais, estranhos á Assemblêa, se apresentassem sem serem convidados. E' muito de censurar a imprudencia destes ultimos, e muito mais sendo a maior parte delles habitantes da Cidade, que podião estar inscriptos no livro dos Socios. Por esta occasião não deixaremos de aconselhar os Socios, que para funcções de tal natureza, só devem convidar pessoas, que pela sua educação e maneiras delicadas, não possam dar lugar a criticas e motejos; e igualmente devem ser reservados nos seus convites, fazendo-os especialmente a pessoas, que só têm residência transitoria na Cidade; pois aos que nella tem residência fixa, não é muito louvável irem como convidados, donde podem ir como Socios.

Era-nos impossivel deixar de notar a pouca concorrência de Senhoras, e a falta d'algumas das notabilidades da terra. Varias podião ser, e de certo foram as causas desta falta. Era a primeira função desta natureza na Cidade, e era um epaio, e uma prova — algumas não quizerão passar por ella. O Despotismo tinha diminuido as fortunas de muitas familias, e tinha impedido as reuniões e companhias; e por isso tinha reduzido o luxo; pouco depois da aurora da Liberdade, succedeo o Occaso do Libertador; todas as familias estavam de lucto, porque tinha morrido o pai commum; o chá da Assemblêa só se annunciou dous dias antes de se realizar; por isso muitas

Senhoras concedoras da decencia e gala com que se deve assistir a taes festejos, e por tal motivo com toda a razão deixarão de ir. E seria para desejar que algumas das que foram se tivessem escusado com estes motivos. Finalmente algumas haveria, que se julgarião descidas da alta sphera, a que se reputão subidas, por concorrerem em uma sala com outras, que suppõe de muito inferior jerarchia; outras terião por grande mancha assistir a um festejo patriotico e Liberal: e poucas recearião ser mal recebidas em uma reunião de Liberaes. A todas e a todos lembraremos que em Novembro passado Mr. Dupin, Presidente da Camara dos Deputados em França, deu um Janzar Diplomático, a que assistirão Nobres e Plebeos, Militares e Negociantes, Catholicos e Protestantes, Republicanos e Realistas. — Coimbra 8 de Dezembro de 1834.

J. P. R.

## Exterior.

Paris 13 de Novembro.

A Gazeta d'Augsborg annuncia, que Carlos X. tomara definitivamente o partido de terminar seus dias na Austria. Acaba de comptar á Duqueza de Sagan, por dous milhões de florins, uma terra na Styria, onde ira estabelecer-se este anno. A Duqueza d'Angouleme achá-se de volta em Praga desde o meado de Outubro.

— Em conformidade das ordens do Ministerio, o Prefeito da Gironde acaba de ordenar a todos os Hespanhoes refugiados em Bordoës, que dentro de 24 horas deverião partir para Limoges. Até ao momento da sua partida, uma guarda de Policia foi posta a cada um. Prevendo esta ordem, ja dous Coroneis tinham desaparecido. A mulher de Zumalacarrequi, que estava em Libourne, foco da intrigas Carlistas, foi igualmente mandada para o interior da França.

— O Diario dos Debates diz, que os ultimos artigos da Gazeta d'Augsborg tem dado motivo a crer, que esta proximo um conflicto entre a Porta e o Egypto; porem na sua opiniao, posto que se não tenham todavia composto as desavenças entre o Sultão e seu poderoso vasallo, não ha contudo motivo para temer uma guerra, nem tem occorrido algum successo recente, que complicasse a situação dos negocios do Oriente. As desordens da Syria alentirão o Sultão, e renovarão em seu animo os antigos projectos contra o Egypto, e em consequencia o Vice-Rei o ameaçou com uma declaração de independencia; porem de ambas as partes tudo isto não passa de projectos, que a Europa está unanimemente resolvida a impedir que cheguem a effecto.

Londres 19 de Novembro.

Os Periodicos Allemaes fazem largos commen-

tarios sobre os negocios da Suissa, e o mais é que applicão nomes Inglezes aos partidos existentes naquella Republica. A Suissa tem seus radicacs, seus conservativos, e seu justo-meio, como a Inglaterra. Na verdade estes nomes representam os tres grandes interesses, em que actualmente estão divididos os povos mais adiantados em civilisação. Na Prussia e na Hungria não ha senão duas classes, senhores e servos; e por isso não pôde haver radicacs, pois não existe uma classe media, que tenha chegado ao grão de força sufficiente para ter influencia no poder. Pelo contrario chegando-nos para o Occidente vemos uma classe media, que se eleva e cresce em riqueza, e d'ahi os exaltados, estacionarios, e moderados formão distinctos partidos. O movimento politico de que alguns se queixão, e que existe na Inglaterra, França, Suissa e parte d'Allemanha, é uma consequencia clara de terem crescido e prosperado as classes medias; pois se os commerciantes, os fabricantes, e mais classes industriosas não tiverão substituido a antiga nobreza na posse das terras, e das riquezas, e nas assembleas nacionaes, claro está, que que não haveria radicacs na Inglaterra, assim como os não ha na Russia; porém na Russia, Austria, e Prussia vão agora nascendo estas classes medias, e com o tempo formarão um corpo poderoso. Os tres partidos de que fallamos podem considerar-se como representando tres grandes divisões do tempo. Os conservativos são o emblema do passado, o justo-meio do presente; e os radicacs do futuro: isto é, os primeiros nutrem-se de tradicções, e querem ser grandes, como forão seus maiores: os segundos possuem a grandeza presente, e querem caminhar maduramente na prosperidade e progressos: os ultimos vivem do futuro e pretendem avançar a elle mais velozmente do que é dado na época actual.

Madrid 26 de Novembro.

Partes recebidas no Ministerio da Guerra.

O Capitão General d'Aragão em data de 23 remette copia da participação, que no mesmo dia lhe dirigira o Coronel D. Augustin Nogueiras, etc. — Exc.<sup>o</sup> Sr. Apresso-me a participar a V. Exc.<sup>a</sup> que por meio de duas marchas as mais extraordinarias conseguí alcançar hoje ás duas horas da tarde nos montes de Ping-Moreno o rebelde Carnicer com toda a sua Cavallaria, e com 24 Cavallos do 1.<sup>o</sup> Regimento do Rei, e 11 Lanceiros de Isabel II. do Esquadrão de Saragoça, o destrocei com grande perda dos facciosos, e de munições de guerra. O choque foi terrivel e alternado de ataque e defesa. A manhã darei a V. Exc.<sup>a</sup> parte circunstanciada desta brilhante e feliz acção, etc.

O Capitão General de Castella a Velta participa de Longroño ter feito um movimento com uma columna composta de infantaria, artilheria e cavallaria, sobre Viana com o intento de chamar para alli a attenção do inimigo, sabendo que este se achava nas immedições de Nazar e Ararta; porém que tendo-o esperado até á noute do dia 22, se retirára a Loguono, visto que o inimigo não se atterera a abandonar as suas posições.

O General Cordova continuava com a sua columna em los Arcos.

Por uma parte do Commandante Militar de Tudella, remettida ao Capitão General d'Aragão; sabe-se, que no dia 22 chegara alli o Coronel Gurrea com uma columna de infantaria e Cavallaria, destinada a escaltar um comboio de fardamentos para a Praça de Pamplona.

Idem 27.

Por participação do Commandante General das Provincias Vascongadas, em data de 23 do corrente, sabe-se que a facção Zumalacarrégui, que se achava em Santa Cruz de Campezu, e immedições de Nazar, e Asarta se poz toda em movimento cruzando a Buranda, e planice de Alava, dirigindo-se para Cegama, Atun, e valles superior, e o de Bastan; assegurando-se, que o Pretendente tinha dormido a 22 em Salinas de Ouro.

Miudezas.

Reprehendendo um a certo sujeito, porque queria casar um filho sendo muito novo; deixeo, dizia, ter juizo e prudencia, e então casará. V. mc. se engana, responde o pai, porque se meu filho chega a ter juizo, nunca casa.

Observando um Rei, a passar por uma praça, um homem atado ao pellourinho, perguntou por que estava preso! Este homem, lhe dizem, tem feito muitos escriptos satyricos contra os Ministros de Vossa Magestade. Grande tolo é o tal sujeito! porque os não fazia contra mim! Pois estou bem certo que lhe não havião fazer algum mal.

ANNUNCIO.

Na Loja de Livros da Calçada, ha á venda Decretos, Folhinhas de porta, e algibeira, e se incunbem d'encomendas de Livros, ou d'outros objectos de Lisboa, e França.

# A SENTINELLA CONIMBRICENSE.

As assignaturas recebem-se na Loja do Fiel da Imprensa e na Botica do Padre Antonio, na Calçada, N.º 118. Por 3 mezes 720, anullo 20

Publica-se esta Folha tres vezes na semana, terças, quintas, e sabbados. Vendo-se onde se assigno. A correspondencia deve ser franca.

## Interior.

Continuação (de pag. 82) da Descoberta.

Logo devo concluir das tuas reflexões, que um Governo, que se diz Liberal, e não procura fazer progredir a civilisação, não é bom Governo. Eu estou satisfeito com as tuas reflexões a respeito da civilisação, agora desejo, tu me digas alguma coisa sobre a industria.

A industria (diz o Solitario) é uma consequencia necessaria da civilisação; e sem uma progredir, a outra não se avança; porém devem concorrer ajudas de custo, que são necessarias para a progressão d'ella. Primeiramente os homens industriosos, e de genio devem ser protegidos; em segundo lugar deve o Governo dispôr as importações estranhas de modo, que no mercado os productos nacionaes estejam, quando menos, em paridade com os estranhos; em terceiro lugar deve o mesmo Governo procurar o desenvolvimento, e producção das materias primas. Cada um d'estes pontos é de summa necessidade para a felicidade d'uma Nação, a qual só pôde florescer pelos productos agricolas, e industriaes: o 1.º é de primeira necessidade, o 2.º é accessorio; mas d'uma utilidade real.

Bem (diz a Sentinella): na primeira parte dizes, que os homens industriosos devem achar no Governo um apoio. A este respeito eu devo dar-te uma idea do que occorre em Portugal. Em Portugal não faltão genios, falta quem os auxilie; de tantos Ministros, quantos tem tido, só houve um (Sebastião José de Carvalho), que olhou para a industria Nacional com vistas politicas; deu um impulso a este ramo tão necessario; porém os seguintes tem ajudado a desfazer o que elle tão sabiamente principiou. Elle collocou os generos de industria estranha em circumstancias, que a industria Nacional estavam em circumstancias de concorrerem no mercado. O meu paiz abunda em materias primas, como lã, e sedas. O algodão, de que estamos pagando uma especie de tributo aos Estrangeiros, pôde-se muito bem aclimatizar. Eu tenho feito as experien-

cias necessarias, e vejo que elle produz infinito, no entanto ainda não vi, que o Governo tratasse de promover a cultura no Reino; deixemos isto para quando tratarmos da agricultura. No tempo daquelle Ministro, que acima referi, se estabelecerão no Reino diferentes Fabricas de tecidos, as quaes com a protecção delle florescerão; e se fosse continuada a protecção do Governo a fiação uteis estabelecimentos, estavamos hoje em circumstancias de não termos necessidade alguma de generos de industria estranha. Os Governos seguintes diminuirão as imposições nos generos estranhos, os quaes ficando mais baratos aos importantes, principiarão os Fabricantes a affrouxar pelos successivos prejuizos, a ponto mesmo d'abandonarem os seus estabelecimentos; accresces, mais até visem Estrangeiros comprar as Fabricas, e quasi todas, e o Governo a olhar para isto; porém isto não foi agora. De maneira que vêm os Estrangeiros comprar-nos a lã, para depois nos venderem um panno adulterado.

Tambem o genio Nacional tem concorrido para este atrazo. Uma ridicula e pessima educação tem feito mais estragos, que a inepecia dos Governos passados; esta educação não faz vêr como bom, senão o que é estrangeiro. O panno Nacional não tem tão boa vista; o pello não é tão fino, a chita e seda, que não é Franceza, não é tão boa, não tem tão boa tinta, nem estampa de tão bom gosto, são as idéas, que os pais dão aos filhos do gosto da industria nacional, e nada ha peor em uma Nação pobre, que a paixão pelos productos estranhos: apparecem boas chitas e sedas, assim como pannos Portuguezes, que merecem ser estimados; porém como não são da estrangeirinha, não prestão para luxarem os firrinhos da terrivel invenção das modas. Isto ainda não admira tanto, como um Periodico, chamado o Universal, no meio d'uma Nação pobre, e assolada pelo flagello da guerra civil, appresentar um artigo de modas! Acaso será o luxo, companheiro especial da sociedade, o meio de sanar os males, que ainda nos vexão? Acaso está a Nação tão rica, que deve gastar o tempo em bugearias, e bagatellas, que são a ruina das

casas, e o vexame dos pais de familias? Será util procurar sustentar o luxo no centro d'uma Nação, propensa para elle, e que necessita de todos os socorros para sair do lethargo em que jaz? Muito serviço faria a Portugal o tal Senhor Redactor, se deixando as suas theorias das modas, excitasse a opinião publica á cultura das cousas da primeira necessidade. Nós precisamos de pão, e não de modas; está-se tratando da importação de cetaceos, e não sabe aquelle Senhor, que ha muitos terrenos no Reino, que estão inculcos, podendo ser mui férteis; seria melhor, que o dito Senhor se lembrasse de apontar a colonisação dentro do Reino, no que daria melhor utilidade, e utilidade real, que de todos seria apreciada. Ora eis aqui tens uma serie de causas, que muito tem concorrido para o atraso da industria, ensinando os pais aos fillos a não terem patriotismo.

(Continuar-se-ha)

**Commandante da Guarda Nacional d' Aveiro,**  
**Comissario da mesma Guarda**

Senhores! Vos me tendes honrado com os vossos votos, e é por isso que hoje posso lizongear-me de ser vossos Commandante; oxala eu saiba corresponder á confiança, que em mim pozesteis... ao menos farei tudo o que for possível, e a minha consciencia será pura.

Foi para renovar o juramento, que out'ora demos em favor da nossa Carta Constitucional, d'esse Presente, que a Divindade nos enviou por mão do grande homem, cujo Nome repetiremos sempre com respeito e saudade, que hoje nos legamos reunido, e nos sustentaremos este juramento, como ja o havemos feito, para conservar illeza a mesma Carta, e nossos Direitos politicos, como Cidadãos livres e independentes.

Seis annos d'horrorosa tyrannia, foi a lição mais tremenda e fatal, que nossos sanguinarios inimigos podião dar-nos; mas estamos vingados, porém d'uma maneira nobre e generosa; porque o Augusto General unido a compaixão aos louros da victoria, mostrou assim o mais admiravel contraste entre o vil deposta, e o Pai da Patria.

Todavia o homem ingrato e perverso descobre sempre o beneficio — dissimula, e assassina apenas pode, aquelle mesmo, que o salvou. Eis o caracter de nossos inimigos, e é para evitar o golpe, que a vil perfidia nos prepara, que d'antemão tomando as armas, contra ella nos pomos em guarda — união e força, e guerra de morte ao que ousar levantar a mão sacrilega.

Vós sabeis, Senhores, que a Guarda Nacional é o mais forte sustentaculo de nossas liberdades, e se um pequeno sacrificio da que nos resulta, muitas vantagens nos recompensão.

Vós sabeis tambem, Senhores, que a ordem exige diferentes postos, mas entre Concidadãos

livres, tanto goza o que cinge a espada, como o que se arma da espingarda.

Unamos pois a disciplina e o brío ao amor, que temos pela Patria, e assim seremos conformes com a nossa divisa de Rainha e Carta — Aveiro 7 de Dezembro de 1831.

**Custodio José Duarte Silva**, Tenente  
**Coronel Commandante**  
 Senhor Redactor.

Por muitas vezes (bem a seu pesar) com bellas e bonitas vistas de sua Siquella, e tempo visto que ella é vigilante o mais possível, e como ella se não pôde dividir em muitas partes, por isso não pôde observar tudo o que se passa em muitas diferentes partes desta Cidade, e de mais no sitio aonde se voua expor.

No dia de dezamez chegou a esta Cidade um sujeito da Villa de Montemor o Velho, por nome J. S. tractar d'alguns negocios, que precisava, e indo á noite visitar seus amigos estudantes á Rua da Mathematica e assim que erão 8 horas e meia da noite vinha se recolhendo para a estalagem, e chegando quasi ao fim da Rua do Loureiro, eis que observa tres villos, e ficando assustado com a inesperada vista, ia continuando seu caminho, quando um dos Magnatas lhe diz: Faça alto, faça alto, o dito sujeito para e ali se vão chegando para o pé d'elle, perguntando-lhe como se chamava, e de onde era: disse-lhe elle que era d'Abucinha, em quanto ao nome deu-lhe outro não sendo o proprio elles lhe dizem que estiverão presos, e que um Manojel de Goda do dito Lugar, tinha jurado contra elles, e dizendo-lhe o dito J. S. que não conhecia tal homem, então os taes ladrões (não lhe podendo dar outro nome) a dizer uns para os outros: Será este, e finalmente, Senhor Redactor, dicidio-se o caso em lhe dizerem, que tinham padecido muito, e que foram roubados por isso, quer elle fosse, quer não, tratarão de o saquear, e de lhe tirarem um relógio com seu cordão d'ouro, e todo o dinheiro, veio a andar a bolada por seis meias. Que taes são os chamados presos d'Alameda, aonde estava a Policia daquelle Freguezia, que traz tão boa gente a rondar? O Senhor Comissario Botus certamente não sabe como éo ladrão daquelles bêcos; creio que não rompe muitas volas por aquellas estradas. Ora Senhor Redactor, costuma-se dizer, que os bons acompanhão com outros bons (pica-versa). Creio que todos os Cidadãos podem dormir descansados, porque temos uma Policia mui vigilante em promover a tranquillidade, pois a experiencia nos tem mostrado todas as vantagens, que se tem tirado com as suas rondas. Peço ao Senhor Redactor a mesm' de que insirir isto no seu Periodico, a fim de constar ao publico, para se livrarem destes encontros, e mesm'o para que os Comissarios da Policia passem as ruas mais frequentes.

Just. Ribeiro.

Senhor Redactor.

Agradeço-lhe a consideração em que Vm. tomou minha carta N. 1.ª, pois que a inserio no seu Periodico, o que tambem podera fazer a esta se for do seu agrado, e ella o merecer.

Na sobredita carta, prometti-lhe, que visto estar encaregado muito por sua vontade d'uma empreza tao ardua, quiz e ser *Sentinella Conimcense*, e serem tantos, e de tao diversa natureza, os lobos sedentos do sangue dos Cidadãos pacificos, que disfarçados (bem a seu pezar), com pelles de cordeiros, não cessão de insidiar com o maior ardid contra a nossa cara, mas desolada Patria, e eu como filho benemerito da mesma, e para desempenho e cumprimento da promessa, que na mesma dita carta lhe fiz, e de que a maneira de vigilante *Sentinella* colocada em alta Atalaya, havia de levar ao seu conchectimento tudo aquillo, que eu no meio das muitas vigilhas possesse descobrir, como nocivo ao bem publico, e opposto á boa razão; em cumprimento da sobredita minha palavra, e para bem fazer o seu dever, tenho a dizer-lhe o seguinte caso.

Ha poucos dias, que pela Correição desta Cidade, se passou Provimto de Escrivão da Redizima da Relação do Porto, a um certo *Manoel Rodrigues*, de Cellas, Vm. talvez, Senhor Redactor, não o conheçera; pois elle é um homem obscuro, conhecido apenas dos obstinados Judeos Portuguezes do nosso seculo, porque se lá os outros não quizerão reconhecer o Filho de Deos, tambem estes não querem reconhecer a Familia do Immortal PEDRO, nem os deveres da razão de que são Hereses; e Vm. que é um homem de bem, acostumado desde a sua infancia a tratar só com homens da sua jerarchia, como havia de conhecer um tal homem? Porém, Senhor Redactor, hei de dar-lhe a conhecer por certos caracteres, que Vm. vendo-o, não deixará de dizer consigo: *ecce homo*; mas tambem se quizer trocar a palavra *homo* pelo nome *asinus*, tambem não irá fora do fio: mas vamos ao caso, se Vm. vir um homem nas ruas desta Cidade com um casaco azul, que tem de comprido 8 varas, e de largo 4 e meia, e que ao todo fera o melhor de quinze, podera Vm. dizer *ecce homo*, ou *ecce asinus*, pois o tal casaco, de tal tamanho, que mettido n'uma fundição podera servir tres albardas, a primeira que seja para elle, e as outras duas se não distribuidas ao arbitrio d'elle, porque bem sabe elle a quem ellas ficão bem; finalmente, Senhor Redactor, o tal casaco, pelo seu comprimento, faz-me lembrar a Cauda daquelle Dragão de que fallava o Ap. S. João no seu Apocalypse, com a qual arrastava a terceira parte das estrellas.

Se Vm., Senhor Redactor, achar a lista dos assignantes, para a Gazeta infame de Lisboa no tempo da perseguição Vandaló-Miguelina, no Botiquim do *Marques*, da Rua de S. João, em que o sobredito era impreterivel, segundas, quartas e sextas; pois vivendo em Cellas, era elle quasi

sempre o primeiro que alli apparecia com o seu respeitavel casaco, se Vm., torno a dizer, achar a dita lista, ao ler o nome *Manoel Rodrigues*, pode dizer *ecce homo*, ou *ecce asinus*, que é o mesmo, e o mesmo que ha poucos dias foi pela Correição de Coimbra provido em Escrivão da Redizima da Relação do Porto; pois qual seria o motivo, que alli acarretava este sujeito em taes dias? Era para ajudar a celebrar as escandalosas patranhas, e aleivosias, que alli então se liao; isto é, que a rua das Flores do Porto já andava a arder, e que os Constitucionaes alli clausurados, estavam a morrer de fome, e que alli já se não dizia Missa, nem ninguém se confessava, que o Senhor D. PEDRO era um impio, e um ladrão, porque queria reivindicar o Patrimonio de sua Pilla, que tao descaradamente lhe havia sido roubado; mas como isto erao proposições, que hongeavão aquelles ouvidos profanos, era este o motivo da sua asseduidade no tal Botequim, mas assim mesmo, Senhor Redactor, está sendo um empregado publico, podendo assim melhor minar a edificação da nossa recente Liberdade, e ao passo que elle vai engordando, e nutrido com os salarios daquelle Officio, estão muitas victimas nobres do tempo da perseguição a morrer de fome, e suas familias; muitas almas heroicas, que esquecidos de si, e de seus caros filhos, por não serem lappos na perseguição, perderão a pouca Liberdade de que gozavão, sendo encerrados nas Masmoras de Almeida, e nas mais do Reino, e outros expondo os peitos ás balas, e derramando copioso sangue nos combates, morrem de fome, e aquelle, sendo o que é, engordando, e nutrido com aquelle Officio.

Se Vm., Senhor Redactor, quizer saber, quem no triste tempo daquelle perseguição Vandaló-Miguelina amotinava o povo de Cellas, e o sublevava, fazendo-o romper em altos vozes a favor do tyranno, e pesados sarcasmos contra o Immortal Senhor D. PEDRO, vendo o supradito com o seu respeitavel casaco, pode dizer *ecce homo*, ou *ecce asinus*, o que é mais proprio do tal individuo, pois que por um effeito dos seus mesquinhos talentos, e nenhuma critica (o que é commum a todos os da sua especie), quando regressava do Botequim do tal *Marques*, da Rua de S. João, que fica por baixo da morada do Medico *Aureliano* (tambem boa fazenda), na aquelle casacudo para Cellas inchado de patranhas, corria como um louco as ruas daquelle povo, amotinando-o, e vociferando altos, e pesados improperios contra os homens de bem, outras vezes a conferenciar sobre as consus ouvidas no tal Botequim, com um velho, que alli ha, a quem chamão *Conego*, e que conferencias seião aquellas, Senhor Redactor, feitas por taes cabeças, que por uma indulgencia plenaria do Creador é que não andão com as mãos pelo chão!! Ora aqui tem, Senhor Redactor, o homem, que ha pouco foi empregado no Officio, que fica dito, em quanto

muitos benemeritos estão a morrer de fome; recomende as suas Vedetas, que não desistam de fazer escrupulosamente o seu officio, e eu tambem prometto, que não hei de desistir, na qualidade de Coadjutor, de lhe communicar os acontecimentos, que me parecerem contrarios a boa causa.

— Seu fiel servidor.

*Amigo da Rainha e da Carta.*

## Exterior.

*Madrid 1.º de Dezembro.*

*Partes recebidas na Secretaria d'Estado e do despacho da Guerra.*

O Commandante General das Provincias Vascongadas traslada uma participacão, em que o General Cordova da noticia ao General em Chefe da acção, que sustentou no dia 25, cuja copia é a seguinte: — Excu.º Sr. Tive duas acções no dia de hontem com a facção de Alava, que assim como Basilio com a sua força de Cavallaria, e cinco companhias de Guias da Navarra vierão ao Valle de Santa Cruz para disputar-me a passagem de Arquijas, a qual cheguei primeiro que elles. Em ambas as acções os batti, dispersei-os completamente, e os persegui com tenacidade até ás sete horas da noite, desde o meio dia em que rempêra o fogo. As tropas de S. M. se portarão com o maior ardor e entusiasmo, tomando a ponta de baioneta uma serie de posições, as quaes V. Exc.º, que conhece o terreno, avaliara quando eu poder dar-lhe parte mais circumstanciada. Esta manhaa marchei sobre a Cavallaria e as Tropas facciosas, que não tinham tomado parte no ataque de hontem: porém ainda que ao principio pareciao dispostas a esperar-me, tomáram com todo o melhor conselho retirando-se a toda pressa.

A nossa perda, segundo as primeiras noticias, que me tem dado, consiste em uns 50 homens entre mortos e feridos, entrando neste numero 3 Officiaes. A dos rebeldes não a posso calcular; porque o terreno da acção era mui intenso e coberto, e aquella se prolongou durante a noite; porém pelas partes dos chefes, e relação dos paizanos, julgo que não baixará de 70 mortos, e 25 prisioneiros, sendo deste numero um Official e o Cirurgião do Batalhão de Villa-Real. Quanto aos feridos não poderei avaliar-os: porém as auctoridades das povoações dizem, que são muitos, e que a maior parte ficarão no campo.

A dispersão do 1.º e 3.º Batalhões rebeldes foi completa, e o ultimo teria caído quasi todo em meu poder, quando para salvar-se debandou por um grande barranco montuoso, se a noite

inteiramente cerrada nos não impossibilitasse de recolher todo o fructo da victoria.

Em Santa Cruz, Orbizo, São Romão surprehendemos os hospitaes do inimigo, nos quaes achamos os nossos prisioneiros da acção de 27 d'Outubro. Deos guarde, etc. Maestu 26 de Novembro de 1834. — Exc.º Sr. Luiz Fernandes de Cordova.

— No dia 27 chegou a dita divisão do General Cordova a Salvaterra; a do General Latre se approximava do mesmo ponto; e a do Brigadeiro Orta se achava em Olazagorta. As facções se havião dirigido sobre Onraitia, e os muitos extraviados para as immedições de Paelha e Treuño, donde a maior parte são naturaes.

— O Capitão General de Castilla Velha participa em 26 não ter occorrido novidade na linha do Ebro, e que em consequencia se punha em marcha para Hara, permanecendo o General Bedoia em Casa la Reina.

O Brigadeiro Lopez, reforçado com um esquadrão de Cavallaria do 1.º Ligeiro, devia no dia seguinte chegar a Viana, a fim de fortificar aquelle ponto.

## Mudexas.

Um galante manerbo, que acaba de chegar de Lisboa, nos conta o seguinte: — Estava um dia tomando café n'um Botapim, eis que chega gritando um patisco do tempo, dos quaes aquellas casas são o seu gabinete de leitura, bravo! bravo! agora sim! Um Inglez, que alli estava dando ás tripas um copioso banho de poncha, se volta de meio perfil para o preguioso, e lhe disse na sua mistiforica linguagem: *Oh! Señhor, mi slims miute estes grande cousa, vltre mercé stá postillon de bom notice?* Sim, Senhor, lhe respondeo o papellão, já não temos Frades, já não pagamos Dizimos, e agora outra melhor, acabão as nossas Camaras de extinguir a cousa mais velha, que tinha a Nação, os Juiz Ordinarios. *Oh! lhe reguardio o Inglez: Stá granle fortune por Portugal, agora non precise de mas nude, senon une vinten de juizo.* O tolo não gostou muito da reflexão do propinante Inglez, a quem taxou de patife.

Um Cura da Aldêa tinha uma voz mui desentoadia e desagradavel, era um triste. Uma velha da mesma Freguezia tinha costume chotar quando elle cantava. Perguntada porque tanto se lastimava, quando ouvia o Cura! Diz, eu choro cada vez que o Cura canta, pois me traz á memoria o meu pobre burro, que me morreo, e muito bem me servia: a voz é tão semelhante, que quando o ouço, julgo ser o meu pobre asno.

As assignaturas recebem-se na Loja do Fiel da Imprensa e na Botica do Padre Antonio, na Calçada, N.º 118, por 8 meses 720, avulso 80.

Publica-se esta Folha tres vezes na semana, terças, quintas, e sabbados. Vende-se onde se assigna. A correspondencia deve ser franca.

As assignaturas recebem-se na Loja do Fiel da Imprensa e na Botica do Padre Antonio, na Calçada, N.º 118, por 8 meses 720, avulso 80.

Publica-se esta Folha tres vezes na semana, terças, quintas, e sabbados. Vende-se onde se assigna. A correspondencia deve ser franca.

**Interior.**  
Continuação (de pag. 86) da Descoberta.

DO que expuzestes (continua o Solitario) concluo, que duas são as causas do atraso da industria na tua Nação (educação, e falta de energia da parte dos Governos). Por duas as vezes que a educação no seio das familias, não inspira um amor verdadeiro a obras de mãos da mesma Nação, ou creados sem elle, nunca podem ser bons patriotas. Os vicios da educação nunca s'extinguem, e sempre podem ser refinados: Esta primeira parte é inevitavel sem grandes difficuldades. Não são necessarios preciosos castigos, e os castigos mais sensíveis ao homem são aquellos, que se lhe dão na bolsa. Boticista e o visto, o genio, e a educação Nacional, dese o Governo, o quanto antes, lance as suas vistas sobre as Leis sumptuarias: estas são diuina extraordinaria vantagem nos Estados pequenos e pobres. De onde, o luxo é sempre prejudicial. Os Cantões Suissos, onde o luxo ia debuxando os Natipnaes, resolverão adoptar Leis sumptuarias com tanto vigor, que em alguns delles pagão penas multas os infractores dellas. As Leis, que o Governo fizer a este respeito, devem multar aquelles, que usarem generos d'industria estranha: e a este me parece, que uma rigorosa contribuição annual sobre Laes individuos, seria proficua, e até talvez d'utilidade directa para o Thesouro Nacional. Talvez a isto se possa objectar, que diminua a importação dos generos estranhos, e que os rendimentos das alfandegas terão grandes vantagens. Mas qual é o melhor, ter uma Nação os meios da sua subsistencia, ou estar sustentando a industria dos estranhos? Qual será mais util, uma independencia real, ou uma escravidão aos trabalhos d'outra Nação? As vantagens são extremamente salientes, e os resultados futuros d'uma utilidade manifesta. Por outro lado, quando a educação é viciosa, e della dependem resultados, que são funestos á Nação, o Governo que é providente, deve pôr cobro a estes abusos, indicando, se necessario for por Lei, a norma de educação Nacional, para que da uniformidade da

educação resulte tambem a regularidade dos sentimentos nacionaes. Numa palavra, quando temos em casa de que viver, e de que nos cubrir, comprar ao visinho, estes mesmos generos, é manifesto indicio de perguica e de falta de industria. O ouro, a prata, e a uma palavra o genero monetario foge a uma Nação, que assim indolente, se está defraudando dos seus recursos para enriquecer outra, que se sustenta da inercia d'aquella, e que assim ensoberbecida, escarnea a pobreza, a que foi reduzida a Nação indolente, e sem industria. Quantas Nações não são victimas da desordem do luxo, e que se tem debuxado em consequencia d'elle!

O luxo (interrompeo a Sentinella) é um mal tao atraigado na minha Nação, que milhares de casas bem estabelecidas e de grandes fundos tem sido exhaustas por elle. A educação e a concorrencia de certa ordem de cousas tem sido a funesta origem da miseria d'algumas familias. A importação hoje esta muito modificada, e o Governo parece que tem considerado melhor os resultados della. Os generos colonias são favorecidos em proporção dos estranhos; porém apesar deste conhecimento talvez o Governo receie por em pratica outros meios, a fim da conservação politica; porém o melhor meio sempre me parece, que diminuir a importação estranha, e de todo o melhor.

Para se dar o commercio (diz o Solitario) é sempre necessaria a importação. Um paiz nunca produz todos os generos necessarios para a sustentação da vida social; porém sempre deve procurar evitar as importações dos objectos de luxo: elles pela vista desahão, e muitas vezes não sendo vistas as cousas, não são cobradas; e quando mesmo o estado de civilisacão faz subir estes generos, seria sempre bom procurar o nivelos no Reino, e nunca pedil-os aos estranhos. Para que exista esta especie de independencia industrial, quanto seja possivel sustentarse, é necessario, que hajão muitas primas: estas as possuis das conquistas d'Africa, segundo as ideas, que conservo de Geographia, e ate mesmo se me não engano, muitas que são superiores á da America. Talvez que algumas das produções da Africa se acclimatizassem na tua

Patria, e que dellas para o futuro se podessem colher vantagens. As experiencias e tentativas em materias de produções são morosas, e são necessários esforços muitas vezes dispendiosos, e para que desta especulação podesse resultar vantagem, era necessario que o Governo fizesse examinar por homens peritos a exposição dos locais, a natureza dos terrenos, as influencias dos diferentes agentes da vegetação; e da comparação dos resultados poder-se-hia melhor appropriar a produção dos generos, que se quizessem acclimatizar. Asseadas, as uvas, o algodão, as diferentes variedades de linhos, e talvez estes ultimos podessem produzir vantajosamente e livrar a tua Nação da importação dos linhos do Norte, que em tão grande quantidade são importados.

(Continuar-se-ha.)

Liberdade Augusta, dote precioso do primeiro homem que conheceu o Mundo! E' por ti que de bom grado fazemos continuas vigias para que os nossos compatriotas possam dormir a somno solto; e para condizimmos a seus altares os desgarrados sacrificadores, que te queimão incensos impuros, e te querem vender e trocar pelo negro véo da impostura. Com este dom, emanado do seio da Divindade fosse bem conhecido e praticado pelos homens, a quem a Lei incumbe a insinuação de não coraçoão aos viventes jamais hayeria homem algum que o não abraçasse. Mas diremos com grande magoa, que uns nunca o conhecerão, e outros nem o praticado, nem o querem insinuar ao seu semelhante; e eis aqui porque a Liberdade é tão pouco conhecida no Mundo.

Accepta pois nossos sacrificios, filhos da caridade de nossos sentimentos. Inspira-nos, dá-nos vigor e alento para vigarmos posto com dignidade, e transmitirmos nossas vozes, distinctas e claras, a todos os Portuguezes, cujos heros ainda descontentes, esperamnos conduzil-os ás tuas Aras, e a tua mesa, e a tua mesa que dellas terão fugido. Não ingrato de nós, e mais possível. Se por mais tempo os desvairados, illudidos e freneticos continuarem a mostrar a tua paciencia, para com a capta d'ella a agitar no nome conseguirem suas vendicadas intencões, verão como a Sentinella declamará como o trovão do Oriente ao Septentrião, e a fama tremar todos os terrenos, que esperarão pelo Messias que os fará derrubar onde a perfidia, o patronato, e a impostura se estiver collocado, se antes uma emenda de cida os não desenganar.

Alerta, e exploradores da Sentinella, e a cada verdade, recebe nossas homenagens, accepta os puros votos d'um coração livre por sentimentos, que só diante da sagrada imagem da Liberdade siberá queimam incensos, e render vassallagem. — *A Sentinella*

Cartas recebidas dos arrabaldes da Serra de Estrella, dizem, que o espirito daquelle Povo é já pouco inclinado á Liberdade. Os Liberaes são tam-

tos, como as uvas depois da vindima. Pinhanços não é de todo máo: S. Martinho é muito máo: Santa Maria Feitor das Cabraes e o Prior infectionário appella contra os liberaes, e dá-lhes a lareira de quantos divesses se fizeram, e os que les sitios, e sempre assim o Sr. D. João de Castro ma para ensinar em que elle se habia de culpar os Malhodos Consta nos, por se haverão de ensinar o Juiz de Taboa, sobre estes D. A. e os que se vieram cair a espada da Justica, e se não nos camponezes, e a terra para os nossos bastantes batataes. Os Constitucionaes, sem embargo de appellido os roubos, os assassinos, e sem as perseguições litigias, tudo aquillo que se insinua ao libismo, é aborrecido da honra de L. V. do E. e do homem sadio, e daquelles que de veras amão a sua Patria.

Todos os Jornaes concordão neste principio, e lamentão o abuso que se tem feito da Liberdade: longe de nós, nem por pensamento seguir as pegadas do governo tyranno, que nos submergiu por seis annos continuos. Erro, que o conduziu á sua queda. Nós devemos seguir outra marcha, a Lei, e nada mais: o Governo e os nossos Representantes assim o recommendão, elles bem conhecem, que sem isto nunca um povo é feliz.

Senhor Redactor, lendo no seu N. 17 a bem acertada critica á falta de caracter de alguns Patricios meus, cheguei-me a cobica de dizer-lhe tambem duas palavras sobre o mesmo assumpto, que lhe rogo insira no seu proveitoso Periodico.

Tem-se, Senhor Redactor, praticado nesta Villa baixezes e patifarias bastantes, porem o que me dá mais magoa, e o alluvio de — Nos abaixo assignados — que de continuo andão correndo de mão em mão! Aqui se assignão justificações a todos, e para tudo, e até um pobre homem a quem outro dia fizeram o favor de dar um pergaminho com fitas amarellas, a quem por excellencia ehamão o Doctor B... teve — um Nos etc. em que lhe dão alta Sciencia Médica. Olhe isto, Senhor Redactor, olhe isto! Olhe como aqui ha gente sabida! Em fim seja quem for pode aqui justificar o que quizer; pois ha nomes para tudo. Aie o mesmo! Descrivão que em 1820 lirda — mostruosa devassa, — reconhecço armas, que não conhecia, e servio com o Tyranno em quanto o — Botelho — ultimo Juiz de Fora Miguelista nesta Villa esteve por isso, teve um Nos abaixo assignados — de muito Constitucional, e o mais que elles entendão! Em fim, Senhor Redactor, esta terra é classica! Ora pois, para que estas justificações tenham o seu devido valor, isto é, que o Papiro saiba o que temo de dizer-lhe, e por isso permitta, que a sua vigilante Sentinella chame alerta, com estas palavras, que venho de dirigir-lhe. Sou seu venerador. — Figueira da Foz 6 de Dezembro.

Uma Vigiança em mancha.

tos, como as uvas depois da vindima. Pindaricos não é de todo máo: S. Martinho é muito máo: Santa Maria Redactori. O facto contra José Nunes da Serra e Moura, da Villa de Montemor e Velho, inserto no N.º 19 da Sentinella, é falso (menos em o dito N.º ser compadre de defuncto Luiz Antas Barbosa) como se sabe de fazer ver a V. S. e ao publico por Documentos, nos quaes se mostra o serviço que os mesmos N.ºs fez aos compromettidos, e por consequente a Causa da Legitimidade; por isso lhe pago suspensa, e o publico, e o seu Juizo a tal respeito, até que cheguem os Documentos. Sou de V. S.º venerador. Um Amigo da Verdade. Montemor o Velho 12 de Dezembro de 1834. José Nunes da Serra e Moura.

Todos os torques concernem neste principio, e lamentavelmente Senbor Redactor.

Um dos N.ºs da Sentinella conta-nos alguma coisa desagradavel acerca das Guardas Nacionaes dessa Cidade. — Foi nada contra a Lei, contra a Carta e Rainha, o que nos diz em comparação do que eu e muitos sabem.

Dou-lhe de conselho, que não torne mais a fallar em G. N.º; porque terá materia para todo este anno, e o que vem, se quiser dizer tudo o que se ha passado pelas Provincias a tal respeito; e não poderá dar uma só noticia estrangeira, nem nacional. E se V. S.º não quer desagradar, e quer que todos leiam com avidez a Sentinella, deixe as Nacionaes; porque só a palavra enoja mais d'amatado dos Portuguezes, e o que na verdade é nacional desgosta os Corcundas (que são tantos), e mais de 60 Constitucionaes. As estrangeiras dão alma aos máos, enraivecem os bons, e tornão outros stupefactos, e como catalepticos; mas todos, todos as procurarão com anciedade.

Mas tornemos ao caso. Que rica, erudita forte e liberal não é a gente, que fórma as G. N. na maior parte das Cidades, em quasi todas as Villas, e em todos os lugarejos! Felizmente não háo de ser necessarias para o Usurpador, mas... nem posso dizel-o. Por estas e outras o coração se me parte.

Senhor Redactor, as G. N. de que mais tenho noticia compõem-se pela maior parte de gente pobre; e por isso de ladroes, d'ignorantes, e por isso d'inclinados ao servilismo e susceptiveis de serem iludidos e conduzidos no mal pelos nosos sagazes inimigos coroados: de fracos, por uns uns são doentes e inhábiles, que o Usurpador não quiz, outros foram das suas fileiras, e são fracos, que se deixam se vencer por dons ou lras das Libertaes do Porto, e da Terceira. Por tanto se meliantes Guardas não podem senão ser favora-veis ao Usurpador, se Deus ou o diabo o quizer deixasse tornar.

Repristador da Beira-Alta.

Laiz, e que dellas para o futuro se podessem obter vantagens. As experiências e tentativas em materias de produções são matoras, e são o Autor oua dedicar este trabalho em obsequio da Sciencia, ás cinzas venerandas, ou aos gloriosos Manes dos Cirurgiões. Almeida, primeiro Cirurgião Portuguez no mérito; dotado de raro engenho; possuidor de vastissima erudição medica; pratico de bom gosto; operador delicado, seguro, agil, e o mais intrepido. — Deu o grande tom á parte Cirurgica em Portugal, e foi admirado e respeitado em Londres. Deixou a Sciencia e Arte de curar a habillissimos Discipulos, e os excellentes tractados d'Operações Cirurgicas do melhor methodo de curar as feridas d'armas de fogo, e da inflamação, e a traducção d'Anatomia comparada por Mr. Curier. Foi o Ambrosio Pateo, e o Richerand Portuguez.

Constando pai, o mais distincto na prohibiçãõ, e nos trabalhos Anatomicos para os quaes abriu novas estradas, e veredas desconhecidas em Portugal. Deixou a Sciencia, além de muitos habillissimos Discipulos, o Sabio Doutor Constando, seu filho, que a Patria escrava proscryto, e a liberdade o reclama. Foi o nosso Desaut e Hunter. Teixeira pai, dignissimo discipulo dos antecedentes; admirado de extraordinario talento e actividade; apurado Anatomico e operador, exímio theorico e pratico, ardente collaborador da primeira reforma da Escola Cirurgica, da qual deverei ser o primeiro Director, e o seria, se não fôra seu compadre Aguiar, e a cruel molestia, que o roubou a Sciencia, deixando a esta e a Liberdade da Patria, que muito o amava, deus benemerito filhos, além de muitos habeis discipulos; varias pecas d'Anatomia descriptiva e pathologica; e diz-se, que excellentes manuscritos.

Teria sido o Bichat Portuguez; mais sua indole moral, e genio operador, o assemelharia mais a Dupuitren. Vieira pai, recto, desinteressado, honrado collega, doutissimo pratico, e Leante collaborador da reforma da Escola, de que foi o segundo Director, e o primeiro no gèlo, e no tentadão. Ajudou a conservar os insignes Leantes e alumnos que o apostolocismo politico perdesse sacrificado no altar da liguia, e falso culto a um enfermo Monarcha intruso, e tyranno; sendo o mesmo Director a primeira victimã, trazeadã do tivo da traicão usurpadora. Foi o Dubois Portuguez.

Em testemunho de respeito, e gratidão, aos Leantes da Escola de Lisboa: João José Pereira, homem integerrimo, amante da Patria, e da Liberdade, e da Carta, Cirurgião de grande merito, e de muito pratico, e habillissimo operador, insigno Leante de Hygiene e Patolo-

gias, e de grande merito, e de muito pratico, e habillissimo operador, insigno Leante de Hygiene e Patolo-

logia externa; e primeiro Cirurgião d'um dos optimos Hospitales do Exercito Libertador.

*José Cordeiro*, Doutor em Medicina, em cujo exame brilhante se distinguio perante a Commissão Medica; e bem caracterizado por sua applicação, ingenhidade, eandura, e firmeza, como homem, como Medico, Lente, Cidadão, e Subdito da Rainha; erudito em todos os ramos da Medicina humana, practico de longa experiencia, habil Lente d'Operações, e melhor o seria ainda em Clinica. — E' o Medico Cirurgião Portuguez de melhor fé, e em tudo imitador do grande *Clausever*, e do bom *Pann Boyer*, com o qual talvez pela regra de *similis cum similibus* adquirio estreitas relações de amizade em Paris.

(Continuar-se-ha).

### Exterior.

ESPAÑA. — Bayonna 18 de Novembro

Um correio extraordinario aqui chegado, nos traz noticias de muito interesse. Ato aqui, nas quatro Provincias rebeldes, somente as Cidades tinham conservado a voz da Rainha; as povoações do Campo, constringidas, ou na boa fé, tinham em grande parte abraçado a causa do pretendente. Este estado de cousas vai mudando felizmente depois da chegada de Mina, cujo nome exerce sempre na Hespanha um magico effeito. Já a Rioja e todas as povoações da Ribera, se têm levantado em massa, para sustentar a causa nacional. O General Mina var dar regularidade a este movimento, que promete ser fatal ao partido Carlista. Em outras muitas partes das Provincias insurgidas continua a deserção dos Carlistas, e entre os que acabão de passar para as Tropas da Rainha, se nota o Capitão Lauz, o mesmo que tinha combatido com Mina na guerra de independencia, e que hoje lamenta ter dado ouvidos ás fallazes promessas de D. Carlos.

Recebemos tambem participações interessantes sobre as judiciosas resoluções tomadas pelo General em Chefe. O General Mina divide o seu Exercito em tres Corpos, o primeiro dos quaes, commandado por Lorenzo, deve empregar-se em combater os insurgentes, que se achão ás ordens immediatas de Zumalacarrégui. Este Corpo de Lorenzo é assaz forte. El Pastor com uma Colônia menos consideravel recebeu ordem de perseguir a Junta Carlista, e as bandas que a escolhão; da Junta, ás ultimas noticias, achava-se em Lezoa. Em fim, Iriarte, de accordo com Orta, pide atacar o pretendente, que, segundo as ultimas informações, achava-se em Zunica. Um General com algumas Tropas destacadas guardará as margens do Ebro, em quanto Mina, com um Corpo

de tropas, que se avalião em 10 mil homens, perfeitamente organizadas em Pamplona, se dirigirá em pessoa sobre qualquer ponto, onde as circunstancias tornarem a sua presença mais util. O primeiro resultado destas disposições será cortar as communições entre os diversos corpos rebeldes, e impedir as devastações que nestes ultimos tempos elles tem commettido.

A *Sentinella dos Perynneos* diz o seguinte: » Dous Capitães Carlistas tendo offerecido ultimamente a Zumalacarrégui passarem-se para as Tropas da Rainha com as suas companhias: este Chefe lhe fez saber que serião muy bem recebidos; e remetteo esta resposta por um Frade, que para isso se offereceo; porém este infame em vez de a levar ao seu destino, como tinha promettido, a foi entregar ao Chefe Carlista Sagarribelza, o qual fez immediatamente fuzilar um dos Capitães, tendo o outro podido evadir-se. O mais notavel é que para recompensar o Frade da sua traição, elle o mandou tambem depois fuzilar; como portador de correspondencia inimiga.

### Miudezas.

Estando uma Senhora contando uma historieta ao lume, em casa de um lidalgo simpatico, adontecco saltar uma farsca do lume no vestido della, do que não deu conta senão depois de haver feito um grande estrago. Diz o tal dono da casa, eu Senhora bem a ver saltar e pegar o fogo; porem não devia ter a impudencia de interromper a sua historia.

*Simonides* dizia, que antes queria ter riquezas para deixar aos seus inimigos, do que a pobreza o obrigasse a pedir aos seus maiores amigos.

Aos ricos todos cortejam, e respeitam; mas a pobreza vive no Mundo solitaria; porque ninguém a busca, e todos fogem della como da peste.

### ANNUNCIO.

São á luz a Folhinha de Reza para o Bispado de Coimbra, para o anno de 1835. — Esta Folhinha é enriquecida de varias Rezas novas, que depois se podem tirar para qualquer livro de Rezas. Venderse por 120 reis nas Lojas da Imprensa da Universidade, na do Livreiro *Paulo*, na Quebra-costas, e na Botica do Padre *Antonio*, na Calçada.

Quem quizer comprar uma morada de casas, sitas em Rua dos Gatos, N.º 492, dirija-se a Francisco Alves de Cavalho, morador nas mesmas.

# A SENTINELLA CONIMBRICENSE.

*As assignaturas, recebem-se na Loja do Fiel da Imprensa e na Botica do Padre Antonio, na Calçada, N.º 118.*  
*Por 3 mezes 720, avulso 20.*

*Publica-se esta Folha tres vezes na semana, terças, quintas, e sabbados.*  
*Vendo-se onde se assigna.*  
*A correspondencia deve ser franca.*

## Interior.

*Continuação (de pag. 90) da Descoberta.*

**E**is-me de novo, meu caro Solitario, a procurar teus conselhos: tua prudencia e singeleza tem para mim encantos, que não posso riscar-te da lembrança: tu tens prendido a minha attenção, e os momentos, que passo na tua solidão reanimão meu abatido espirito; tu possues o dom celeste da consolação. Uma duvida, que ao principio das nossas conferencias, te propuz, me resolve a dar algum interuallo, ás nossas conversações sobre o commercio, em que fámos fallar: esta duvida versa sobre os Parochos. Eu disse-te, que os Parochos pela extincção dos dizimos não tinham agora meios de subsistencia, afóra os benesses, que se chamão pé d'Altar. — E' necessario primeiro que eu te dê uma breve noticia das differentes fórmas, porque estes empregados do Altar erão sustentados. Não te principio pela instituição dos dizimos, porque te é conhecida pela Historia. Os dizimos, na minha Patria estavão divididos em Commendas, e em dizimos Parochiaes: v. g. algumas povoações não erão annexas ás Commendas, e os dizimos fazião a sustentação do Parochos, n'aquellas povoações, que erão da divisão das Commendas, os Parochos erão sustentados pelo povo, e da fórma seguinte. Cada casa pagava uma ou mais medidas; cada individuo casado morrendo, pagava uma especie de foro, a que uns Parochos chamavão offerta do trigo, outros ementas, etc.; e em algumas partes não havia isto: os baptisimos, e os casamentos erão obra de negocio, porque para os Parochos conferirem estes sacramentos era necessario o dar-lhe o tanto, ou quanto da etiqueta. No outro genero de Parochos sustentados pelos dizimos haviaõ excessos reprehensiveis: uns vivião no meio da abundancia, e do luxo, negando mesmo aos pobres uma esmola; esmola, que de direito institutivo dos dizimos devião dar; alguns cumprião com esta parte, porém muito raros; outros amontoavão os productos, que erão o patrimonio dos pobres, para os dar a parentes, que

nenhum direito tinham a este beneficio. A outra parte dos dizimos, que é a das Commendas, era comida pelos Commendadores das differentes ordens Militares, com tanto escandalo, que até os Templos, que elles tinham obrigação de ornar, estavão escandalosamente arruinados, e desamparados, a ponto mesmo de até as sagradas vestes faltarem ou estarem indecentes. Em fim forão abolidos os dizimos em toda a sua generalidade, e se diz, que os Parochos serião pagos pela Nação, dando-se-lhe uma congrua, não podendo perceber cousa alguma dos seus Parochianos. Já passáõ seis mezes sem lhes serem arbitradas as suas congruas, só o pé d'altar, e as oblatas, que alguns percebem, é a sua sustentação; outros nem isto, mas por falta de meios tem pedido aos parochianos lhe dêem alguma cousa para viverem. Ora é assim que se cumprem as promessas? E' assim que os Ministros do Sanctuario devem ser sustentados? Por outra parte appareço o parecer das Comissões Parochiaes, para lançar em cada uma das Freguezias o onus da Congrua Parochial; e aqui tens o que acontece.

Diz o Solitario. Não deixa de ser opportuna, e até mesmo vantajosa a extincção dos dizimos; já porque gravavão a agricultura e já porque a sua grandeza e applicação não estavão coherentes com a sua instituição. Os abusos inveterados não são alienaveis á força de reformas; e em todos os tempos a experiencia tem mostrado a infancia dellas, e por isso só a total extincção é capaz de lhe pôr cobro: porém logo que se tratou da extincção devia tambem annexar-se-lhe a maneira de serem pagos os Parochos, e estabelecer-se-lhe as suas congruas, na proporção devida, e regularmente pagas. A instituição das Comissões Parochiaes, parece-me vantajosa á primeira vista, mas tambem julgo, que ella não pôde corresponder ás vistas do Legislador; pelas irregularidades, que ha de haver no seu imposto. Por outro lado o lavrador abunda em generos, e não em moeda, e por isso talvez lhe seja menos oneroso o pagar qualquer imposição em genero, que em moeda. A este respeito parece-me, que antes seria melhor,



« Trissimos em Excellenissimo Senhor Intendente  
 « Geral da Policia. — Fr. Joaquim, Bispo Conde,  
 « da Real Obediencia Real do Exército, e  
 « de sua Magestade Real, Senhor Redactor,  
 « Como a vigilante Sentinella nada lhe escapa,  
 « e desemprenha com toda a actividade e escripto  
 « o lugar, eu, que se achava collocado, esperava que  
 « dissesse se tera chegado no seu conhecimento a alguma  
 « Decreta ou Portaria que auctorize os Sub. Prefeitos  
 « a ornarem as suas moradas com os bens nacionaes,  
 « ou os Religiosos das Secretarias lhes pertencem,  
 « pois ha dias me disserão, que fora pedido por  
 « um Officio ao Senhor Provedor desta Cidade, e  
 « dos extinctos Cruzados, em virtude do que deixou  
 « de vender-se o dito Relojo!!! Ora, Senhor Re-  
 « dactor, a ser verdade tal procedimento, com eu  
 « credito, por me ser transmittida esta noticia por  
 « pessoa de todo o credito, peço-lhe lance no seu  
 « Periodico estas poucas linhas, para que a Nação  
 « conheça o destino que se dá ao que lhe pertence.  
 « Sou, Senhor Redactor, explorador da sua Sen-  
 « tinella. — Coimbra 16 de Dezembro de 1834.

M. J. T. G.

Senhor Redactor.

Tendo lido os differentes Periodicos que ha  
 na Capital, e mesmo a Gazeta do Governo, em  
 todos elles tenho notado (e com plausivel razao)  
 que pouco ou nenhum caso se tem feito, ou an-  
 tes tomado em mui pouca consideração as prin-  
 cipaes cousas sobre que a parte illustrada da Na-  
 ção tinha e tem a mira; e vem a ser Senhor Re-  
 dactor — Liberdade de Imprensa — e essas tão  
 desejadas, como uteis e necessarias Indemnisações,  
 A primeira, Senhor Redactor, illustrava os Po-  
 vos, e fazia progredir as luzes, que entre nós tão  
 precisas são, e a segunda matava a fome a mil-  
 hares de Cidadões, que significarão vida e fortu-  
 na pelo bem da Patria, e hoje vivem na mais  
 hedionda miseria!!!.

Ora aqui tem, Senhor Redactor, sobre o que  
 eu pertendo me esclareça, por ter visto na sua  
 Sentinella umas poucas de linhas, nas quaes dizia  
 que em breve sairia esse Decreto; espero pois  
 saber se o seu prognostico teve intencões funda-  
 das em verdade e boa fe, ou se será ainda algum  
 resto de mel do Egypto com que nos costumão  
 adogar as bocas amargas, visto que se está tra-  
 tando com tanta pressa de outras cousas, que  
 a meu ver poderião ficar para o ultimo!... Co-  
 mo, por exemplo, a Lei das Congruas para os  
 Parochos, em cuja discussão tanto se tem abali-  
 zado alguns dos Illustres Deputados, instando  
 pela sua urgencia, para quanto antes se appresen-  
 tar á Sanção Real. Nisto, Senhor Redactor, mostrão  
 os nossos Representantes a vontade e zelo que tem  
 de socorrer os necessitados; porém um dos seus  
 mais restrictos deveres parece-me deveria ser o de  
 indemnizar aquelles a quem tanto se deve, e  
 que trabalharão para elles estarem hoje represen-  
 tantes dessa mesma Nação, que se acha quasi

toda morrendo á fome!... Com isto, Senhor  
 Redactor, não se persuadão que eu pertendo re-  
 provar esse sustento, nem tão pouco deixar de  
 dizer, que não seja justissima a Lei, que manda  
 pagaras Congruas, mais sim, que o Clero não esta-  
 va, nem está em tanta necessidade, como se tem  
 pintado perante as Côrtes, pois que tinham e tem  
 o pé d'Altar, de donde tiravão, alem de outras  
 cousas, a Missa, que quando lhe não rendesse mais,  
 reppia ao menos 120 rs., e com estes, Senhor  
 Redactor, já se não morre de fome (a experien-  
 cia o mostra, que o infeliz Soldado tendo muito  
 mais trabalho passa com a santa e 30 rs. (dos  
 quaes não chega a receber metade), e alem disto,  
 Senhor Redactor, a maior parte delles existirão  
 sempre no seio de suas familias, ou ao abrigo de  
 amigos, em quanto que os mais no espaço de  
 6 annos varavão por Paizes Estrangeiros, e agora  
 (os que tiverão a fortuna de escapar ás balas trigue-  
 linas) recolhendo-se a suas casas, nelas sò encon-  
 trarão a ruina, a miseria de suas infelizes fami-  
 lias!!! Eis aqui, Senhor Redactor, no ponto que  
 eu queria tocar, mostrando que com estes bene-  
 meritos, com quem a Patria se tem mostrado tão  
 ingrata, o não deverião ser os seus representantes,  
 deyendo principiar por dar-lhe aquillo, que de  
 justiça e razão lhe pertence, e depois muito em-  
 bora fosse correndo a roda por aquelles, que ti-  
 vessem jus ao soccorro nacional, como são Con-  
 gruas, Dotações, etc. etc. etc., e não deixar pa-  
 ra traz aquelles que só pedem o que é seu, e que  
 cada vez se estão enpenhando mais, a ponto de  
 quando chegarem a receber alguma cousa, já lhe  
 não chega para se despenharem; porém nada  
 disto move os nossos mandatarios, e nem a Li-  
 berdade de Imprensa, nem a Lei para as Inde-  
 mnizações vejo, e parece-me que findará o anno  
 sem que appareço os dois tão desejosos Par-  
 tos!!!!

Sirva-se por tanto, Senhor Redactor, inserir na  
 sua Sentinella estes sinceros e justos pesamentos,  
 os quaes são nascidos de um coração, que ama  
 verdadeiramente a Liberdade, mas que lamenta  
 os males da sua Patria, seus, e de seus Conciada-  
 ões!... — Coimbra 18 de Dezembro de 1834.

M. J. T. G.

Continuação de pag. 92.

Jose Lourenço Gomes, homem perspicaz,  
 mui zeloso da gloria da sua patria, e da Cirur-  
 gia; muito afferrado á Causa da Rainha, o mais  
 affamado, afortunado Medico Operador na Ca-  
 pital, mui estimado por estrangeiros da mesma  
 profissão, severo, justiceiro, diligente, methodico,  
 Lente de Clinica externa. — Ainda bem joven deu  
 á Medicina Operatória Portugueza a memoria da  
 loqueação da Ilíaca externa e da Carotida primi-  
 tiva, que practicoi com toda a delicadeza, segu-  
 rança, rapidez, e animosidade na presença de

muitos expectadores, e dos mais respeitaveis operadores e Lentes, que nunca a tinbão feito (nem ella se fez até então em Portugal), admirando-o, e ficando por ventura alguns d'elles confundidos pelo feliz e inopinado resultado que obtiverão ambos os operados.

E' nas Operações o *Asthey Couper*, e o *Du-puitren* dos Portuguezes.

Doutor *Fernandes*, Bacharel Formado em Medicina pela Universidade de Coimbra, muito erudito, e acreditado na Capital, assim como já o fôra como Estudante, mui distincto entre os Condiscipulos; decidido patriota, e muito adherente á Causa da Rainha, Lente por extremo applicado, e incansavel no estudo, e no ensino; mui justicheiro, e amigo dos seus Discipulos, que frequentão com proveito a Aula de Materia Medica e Pharmacia. — Póde-se comparar com *M. Barbicr*, e *Alibert*.

*Cardoso*, antigo Cirurgião Militar; prestador de grandes serviços á Cirurgia Militar Portugueza; collaborador do Formulario dos Hospitaes Regimentaes, um dos mais eruditos, rectos, desinteressados, e incorruptiveis e applicados Cirurgiões Militares; vehemente zelador da gloria e credito dos seus collegas, que nenhum, como elle sabe avaliar; muito affecto á Carta, e intimamente unido ao partido da Rainha; mui polido e cuidadoso Substituto; severo e justicoso examinador Civil e Militar; habilissimo operador; insigne nas Bellas Letras, e nas Sciencias accessorias, não muito menos, que em todos os ramos da Medicina; o mais distincto Oppositor pela vastissima erudição ácerca do systema nervoso, que pouco tempo antes tirou de prompto, e pelo manejo do Scalpelo, com que rapida e acertadamente poz patentes e illesos no Cadaver os ramos dos Nervos, que os arguentes lhe mandarão demonstrar. — Como vive mais comsigo, com os ausentes, e com os mortos a procurar a Sciencia, do que com os presentes e vivos, atraz da fortuna e gloria do mundo, por isso a fama ainda que tem cem bôças o não tem apregoado como a outros seus contemporaneos. — Póde comparar-se na erudição e merito com *Petit*, *Percy*, *Sabatier* e *Samuel Couper*.

*Salgado*, afamado na Capital, e na Eschola por sua probidade, saber, e acerto na practica da Medicina interna e externa, dotado de grande philantropia e patriotismo, e forte adhesão á Causa da Rainha, honradissimo Collega e Lente, um dos mais amantes do credito da Eschola, distincto no exame de Oppositor, que lhe mereceo a nominação de Demonstrador de Anatomia. Pela importancia que dá á Anatomia Pathologica, e pelo uso que faz da Medicina, póde comparar-se com *Morgagni*, *Baily*, *Lacnech*, *Corvizard* e *Andral*.

*Barral*, Cirurgião e Lente muito applicado, e diligentissimo no ensino; decidido patriota muito interessado pela Causa da Rainha, distingue-se pelo desejo de augmentar o credito e dignidade da Eschola: mereceo por seu exame de Oppositor a substituição de Lente. Parece que ha de vir a ser preeminente na Arte Obstriticia, e póde já comparar-se nisto, e no mais com *Maigrier*, *Caporan* e *Bigin*.

Doutor *Lima Leitão*, Illustre Medico, Cirurgião insigne, Lente de Pathologia e Clinica interna; ardente amator da Patria, e das instituições Liberaes; apaixonadamente affecto á Causa da Rainha; sublime vate; engenhoso traductor do Mantuano; arditoso politico; extenso historiadór, subtilissimo Metaphysico; iminente Dialectico; celeberrimo por sua Doutrina Medica; antigo Cirurgião Militar Portuguez, Discipulo do Barão *Desgenestes*; subalterno no Exercito Imperial, Fysico Mór em Moçambique, e em Gôa, onde não perdeo a notabilidade de seu character não vulgar, e o amor das Sciencias e da Liberdade, que adquirio entre os Francezes, Membro de Camara dos Senhores Deputados, e Cirurgião Mór gratuito do 1.º Batalhão N. M. de Lisboa.

Promette grandes cousas á Patria, e ás Sciencias; e não tenho idéa d'homem illustre com quem já o possa comparar, a não ser com Democrito por seu ar risonho na presença do fôvor, ou vituperio.

## Exterior.

*Berlim 30 de Outubro.*

Uma carta desta Capital refere as seguintes particularidades a respeito do Rei Guilherme da Prussia.

« O nosso Rei não se contenta já em assistir a todas as récitas dos bailes, mas passa tambem as manhãas a dirigir os ensaios, e manda que lhe levem logo o almoço ao theatro. Quanto mais o Rei se adianta em idade, mais se deixa dominar da paixão pelos bailes, assim como pelo influxo da nobreza. Depois de ter removido da sua guarda todos os Officiaes, que não erã nobres, já nem concede os lugares de monteiros, e de mestres de postas senão individuos desta classe. »

Esperamos em breve que á nossa mão cheguem documentos, que de sobejo prôvem a conducta illibada do actual Juiz de Pôra de Cantanhede; pois estamos persuadidos, que os lançados do *Cachapuz* o tem compromettido para com o Governo, e a Nação, sendo elle aliás um excellente moço, e de muito boas idéas Constitucionaes. Rogamos ao público suspenda o seu juizo, e ao *Nacional*, que não se occupe a defender Provedores, pois havemos mostrar quem de balde o fez em 11 de Dezembro.

# A SENTINELLA CONIMBRICENSE.

As assignaturas recebem-se na Loja do Fiel da Imprensa e na Botica do Padre Antonio, na Calçada, N.º 118. Por 3 mezes 720, avulso 20.

Publica-se esta Folha tres vezes na semana, terças, quintas, e sabbados. Vendo-se onde se assigna. A correspondencia deve ser franca.

## Interior.

Continuação (de pag. 94) da Descoberta.

**D**Emais, accrescentou a Sentinella, agora sabemos, que o Aristocrata da Russia está na Prussia, o pertendente ainda se acha na Hespanha, e quem saberá, se esta visita será filha do desejo d'anniquilar o systema representativo na Europa! Quem sabe se a entrevista destes aristocratas, será combinarem os seus planos para suffocarem a Liberdade antes della firmar profundas raizes? O futuro verá qual o fim desta entrevista nas Altas Potencias do Norte.

Diz o Solitario, mais um novo motivo para o Governo da tua Nação procurar a união: esta não deve só ser limitada a ella; mas todas as Potencias, que tem Governo Representativo, devem consolidar-se em defeza reciproca, porque a sorte, que uma soffrer ameaça as outras; todos devem procurar uma união reciproca, quer interna, quer externamente. O Governo deve estar em harmonia com a Nação, e os empregados tanto civis como militares accordes em opiniões com a mesma Nação, a fim de infundir confiança no Governo, por que se a Nação não confia no Governo administrativo, as operações, de qualquer natureza que sejam, nunca são energeticas, mas cheias de tibezas, e o seu resultado, quando não seja fatal, é duvidoso; por isso convem, que o Governo, os Representantes da Nação, e a mesma Nação toda estejam em uma união reciproca, a fim de melhor repellirem qualquer tentativa. Basta já sobre receios, que ainda estão na massa das probabilidades, e voltamos aos Parochos.

A Religião tem um imperio soberano sobre o coração do homem: o homem espera nella o consolo de suas afflicções, e quando elle vê, que o Sanctuario é respeitado, e que o Ministro do Culto respira um halito de virtude, e de prudencia, todos os que venerão as sagradas instituições, respeitão, prestão attenção, e seguem os conselhos destes varões pios; porém declaro, que não entendo esses hypocritas fanaticos, que com o

nome do Senhor na bôca, e o diabo no coração, são umas viboras atraçoadoras, sempre promptas a despedirem a sua peçonha, logo que a occasião lh'o permitta. Ora se isto assim acontece segundo o mais vulgar, segue-se, que se o Sanctuario não fór respeitado, e se os seus Ministros não forem decentemente sustentados, um dissabor, e até mesmo n'uma Nação demasiadamente fanatica um desgosto, que pôde muito bem ser muito prejudicial. O Governo em tal caso, assim como os Representantes da Nação, devem pôr o seu cuidado e zelo a fim de que os inimigos da Liberdade não tenham motivos para dizer, que o Governo da Liberdade é inimigo da Religião. N'uma Nação, onde tanto Mosteiro havia, e que um homem deixou a terra, não pôde deixar d'haver algum desgosto a este respeito, como eu senti na minha fundação.

Espera (interrompeo a Sentinella). Quando qualquer estabelecimento de fundação Monastica é edificado, deve o seu fundador lembrar-se, que vai abrir a porta á ociosidade. Se isto assim não acontecia nos primeiros tempos das fundações, hoje acontecião cousas muito diversas: tantos Monges, tantos parasytos, que bebão o sangue do corpo social sem maior utilidade, que servirem taes estabelecimentos para arranjos de familias, e da sua relaxação nasceo um escandalo universal, que promoveo a sua extincção, e erão pontos centraes, donde saião trévas densas, que embarçavão a progressão da civilisação e da sua companhia incomparavel a *Liberdade civil*; por isso não te magõe a despeita destes homens amortalhados em vida, que cevavão a ignorancia e a superstição. A mão poderosa, que o extinguiu, tirou um grande obstaculo á propagação da civilisação, e por isso com saudade sempre respeitarei o nome caro do objecto, que a morte roubou a minha Patria, quando ella mesma ainda necessitava delle.

Muito embora assim seja (diz o Solitario); muito embora assim seja; mas eu que sou senhor d'aquillo que é meu, de direito e de justiça posso-o dar a quem me parecer, empregal-o, e distribuil-o como fór da minha vontade; e por isso

não considero direito em pessoa alguma para destruir a minha ultima vontade.

A caso (lhe respondeu a Sentinella) pertendes tu, sendo tão amigo da civilização, e da litteratura, conservar, ou querer, que sejam conservados estabelecimentos, que tanto se tem opposto a uma, e outra cousa? Eu sei, que há quem na minha Patria ainda se lembre de querer povoar de novo essas habitações de mão morta com o pretexto d'utilidade da conservação da Religião; porém talvez com a sua extincção a mesma Religião ganhasse; porque cessarão muitos escândalos, que são originariamente nascidos no meio dos Claustros; e por isso não tenhas tanta mágoa de se perder mais aquella escola da hypocrisia.

Seja assim (disse o Solitario), porém de novo te repito: deve haver muitos Parochos, que não tenham que comer, assim como talvez muitos outros empregados; e por isso te lembro, que não cesses de lembrar, que se lhe pague, porque sem isso tudo vai como vai, e não vai como deve.

(Continuar-se-há.)

Abria-me hontem em uma assemblea de Filósofos, dos quaes um fallou de muitas observações curiosas, que ha pouco tinha feito na Anatomia do corpo humano; e outro deu noticia de muitas descobertas admiráveis; que também tinha feito no mesmo ramo de sciencias, com o socorro de bons microscopios. Pudo isto produzir diversas reflexões pouco communes, e deui materia para discorrer o resto do dia.

Os diferentes systemas, que entáo se formáo, apresentarão a minha imaginação tantas ideas novas, que juntas ás que já tinha, derão que fazer ao meu pobre cerebro a noite passada, e formarão o sonho extravagante, com que eu espeto entreter alguém.

Eu fui convidado, segundo me parecia, para ver, com boa vista, as disseccoes do Craneo de um Petimetre, e do coração de uma Navegante; cujos cadáveres estavam sobre uma mesa diante de nós. Um habil Anatomico abriu a cabeça do primiffi com todas as regras da arte. Pareceu a primeira vista semelhante a dos outros homems, fmas que admiração foi a nossa, quando ao applicarmos boas lentes nos certificamos, que o que nós tínhamos pensado ser miolo, só tinha o lenho do cerebro, e realmente não era senão um montão de materiaes exquisitos muito bem empacotados e arranjados com arte nos diferentes escaninhos do Craneo! De modo que se Homero disse, que o sangue do Depsea não era verdadeiro sangue, mas uma cousa analogá, também se pôde dizer que o cerebro d'um Petimetre realmente o não é, mas ao menos parece-se na figura.

A glandula pineal, que muitos Filósofos suppozeraõ ser a morada da alma, tinha um cheiro muito activo, de oleo de macassar, e d'agua de cologne; e estava rodeado d'uma substancia que

parecia como, cortada em muitas facetas muito lisas e polidas, que eraõ outros tantos espelhos, quasi impereptiveis, de sorte que a alma, se alli a hõvre, devia estar sempre occupada em se admirar a si mesma.

Notamos na parte anterior da cabeça uma grande cavidade cheia de fitas, de rendas e bordados, formando tudo um tecido muito bem trabalhado, e tão fino, que os fios escapavão á vista. Outro escaninho estava atulhado de bilhetes e cartas de namoro, de versos, e outras garatujas, que se se vião com os nossos microscopios. N um terceiro repartimento havia uma especie de pó, que fez espirrar toda a suca, e que nós conhecemos pelo cheiro ser verdadeiro rãpe da Bahia. N uma palavra, porque não quero cansar os meus leitores com um inventario muito exacto, muitas outras accommodações continão diversos materiaes igualmente curiosos.

Entré tanto uma grande sala, que havia d'um e d'outro lado da cabeça, merece que se descreva com mais vagar: a do lado direito estava cheia de hõçoes, de lisonjas e mentiras, de votos, de promessas e protestos; a do lado esquerdo continha só imprecações, juras e juramentos. De cada uma destas salas saia um canal que terminava na fãz da lingua, onde ambos se juntavão, formando só um ate a ponta deste orgão extremamente movel. Observamos muitas veredas, ou pequenos canais, que passavão entre o ouvido e o pseudo-cerebro, e tivemos a pachorra de os seguir nas suas variadas direcções. Uma destas veredas ia dar a um maço de nervos, e a pequenos instrumentos de musica. Outras terminavão em bexigas cheias de vento; mas a mais larga estava em um grande escaninho do Craneo, do qual saia outra para a lingua. Este ultimo escaninho era o reservatorio d'uma substancia molle esponjosa, que os Anatomicos Francezes chamão *Galimatus*, os Inglezes *Nonsense*, os Latinos lhe chamão *Nugae Canorae*, e os nossos, firmes na auctoridade do unico Frade, que ainda temos em Portugal, lhe deverão chamar *Palanforrio*, ou *Palabrório*.

A pelle da face era d'uma grossura e dureza extraordinaria: e por mais diligencias, que fizemos, não foi possível, apesar da perfeição dos nossos microscopios, descobrir arterias, nem veias, de cuja falta concluímos, que o proprietario d'esta cabeça tinha perdido a facultade de corar quando era vivo.

O osso crivoso tinha os buracinhos tapados com muito rãpe, e estava já cariado em alguns pontos. Não nos custou a descobrir aquelle pequeno musculo, que apenas se encontra nas disseccoes, que serve para puxar o nariz para cima, e quando seu dono quer mostrar o desprezo, que experimenta á vista d'alguma cousa, que não entende. Será inutil advertir que este musculo é o mesmo que produz o movimento tantas vezes especificado pelos Poetas Latinos, quando fallão d'um

homem que *force o nariz*. Nada percebemos nos olhos muito digno de notar-se, senão que os músculos amarelos, os que fazem virar os olhos para os cantos internos, ou externos, estavam muito gastos, signal de muito uso; em quanto os elevadores, ou os que fazem voltar os olhos para o Céu, não parecião ter tido o mais pequeno uso.

N'esta disseccção só fallei das novas descobertas, sem me importar com aquellas, partes que se encontrão nas cabeças ordinarias. Em quanto ao Craneo, face, e figura externa, nada achamos em que differisse da cabeça dos outros homens. De mais a mais disserão-nos, que o dono desta bella cabeça era um homem de mais de 35 annos; que durante a sua vida tinha corido e bebido como os outros homens, que andava bem vestido, fallava muito alto, dava muitas gargalhadas de riso, e que em certas occasiões representava muito bem o seu papel n'um baile, ou n'uma assembléa; ao que um dos da socia accrescentou, que havia uma toda de Senhoras que o tinha por um homem de talento.

Depois de bem examinada está curiosa cabeça, com todos os seus repartimentos e mobilia, tornou-se a pôr em seu lugar o chamado cerebro tal qual estava, e deixou-se a cabeça bem acondicionada debaixo d'um retalho de panno escarlate para a preparar com vagar, e guardar n'um bello gabinete anatomico. E por esta occasião nos disse o Operador, que a preparação não seria tão difficil como a d'outra qualquer cabeça, porque a maior parte dos pequenos vasos, que atravessavão a má substancia interna, já estavam injectados com uma especie de mercurio, ou verdadeiro azougue.

Entrou depois a dissecar o coração d'uma namoradaira, e alirio-o com a sua costumada pericia. Vimos um sem numero de singularidades; mas para não enfiar os leitores ficará esta disseccção para outra vez. — R.

Continuação de pag. 96.

Em attenção ao seu distincto merito: aos Lentes.

Doutor *Barral*, irmão do Cirurgião, Lente da Eschola de Lisboa; frequentou a Medicina em Coimbra e Paris, adquirindo renome em ambas as duas Athenas; distingue-se muito por sua afabilidade, methodo de ensino estilo dialctico, tipo Medico; foi perseguido e obrigado a expatriar-se por amor da Liberdade; fez um brillantissimo Acto na Eschola, que o collocou entre os Lentes.

*Vicente José de Carvalho*, Cirurgião de elevado merito; addido á Causa de S. M. Fidelissima, temeroso e occulto propagador das idéas Liberaes no tempo da usurpação, dotado d'um *quid sui generis* para transmittir as idéas aos Discipulos, e inspirar-lhes o amor das Sciencias, e Artes, que apaixonadamente estuda e ama; estima sobre tudo a gloria, que lhe resulta de seus Discipulos, e bem poucos deixão de lhe dar o justiciero, e incansavel Lente da Eschola do Porto,

onde tem servido com todo o zelo o Exercito Libertador. Parece que deixou boa herança á Medicina Portugueza, podendo já comparat-se com *Gallus Spurbim*; e virá n' ser o *Cloquet Lusitano*.

*Sousa* antigo e muito acreditado Cirurgião na Cidade e Eschola do Porto, de que é Lente; versado nas Humanidades; muito affável, cuidadoso, e perito no ensino; perseguido e preso pelo governo usurpador.

Doutor *Asis*, insignissimo Medico-Cirurgião, foi affamado na Cidade e Eschola do Porto, onde é Lente, evadiu-se á tyrannia, que o perseguiu, emigrando para França, onde o genio e o amor pela Sciencia, o impellio a seguir a Eschola de Medicina; fez-se muito conhecido nas margens do Senna, como Medico-Cirurgião, e bom Portuguez, por sua applicação Practica, Medico-Cirurgica, firmeza de caracter e fidelidade á Rainha de Portugal.

*Bernardo Pinto*, modelo dos Lentes no patriotismo, e resolução sem igual; tão agil e curajoso Soldado, como Medico operador; tão instruido e applicado ás bellas Artes, como perito na Medicina, e na tactica Militar; tão temido pelo genio do mal com a penna, e sculpelo na mão, como com a espada. Este prolo Cidadão, sendo Lente na Eschola do Porto, sustentou com affiço e denodo suas opiniões Liberaes, e affiço á Corte e Rainha, armando-se contra a usurpação, seguiu o caminho da honra, que sustentou na emigração teve parte na gloria do Exercito Libertador, servindo a S. M. F. no Batalhão dos primeiros brayos Voluntarios, denominado por antonomasia o *Batalhão da Rainha*, chegando a ser nelle Capitão. Deixou as fileiras, quando a Causa da Patria já não prigrava, para se entregar todo ás Letras, e á sua primitiva profissão, que exerce cada dia com mais veneração do publico, dos seus collegas, e alumnos.

Finalmente ao meu grande amigo *Nicoláo Talentino*, tão util á especie humana, como aos animaes que a servem e divertem, tão insigne Medico-Cirurgião, como veterinario da Eschola d' *Affort*, tão decidido patriota, como afferrado á Causa de S. M. F. — Apesar do rancor, que sempre teve á tyrannia, a fortuna, e o saber veterinario o desculpárão, e o encohrirão perante o Usurpador; e elle fizerão nomear Lente da Eschola veterenaria da Luz. A' chegada do Exercito Libertador, porque muito suspirava, se entregou todo ao seu partido da Rainha, que serve actualmente com fervor e dignidade.

A verdade, que eu canto não é pura, Vede toda a grandiloqua escriptura.

Nem por lisonja toave algum subido

Sob pena de não ser agradecido. *Idem.*  
Illustrissimo Senhor. — A carta, que V. S.<sup>a</sup>, como Presidente, e em nome da Assembléa Conimbricense, me dirigio, foi para mim objecto da

mais viva e completa satisfação, pela maneira assás distincta, com que essa illustre Assemblêa quiz honrar-me, e ao Regimento do meu commando, offerecendo-me generosamente e aos Officiaes deste Corpo o Gabinete de leitura e Sala de Companhia, na fôrma dos Estatutos, que recebi. As virtudes e heroicos feitos, com que este Corpo tanto se illustrou, concorrendo efficazmente para o glorioso triunfo da Causa da Legitimidade, da Illustração, da Liberdade e Prosperidade da Patria, são sem duvida expressões, que lisongearão sobre maneira o meu coração, mormente quando as considero dictadas por uma Assemblêa tão respeitavel, e que tem por fim promover a civilisação, objecto da maior transcendência, e digno da mais séria attenção.

Obrigado pois pelo sentimento do dever e gratidão, rogo a V. S. queira fazer presente a essa Assemblêa por mim, e em nome de todos os Officiaes do meu Regimento, os votos do mais sincero e vivo agradecimento.

Por esta occasião peço a Assemblêa desculpa de não ter correspondido logo, como devia; por quanto tendo eu resolvido com os Officiaes do meu Regimento satisfazer a este meu dever por via d'uma Deputação, aguardando occasião oportuna, em que houvesse de reunir-se a Assemblêa, ou a Direcção, que a representa, fui frustrado neste meu intento pela inesperada ordem de marcha, que recebi, restabdo-me desta maneira, e aos meus Officiaes, o maior pesar e vivo sentimento de não poder utilizar tao honroso offerecimento. — Deus guarde a V. S. Coimbra 29 de Novembro de 1834. — Illustrissimo Senhor Guilherme Henriques de Carvalho, Doutor Presidente d'Assemblêa Comimbricense.

José Maria d'Albuquerque, Tenente-Coronel Commandante do Regimento d'Infanteria N.º 6.

**Exterior.**

**HESPAHHA. — Bayonna 16 de Novembro.**

O exemplo dos povos da Riojá, e da Ríbera produz resultados vantajosos: os habitantes dos campos visinhos, que até aqui se tinham mostrado neutros, ou favoraveis ao pretendente, perderão de toda a confiança em suas promessas: muitos têm já offerecido seus serviços a Mina, e não tardarão a marchar debaixo de suas bandeiras. O que torna sobre tudo mais importante é, que no interior das montanhas, naquelles desfiladéos onde um pequeno numero de homens apresentava mais difficuldades, que todas as forças de Zamalacá regem em camporaso, se pronunciação igualmente os habitantes a favor de Mina, e formão já guerrillas contra os Carlistas,

cujas communições vão assim interceptando. Alguns Officiaes tem sido expedidos do Quartel General de Pamplona para estes diversos Cantões, a fim de darem regularidade e união a taes movimentos. Achão-se já formados Batalhões de Voluntarios, que não se limitão a defender suas montanhas contra os insurgentes, mas correm tambem o paiz em busca delles, para os atacarem. O desalento deve por tanto reinar no campo do inimigo. Os Carlistas retiratão-se aos lugares menõs accessiveis; porém o frio, e as privações os obrigarão bem depressa a sair dalli. Alguns bandos Carlistas que ha dias passááo em maior proximidade de Pamplona forão batidos e derrotados.

Lê-se o seguinte no *Jornal de Paris*.

Um despacho de Bayonna, datado de 18, annuncia, que um corpo de 1500 Voluntarios da Rainha se formára em Cerbera, e outro de 2500 homens em Riojá. Estes dous corpos estão já completamente armados. Outro corpo se está actualmente formando no Bastán.

Todas as noticias concordão em annunciar, que as tropas da Rainha estão nas melhores disposições, e que o espirito dos povos corresponde por toda a parte ao do Exército.

Espartero e Iriarte atacarão em Dima, e dispersarão a facção de Biscaia. Assim, em todos os pontos, o Exército da Rainha tem tomado a offensiva com prosperos successos.

**Mudanças.**

Um Acadêmico chega um destes dias a nós, e nos pergunta, acaso sabe V. mc. quando chegará o nosso dinheiro? O nosso dinheiro, lhe repliquei eu! Sim, Senhor, aquelles 14 & 400 mensaes, que nos prometterão. Ah! Já me lembro, isso foi graça, ou então derreteo-se com o calor pelo caminho, porque o numerario é immenso, ate agora se faz dinheiro de cera, e é mesmo em velas e pavios, mas não descubra este segredo, por causa dos ladrões não saberem desta invenção. (O bom do Estudante não cabia em si de contente, e prometteo logo duas velas a Santo Amaro, se elle chegar aqui sem se derreter!..)

Defendia certo Franciscano umas theses, e n'ellas vinha a seguinte: *Nihil habentes, et omnia possidentes*. Um Dominico lhe argumentou sobre a these, inquirindo-lhe a sua interpretação, ao que respondeo o Franciscano, que S. Francisco não lhe deixara patrimonio, mas que a caridade dos fieis lhes daria tudo, sem terem alguma falta; ao que retribuiu o Dominico: Nada, Padre, a interpretação é esta: *Quem não tem vergonha, todo o mundo é seu.*

que communicados são assim intercambiando  
 General de Pamploña para estes diversos Can-  
 toes e um de cada um territorialidade e união a laes  
 Voluntarios, que não se limitou a defender suas  
 montanhas contra os insurgentes, mas contem-  
 tamtam o país em pacis delles, para os ataca-  
 rem. O desalento deve por tanto ter-se no cam-  
 po assignaturas recebem-se no Loja do  
 Fiel da Imprensa e na Botica do Pa-  
 dre Antonio, na Calçada, N.º 118.  
 Por 3. mezes 740, avulso 20.

# A SENTINELLA CONIMBRICENSE.

de Compagnia, as formas dos Estatutos, que ter-  
 bi. As virtudes e heroicos feitos, com que este  
 Corpoptano se illustrou, connotendo effezamento  
 para o glorioso triumpho da Causa da Legitimida-  
 de, da Illustração, e do Progresso da Liberdade  
 da Patria, são sem numero, e de tanta gloria  
 deão sobre a memoria dos Portuguezes, e de tanta  
 quando as circumstancias de uma Assembléa

civilização, objecto da maior transcendência, e  
 para a cultura desta planta nas Ilhas dos Açores ;  
 mas seria tambem util, que se fizesse extensivo  
 ao Reino. O algodão tambem vegeta entre nós,  
 e eu tenho feito a experiencia, que uma arvore  
 bem pequena deste genero produz d'um anno  
 entre outro um arratel ate arratel e meio. O linho  
 canamo, que compramos as Nações do Norte,  
 começa agora em algumas partes a ser cultivado,  
 e fructifica bem; mas a sua colheita, que necessita  
 conhecimentos proprios e particulares da vege-  
 tação d'esta planta, não é bem feita, porque os  
 lavradores não tem os conhecimentos necessarios.  
 O uso das maquinas para preparar o linho, e  
 fião-o, é um mysterio na maior parte do Reino,  
 e salvo algum individuo, que tenha lido a Phy-  
 sica e Chimica applicada as Artes, o resto ouve  
 dizer, que ha Santos.

## Interior.

Continuação (de pag. 98) da Decoberta.

**E**U me conformo em tudo com o teu sentir so-  
 bre a industria; porém resta ouvir a tua opinião  
 sobre a agricultura e commercio. Uma e outra  
 cousa na minha Patria é bem mesquinha, e o  
 commercio dos productos nacionaes se limita a  
 vinhos. Generos d'industria muito poucos são  
 exportados; e productos cereaes ainda não che-  
 gão para o consumo.

A agricultura e industria (tornou o Soli-  
 tario) são as duas fontes que ministram materias  
 de commercio, e sêcas aquellas, este paralysa,  
 ou sómente se commercieão generos estranhos.

Já te fallei sobre a industria, e dizendo-te eu o  
 meu sentir sobre agricultura, é escusado fallar  
 sobre o commercio; porque havendo generos d'in-  
 dustria, e agricultura para exportar, deve o Go-  
 verno favorecer a sua saída, e os particulares  
 igualmente interessados manejarão o commercio  
 d'exportação com zelo.

Espera (disse a Sentinella), como vamos tra-  
 tar d'agricultura, e necessario primeiro, que tu  
 saibas o estado deste ramo na minha Patria. Pri-  
 meiramente deves saber, que existem infinitas ter-  
 ras no Reino, que nem são habitadas, nem meos  
 cultivadas, e se o fossem muito pão havião de  
 produzir. Os unicos generos, que são cultivados,  
 é o trigo, cevada, centeio e milho: o arroz ape-  
 nas a sua cultura é conhecida em algumas par-  
 tes: o vinho, esse, é quasi geralmente cultivado;  
 porém o seu fabrico podia ser melhor, e termos  
 melhores qualidades de vinho: as batatas em al-  
 gumas partes são cultivadas, e em outras partes  
 do Reino nem o seu nome é conhecido. A expo-  
 sição do solo de Portugal permitia a aclimati-  
 sação de muitas plantas uteis, e ate algumas, cuja  
 cultura é prohibida, vegetão em muitas partes  
 espontaneamente, e sem cultura alguma produ-  
 zem muito: esta planta é a necociãna, ou planta  
 do tabaco; a qual compramos nos estranhos para  
 manipular o pó, com que excitamos os narizes.  
 Já appareceo em as nossas Camaras um projecto

As tuas idéas (disse o Solitario) são justas, e  
 consequentemente deo dizer-te, que o Governo  
 deve pôr todos os esforços em promover a cul-  
 tura de qualquer genero que seja, e procurar me-  
 lhorar a cultura dos generos existentes: mas nun-  
 ca consentir, que os generos de primeira necessi-  
 dade sejam desprezados, e a troco d'experiencias  
 deixar-se a cultura do pão. Aquelles generos,  
 que mais necessarios se tornão devem ser os pri-  
 meiros propostos á cultura, e premiado aquelle,  
 que appresentar um dado peso d'elle, e se assim  
 o Governo fizer terá dentro de poucos annos a  
 satisfação de xêr a prosperidade, a abundancia,  
 e a satisfação no centro da Nação, sem a qual  
 nem o Governo se pôde jogar seguro, nem a  
 Nação independente. Eu poderia lembrar-te os  
 meios particulares de fazer progredir cada uma  
 das especies agricolas; mas diferentes escriptos  
 a este respeito nada deixão a desejar.  
 Ampigo (diz a Sentinella) deixa este triste  
 solidão: vem comigo, e auxilia o genero humano  
 com teus conselhos: tua prudencia, e tua virtude  
 deve no centro social produzir as melhores vanta-  
 gens: se util aos outros, e deixa de viver só para  
 ti: não fosse um acaso, eu já mais te conhece-  
 ria: vem eu te rogo, vem consolar com teus  
 conselhos tanto afflicto.

(Continuar-se-ha).

Senhor Redactor,

Tendo lido no dia 17 do corrente mez o *Nacional*, N.º 33 de 11 do mesmo mez, e encontrando nelle diferentes falsas accusações contra mim dirigidas á qualidade de Juiz de Fora Interino de Cantanhede; não posso eximir-me de dirigir áquelle Redactor a seguinte defeza, esperando que elle a transcreva no seu *Jornal*; porém a *Sentinella Conimbricense* deseja observar e reprimir os abusos, por este motivo, e pelo desejo que me manifestou em publicar a minha justa e exorta defeza, eu primeiro a remetto a V. S.º confiado em que depois aquelle *Nacional* siga o seu exemplo.

Senhor Redactor do *Nacional*. — Vendo no seu Periodico, aliás estimavel pelo amor da Patria, que nelle se publica de 11 de Dezembro, N.º 33 uma attribuição, em que com virulenta calumpnia fulmina contra o Governo de S. M. E. a Rainha, contra mim, e contra todos os Portuguezes, dirigidos deste nome, o anathema da indignidade, pelo procedimento, contra o ex-Provedor d'Ançã e Os do Bairro, e contra os Saltadores da Bairrada, e a minha silencio me faz culpavel aos olhos dos que ignorão a verdade, porque iria talvez por em dúvida a minha conducta, e dos Ministros Informantes, e a do Governo, que assentou a sua decisão sobre exactas e severas informações, sem que fesse para tal motivo.

Não deixo todavia de agradecer ao Senhor Redactor de lre offercer esta occasião, em que deixo mostrar á Nação a minha innocencia, e a justiça do Governo, esperando da sua imparcialidade, e lre inseris no seu Periodico esta minha defeza.

Digo, Senhor Redactor, que vejo em uma das Sessões da Camara dos Senhores Deputados, o que se passou neste respeito, levado da sua curiosidade, investigo tanto a minha conducta, contra o ex-Provedor d'Ançã, e em resultado achou que quazem indiguo Magistrado, e o ex-Provedor dignissimo, e que os Ministros informárao com poizão, e que o Governo praticou uma injustiça. Culmaa por este facto o Governo da Rajua d'um systema combinado, ou d'empregar pessoas detidasas, ou que servirão a causa da Usurpação. Não deitado o Governo por isso que a mim não cabe tão honroso dever, e nem a elle se torna mister tão debéis vozes em seu abono, e com tudo não posso deixar de repetir o que a Nação não ignora, que os Membros do actual Ministerio (bem como o presidente) parte d'elles forão os primeiros, que com sua elevada politica baterão a Usurpação; outros forão os primeiros, que lre mostrão a Liberdade, e que soffrêrão as perseguições, desterrós, e a emigração, outros finalmente com a espada na mão, e nas mais ariscadas crises levárão á Victoria o Exército Libertador, depois de relevantes serviços; e o Usurpador cabio!! Serão estes os homens, que por systema combinado preparão a queda da Carta,

e da Rainha, que nos restituirão, como o Senhor Redactor inculca!!!! Porém permitta-me dizelo assim, Senhor Redactor, se V. S.º em vez de contar, como lre pintarão, factos, que vão levar o ferrete da indignidade contra Empregados públicos, e contra o Governo, colhesse exactas, e documentadas informações; acharia qual foi, tem sido, e é minha opinião, e conducta civil e politica desde 1820; acharia, que ella tem sido sempre verdadeiramente constitucional, e o será eternamente, sem um só facto em contrario. (Os meus amigos e conhecidos, muitos dos Senhores Deputados d'ambos os lados, eu podia chamar a confirmar o que digo. Nunca fui empregado do Usurpador, nunca tal sollicitei, e menos ambicionei conseguir; investigue, Senhor Redactor, com outra curiosidade mais imparcial, os requerimentos meus, que houverem nas Secretarias a pedir ao Usurpador algum emprego, ou graça; veja se encontra algum despacho, que elle me desse!! Talvez encontre (e não me engano, porque vi na Gazeta de Lisboa em 1829, ou 30) a concessão da graça, para toda a familia do ex-Provedor, da medalha da real effigie do Usurpador, incluindo por consequencia aquelle!! Diz o Senhor Redactor, que a final de suas indagações soube, que o dito ex-Provedor, é daquelles Empregados incapazes de transigir com os rebeldes, ou de lre dar coito. Que será, Senhor Redactor, ter em casa por espaço quasi de dous mezes o ex-Juiz de Fora, Sebastião Botelho, facanhudo Miguelista, que no tempo da Usurpação assombrou com suas maldades a Villa da Feixa, Ançã e Figueira? e para o transportar a outro lugar, enganou e illudio as guardas do Batalhão do Minho. Que será ter utrisado no tempo da Usurpação, com os Ministros da terra, até inclusivamente aquelle, que o comprometteo, quando se indispozêrão por motivos particulares, que para aqui não devem ser chamados!! Investigue a extincta Secretaria da Casa das Senhoras Rainhas, achará duplicadas contas contra osos, que agora taxa de Miguelistas, chamando-lhe Constitucionaes, feitas por elle, seu Padrasto e Irmão; e obtiverão nessas contas os resultados, que pretendião. Diz mais o Senhor Redactor, que elle ex-Provedor representará as extorsões, que eu praticava, e a conveniencia escandalosa com os inimigas da Carta, em Cantanhede e Ançã. Admira, que taes abusos daquella Villa chegassem só ao conhecimento do ex-Provedor d'Ançã, e não ao de Cantanhede, que já mais tues eximes me accusou; eu não tenho convivencia, e só com os Constitucionaes de Cantanhede, que todos excedem em sentimentos ao dito Provedor, a favor da Rainha, e da Carta, com quem eu vivo; os Miguelistas, essa meia dúzia d'elles, que ha na Villa, nenhum comigo tem relações, ou sóbe a minha escada. Em Ançã menor, por isso que a casa alguma ha; falla dos Lopes, confesso que fui, sou amigo dos Advogados desde condiscipulo; e elles não tem

culpa, de que o Irmão fosse empregado do Usurpador. Também o Senhor Provedor era amigo de elle até muito depois de ser compromettido; era uma das causas onde se oppre estava.

Continúa o Senhor Redactor, que o ex-Provedor procura com documento, que em arbitramento de... reformava as contas dos Depositários dos antigos Contes. Sou obrigado a asseverar, que tais documentos, se e que apparecem, são falsos, até por fallarem no plural; e a verdade é, que em nome do meu antecessor Martinho de Mello, existia no Livro das Sisas um acerto formado ao Depositário das Sisas, mas cujo auto de contas, não está assignado por aquelle Juiz, ou por outra alguma Autoridade. O Depositário requereu-me a reforma daquellas contas (quando esta reparação estava a cargo do Juiz) a face dos documentos, e que o auto constava daquelle auto e livro, com informão do Escrivão, seguro o Juiz, o admitti a ellas, com audiência, e assistencia do Fiscal (estava o Senhor Provedor ainda em Lisboa), e examinando as contas lançadas, documentos e recibos, achei, que o engano tinha sido na somma d'uma parcella, porque devendo diminuir, multiplicarão, os que fizeram tal auto: em outras verbas estava lançado menos do que na realidade elle devia, assim formei novas contas, com o devido alcance ao Depositário. Nenhumas outras tomei, ou reformei. Acerescenta mais o Senhor Redactor, que lhe consta (isto já não é curiosidade) que em nome, Curador, Fiscal, e Escrivões, migueiistas conhecidos, que haviam sido guerrilheiros, e um a peor testemunha das devassas de 1828! Confesso, Senhor Radactor, que V. S.<sup>a</sup> foi inteiramente illudido pelo ex-Provedor, pelo seu unido parente — o homem — do Ministro Cordova, aquelle que servia de pagem a este, aos seus Secretarios, e Moços d'elle, e aos Generaes e Brigadeiros migueiistas, e que tanto nos mortificou os ouvidos com tais Personagens: e pelo Senhor Martinho de Mello: por quanto aquelle Advogado que eu nomei Curador, era o mesmo, que por nomeação do dito Senhor Martinho servia de Fiscal, e o nomei, não só porque exercia o mencionado emprego, mas porque eu conhecia os seus sentimentos a favor da Rainha e Carta, por isso que o antigo Curador nomeado pelo Senhor Martinho, segundo as ordens do Governo não podia continuar, por ter servido o Usurpador, como Corregedor d'Evora, e depois de Setubal; mas o defeito verdadeiro, que ao Curador, por mim nomeado, acha o dito ex-Provedor (em outros tempos seu amigo) e ser Irmão do ex-Sargento-Mór, que disputou este posto ao Mano do Provedor, que foi Voluntario Realista em Villa do Minho, mas que hoje veste a farda, e comanda os Voluntarios Nacionaes daquella Villa!! e não transige o dito Provedor?

Quanto aos Escrivões, o primeiro dos Offiões, que se diz guerrilheiro, foi nomeado pelo

meu antecessor dito Martinho de Mello, e nomeado Alfere dos Voluntarios N.<sup>o</sup> pelo Irmão do ex-Provedor; eu o conservei pelas nomeações ditas, e estou convencido, que nem o dito Martinho o nomeava Escrivão, nem o Irmão do ex-Provedor o nomeava Alfere dos V. N.<sup>o</sup>; se elle tal fosse, o mais galante é, que o dito Provedor se disto se lembrou, depois das contendas comigo, quando elle servia desde a restauração.

O segundo Escrivão do Civil, foi nomeado e provido pelo Juiz da Correição, com attesta do meu, o qual para passar me enformei com muitas pessoas, e com alguns dos Membros da Camara; affirmando-me todos os seus bons sentimentos, e não sei se elle tambem é V. N.<sup>o</sup>, nunca foi testemunha das devassas, seu nome nellas não se encontra. O pai sim, e por esse facto, logo que tomei posse, e isto me constou, representei ao Doutor Vice-Reitor da Universidade a sua demissão, que obtive; mas julgo, que os crimes não passam de pais a filhos, nem aos parentes, pela Carta, e se o contrario é verdadeiro, nesse caso o Senhor Provedor é realista, porque seu Padrasto e seu Irmão, no tempo da Usurpação, tinham esses sentimentos; aquelle foi Vereador, e pertencendo ao Capitão-Mór, e este pelos seus serviços obteve o privilegio de Soldado de Malta, e quiz ser Sargento-Mór.

Continúa o Senhor Redactor, que o Provedor se queixara, de que residindo eu em Cantanhede, nunca quiz deixar a vara na minha ausencia ao Vereador, ou Letrado mais antigo, obrigando assim os povos a irem a distancia de duas leguas por um insignificante despacho. Em tudo o ex-Provedor continúa a faltar á verdade. Eu não podia estando dentro do termo d'ambas as Villas, deixar a Vara, não podia residir ao mesmo tempo em ambas as Villas, e como o direito dos povos é igual, e a Villa de Cantanhede é o centro exactamente dos Termos d'ambas as Villas, residia tres dias nesta por ter mais que fazery e dous em Ançã, e muitas vezes tres dias em cada uma, conforme a necessidade, e isto alternadamente; succedendo sómente duas vezes ter em Cantanhede requerimentos d'Ançã, e muitas vezes em Ançã tive de Cantanhede; e como os povos sabião os dias em que eu estava em uma e outra Villa, contavão com isso, e por isso nenhum incommodo lhe causava; e menos na demora dos despachos, que a todos as horas estou prompto, e a demora sempre é aquella precisa para ler o requerimento, e lançar o despacho. O Senhor Provedor tem disto provas, pois que uma noite pelas 10 horas lhe despachei um requerimento e replica d'um seu testa de ferro, a vara a deixei algumas vezes, não ao Medico Theodoro, como o Provedor queria, mas ao Advogado mais antigo José Angelo, o mesmo que agora a tem na ausencia do meu successor, e nos fins d'Agosto até o Padrasto d'elle a teve.

(Continuar-se-ha.)

Senhor Redactor.

No seu Periodico, N.º 19, appareceo como objecto de admiracão, estar eu ainda servindo de Parocho Encomendado de S. Martinho desta Villa de Montemor o Velho, dando por fundamento o seguinte — Ter eu sido Espião do Antas Barbosa, andar a rondar de noite no tempo da usurpação, e ter andado com Manoel Nunes da Serra, como meu Agente pelas portas a pedir donativos para D. Miguel (e que talvez ainda os tenha em meu poder), dizia o seu Periodico.

Em tudo, Senhor Redactor, o Periodico falta á verdade, excepto em dizer que andei a rondar com armas na mão (que quasi sempre era um páo); por que andei em tal serviço? por que era a isso obrigado, pelo dito Antonio Barbosa, assim como o erão todos os habitantes desta Villa, e não por fazer voluntariamente serviço a um Governo Despotico, que sempre odiei, desde que minha razão soube discernir o bom do máo. Quanto ao mais de que sou arguido, quem o fez inserir, tem tanto de calumniado e qüer vèro, como a arguição tem de falsa. Para me não tornar enfadonho por meio da extensão, limito-me a pedir ao Senhor Redactor, queira mandar inserir esta no seu Periodico, com a minha assignatura, que vai reconhecida, e a convidar e desafiar o perverso calumniador, a assignar-se da mesma maneira, que fazendo o seu protesto publicamente e jurto de com uma superabundante prova o fazer desdizer, e minha conducta politica, tão conhecida, e agora tão maliciosamente manchada, será um estímulo assás forte, para sobre elle eu fazer recair todas as penas daquelas leis me facultarem. — De V. S. o attento venerador,

Antonio de Franca Campos

**Exterior.**

ITALIA — *Genova* 14 de Novembro.

D. Miguel continúa a residir aqui, e parece que não quiz acceder aos conselhos da Policia, que por ordem do Governo licenenciou, que se-ria melhor retirar-se para Nisa; mas que elle pelo contrario compra cavallos, e mandou fazer uniformes luxados para ir esperar o Rei da Sardinha, que aqui chega amanhã, para residir um mez. O Conselheiro valido do Miguel, é o Marquez do Lavradio. Falla-se muito que se decide a ir em pessoa pedir auxilios ás Cortes de Berlim, e S. Petersburgo.

(Eco del Commercio)

Londres 29 de Novembro.

O Conde Errol, e o Visconde Falkland, gen-ty do Rei, derão a sua demissão dos seus lugares

na Casa Real. Nenhuma noticia positiva circula ainda sobre o Ministerio Wellington. Os capita-listas estão perfeitamente convencidos de que, qualquer que seja o primeiro Ministro, o Gabi-ninete não pôde deixar de ser muito Liberal, se- não quizer cair immediatamente; não se teme por isso baixa nos fundos, que vão subindo em consequencia desta confiança.

— A noticia da dissolução do Ministerio Mel-buorne produziu na Irlanda uma profunda sensa-ção. Os reformistas de todas as côres, liberais, radicaes, partidistas da revogação da união, to-dos abandonarão logo suas prevenções, e estão promptos, assim como em 1831 por occasião da demissão de Lord Grey, a lutar contra o inimi-go commum. Olha-se em geral a administração do Duque de Wellington como um signal de me-didas vigorosas, e como o annuncio de que se vai proceder á cobrança dos dizimos á ponta da bayon-neta. (Globe.)

**Miudezas.**

Um homem probo, honrado e antigo nos faz as seguintes perguntas — quando se faz o ra-ção do dinheiro das janelhas da Comarca de Coim-bra? — Quanto devem pagar de juro aquelles que não negociando ha annos com o meu dinheiro? — E de que modo esta reportição se fará? Resposta: Quando se fará se fosse feita ha cinco mezes, já não era cedo, porque em Torres Vedras foi entregue immediatamente a seus donos; quanto devem pagar de juros, é tudo aquillo, que ganhãrão, se elles tiverem consciencia, e V. m. lho não perdoar: de-ve ser feita: não ha cousa mais facil, entregar a sua conta por inteiro aquelles, que forão seque-strados, e se sobrarem algumas cobres, entregal-o sem demora aos mais que o derão de boa vonta-de, porque cá em nossa moral, deve dar-se a cada um aquillo que lhe pertence, seja mouro, seja judeo.

No tempo, em que a vergonha, e o vento fallavão, ambos fizerão uma viagem pelo mundo, e tendo feito uma boa sucia nas suas digressões, quando estavam fazendo os seus cumprimentos de despedida, perguntou a vergonha ao vento — quem te procurat, onde te encontrará? Res-pondeo, em qualquer osteiro sou encontrado. A este tempo id a vergonha virando costas, e lhe perguntou o vento: e quem te quizer procurar onde te encontrará? Responde a suaida vergonha, meñico, e quem me perdeo; nunca mais me en-contrará. Quem lhe servir o sapato, calce-o.

Quinta Feira não haverá Folia, em at-tenção á Solemnidade do Dia

**A SENTINELLA CONIMBRICENSE.**

As assignaturas recebem-se na Loja do Fiel da Imprensa e na Botica do Padre Antonio, na Calçada, N.º 118. Por 3 mezes 200 avulso 20

**Interior.**

Continuação (de pag. 101) da Descoberta

Não é possível, ó homem compassivo, que eu aceite teu convite. Sabe que minha alma tem um desengano formal, e uma infimação enviada por algum Anjo, ou Divindade Celeste para não deixar esta solidão; e para te convenceres desta verdade ouvirás o que fielmente te vou relatar. Estando nesta solidão há doze annos, onde mortal algum nunca ousou entrar, minha imaginação e espirito são acommettidos de furiosas tentações para deixar este Santo Deserto, e mil vantagens e grandezas se me representavam no Mundo, no qual eu ainda faria grande figura, e minhas grandes riquezas voltarião ás minhas mãos, meu nobre nascimento, e minhas letras farião o esplendor da minha pessoa quando eu apparecesse no Mundo a reclamar os meus bens, tendo sempre na minha memoria aquelle sagrado texto: *Res alienae ubi cumque sunt, sub domino clamant.* Debalde eu dizia, não venhas espirito das trévas inquietar-me nesta solidão tranquilla, retiro onde a contemplação encaminha constantemente suas vistas para o Céu: lugar onde reina um funebre silencio. Que movimentos perturbão o repouso de minha alma? Porque razão penetrão meus pensamentos fora deste retiro sagrado. Porque razão sente ainda meu coração chammas há tanto tempo esquecidas? Ohi solidão santa, cujo circulo sombrio encerra tormentos voluntarios, e reúne suspiros arrancados pela penitencia, rochedos a quem estes carcumidos joelhos tem já gasto; cavernas irrigadas de espinhos, não sejaes insensiveis a meus gemidos, orai tambem ao Todo-Poderoso para aquietar meu espirito. Mas de balde o Céu me chama quando eu oro, a natureza sempre rebelde occupa metade do meu coração, as minhas orações, e as minhas lagrimas não podem apagar os violentos desejos que tenho de voltar ao Mundo. Meu corpo ainda tinha algum vigor, e apesar de tantos annos não ter sido alimentado senão com alguns fructos silvestres. Invoquei com todas as minhas forças o grande penitente S.

Publica-se esta Folha tres vezes na semana, terça, quinta, e sabados. Vende-se onde se assigna. A correspondencia deve ser franceza.

Jeronymo, lembrando-me que elle sendo da mesma materia, que a minha, resistiu no Deserto a lembrança das Matronas Romanas. Ah! fui soccorrido: ouve, editende, e quando em uma febre de noite, estando deitado na fria terra junto das sepulturas de meus caros pais, e esposa, e quasi a succumbir á força das minhas tentações. Dis que uma voz que fazia maior estondo que o trovão, e um echo que penetrava até as entradas da terra, e chegava ao Céu, dizio: onde estás? O Solitário habitante deste Deserto. O pouco sangue que meu corpo tinha colliu-se-me nas veias, e um medo, e um tremor geral se apoderou todo de mim, e do modo que pude cheguei-me mais para cima das sepulturas, onde estavam aquelles restos mortaes, e pensando estaxão animados para me soccorrem em minha afflicção; ajoelhei, e elevada as minhas tremulas mãos ao Céu, disse: dizei, Senhor, que o vosso servo está prompto a cumprir os vossos mandatos. — Apprende a respeitar as ordens, e conselhos da Providencia, respeita este lugar sagrado que habitas, sabe que esta terra que hoje caeas sem dó, nem respeito, foi ha seculos uma das grandes Cidades do Mundo: neste mesmo sitio em que estás ajoelhado, estão milhares e milhares de mortos, foi um Hospital, e alli um Mosteiro de Monges, que por muitos seculos o administrarão, e que o andar dos tempos, as revoluções, e a mão do homem, sempre levantada para o mal, tudo fez desaparecer. Grandes sabios, grandes varões, grandes politicos, e grandes Santos, tu hoje estás calcando, não vendo mais que a terra que os comeo, e o grande arvoredo, que se tem credo com os corpos de tantos mortaes. Sua memoria desapareceo, suas vontades não se cumprirão, seus testamentos não tiverão effeito, seus legados, e ordens transmittidas de pais a filhos, tudo foi riscado da memoria dos homens. Sabe que os mesmos selvagens respeitão melhor as ultimas vontades dos seus maiores, do que onde tem entrado aquelles, que os homens chamão a propagação das luzes, e basta abrir a Historia da China para te desenganares. Aquelles tem este dever impresso pela Lei natural no coração, e estes abusação das suas sciencias.

As cousas deste Mundo continuão no mesmo fluxo tão constante, que nada permanece no mesmo estado por muito tempo. Assim os povos, riquezas, commercio e poder, tudo muda a sua condição, florescentes e poderosas. Cidades vêm arruinar-se, e com o andar do tempo não mostram mais do que sitios abandonados, e desertos, como tu hoje vez este. Só a Religião Christãa tal e qual está nas Escripturas Sagradas, livre de todas as misturas corruptas, e a instituição mais razoavel e permanente para fazer a felicidade do homem; mas desgraçadamente o homem sempre orgulhoso tem abusado della. Sacca pois neste deserto, que é o lugar mais ameno que podes achar no Mundo. Os homens continuão a abusar das suas filosofias, as guerras renovão-se amiudadamente, as paixões continuão, as intrigas são as mesmas, e a moral está cada vez mais relaxada.

*(Continuar-se-á)*

*Uma duvida.*

Em muitos circulos sociaes se falla em constitucionalismo, e cada um dá á palavra Constitucional um sentido particular e privativo ao seu modo de ver; porém não estamos accordes em idéas, e julgamos, que um deve ser o sentido da palavra, e não mais: por isso vem-nos em circumstancias de darmos uma definição do verdadeiro Constitucional. E' verdade, que este genero admite especies, e variedades, que o mais atilado zoologista não póde classificar: para seguir-nos um rigoroso methodo, desviemos principio pela definição de verdadeiro Constitucional, e depois passarmos as diferentes variedades; mas para não sobresair o verdadeiro, principie-mos pelo opposito cryto.

Poder-se ha chamar verdadeiro Constitucional aquelle, que emigrando nunca tomou o peso a uma arma (salvo a falta de saude), mas cuidava só em commerciar, e augmentar os seus recursos, quando os outros supportavã pestes, fome e guerra? Parece-nos, que um homem tal não deve ser chamado, nem honrado com o nome de Constitucional; mas que deve antes ser chamado um sordido egoista, que em nada pesava a Liberdade da Patria, nem a vida dos seus Conciudadãos armados; pois que só o amor da Liberdade da Patria impersasse no coração de taes individuos, elles deixariam os seus interesses, e correrião ás armas.

Poder-se ha chamar Constitucional aquelle, que vendo a heroica Cidade do Porto no apuro de todos sabido, pedião licença para irem: Louz mar aguas para a Ilha de S. Miguel? A estes deve dar-se-lhe o nome de pusillanimes, que preferirão uma vida sem Liberdade Nacional á gloria dos bravos de Lysia, e quasi que se lhe devião tirar os calções, e dar-lhes saia, roca e fusão, porque em nó bello sexo houverão no memorando cerco daquelle Cidade exemplos de nobre patriotismo.

Será Constitucional aquelle, que sendo preso procurou grandes justificações de Realista, saio

para o meio da rua, andou sempre vivendo no meio dos Migueis, e agora quer passar por Constitucional? Não osamos duvidar, que é um enxerto da arvore do despotismo, que sempre ha de resentirse da organização da arvore, donde saio, e que na sua vegetação a arvore da Liberdade sempre ha de ser morosa, e nunca fertil e saburosa.

Merecerá o nome de Constitucional aquelle, que nos seus exilios fazia toda abriga com os despotas, e d'accordo com elles negava a protecção aos desventurados, e estava prompto a assignatura de actos despotas, e contra a Liberdade? Este nem é Constitucional, nem Miguel, mas é um protheo, que só procura o seu bem estar em desprezo dos direitos da Liberdade, e que mais d'uma vez jurou sustentar, e defender; e por isso deve ser riscado do numero dos amigos da Liberdade Patria.

Poder-se ha honrar com o nome de Constitucional aquelle, que sempre viveo no meio dos Migueis, e protegia os opprimidos pelos despotas, e que fingia aquelles tigres, contemporisava com os seus excessos? Aqui temos duas distincções a fazer. Primeira dos pusillanimes, e segunda dos moderados: quer uns, quer os outros não deixao de ser Constitucionaes, porém em crises mettem-se no escuro, e não se atrevem a bater o inimigo.

Será Constitucional aquelle, que no meio dos honores dos combates se tratava d'arranjar empregos, em quanto os outros estavam a bater o inimigo? Estes são aquelles, que se arranjo a seguir os partidos não por convicção, mas por interesse, e debaixo d'este principio não merecem ser chamados Constitucionaes.

A vista d'estes principios, e d'outros mais, que omitimos, podemos definir Constitucional aquelle, que movido pelos principios da convicção, e sem mira em interesse algum, segue a Liberdade, e se esforça, até mesmo com o risco de vida, na sua propagação, e que caminha obedientes e respeitosos a Lei. E quantos ha que possão entrar n'esta classe? Ha muitos, mas todos hoje caracterizados pelo nome de estorçados; mas que fazendo-se-lhe a justiça devida, são aquelles, que chorão a Liberdade, que elles tão cara comprão, vendida de barato aquelles, que se esforçarão para destruir, e até arrancar a pequena raiz d'esta arvore preciosa. Que não poderia dizer d'esses heroes, que se baterão no campo da honra, arriscarão a vida, e dos martyrs, que gemerão nas masmorras? E' de todos sabido o seu comportamento, e tantos merecimentos não precisão elogios.

*A Sentinella.*

*Continuação de pag. 103.*

Diz mais o Senhor Redactor, que tal é a minha paixão pelos Rebeldes, que quando era obrigado a tirar summaries pelas repetidas queixas, eu tirava as testemunhas publicamente, diante

dos amigos, e protectores do denunciado; e ou os não pronunciava, ou os obrigava a livramento ordinario. Continúa a mentira. Nunca foi precisa repetição de queixa para tirar summarios, ou cumprir com os meus deveres. O primeiro foi contra um tal Maleiro, preso sem culpa pelo dito Provedor, elle o accusador; no mesmo dia foi pronunciado; e na occasião em que tirava as testemunhas entrou o dito ex-Provedor, e o seu amigo Theodoro, os quaes tendo ouvido a entrada as palavras da testemunha; voltou-se contra elle ameaçando-o fortemente; se pois o Senhor Provedor, e accusador, era amigo e protector do accusado, ou o seu amigo; não sei; mas elles foram os unicos, que entráram. O que obriguei a livramento sómente foi denunciado pela testa de ferro Torres de Penna; a denuncia não se prouve; o mesmo denunciante me declarou senistado pelo ex-Provedor, que foi o mesmo que lhe fez a denuncia, com letra desfigurada; o processo está na Relação, veremos o que ella decide; e saberemos se fiz mal. Diz mais, que eu deixava andar saltos os presos, que não das outras Cadêas para as d'Ançã. Mente o tal Provedor; só um da Pocarica, mui Constitucional, que estava na Portugem por crimes de pancadas, por ordem do meu antecessor; requereo-me a remoção para a outra Cadêa, convim para a d'Ançã, responsabilizando-se o Carcereiro, este o fez, de que tenho documentos: constou-me que o preso saiu; fui logo á Cadêa, acompanhando-me o Juiz de Direito do Porto, Francisco Marques d'Oliveira; achei o preso de grades dentro; porém sendo informado, que elle havia saído, nesse mesmo dia ordenei a remoção para a Portugem, e estando para marchar fugio com o Carcereiro; usei dos meios legais depois. Não sei onde o Guarda da Camera, que serve de Carcereiro tem as chaves, talvez elle assista na Venda, e por isso lá tenha as chaves, o que sei é que na Cadêa não esteve preso algum á minha ordem. Diz mais, que as extorsões, e violencias aos Orfãos por mim praticadas são inauditas; separendo nos inventarios 10 por 100; havendo heredeiros Instituidos, além do tal ex-Provedor e neto fundir Orfãos, com herdeiros Instituidos; mente, porque nunca tal fiz nos Orfãos. Morrendo Paisos e tendo filhos, estes são seus universaes herdeiros, e não pôde haver herdeiros Instituidos; porque isso a haver estes, não ha aquelles. Segundo a minha idêa só 3 Inventarios tive, de que recebi as barrasjens, e estas nunca excedem a 1:000, e d'outros nada recebi. Raymundo Pires de S. Fagundo, deixou a Terça de seus bens para suffragios por sua alma, deixou legados determinados, e o resto dos bens vendidos para fins pios. A requereito do Fiscal em outros tempos se fez Inventarios para se cumprir o testamento; aquelle testador não tinha herdeiros. No meu tempo estava em termos de se venderem os bens; só se venderão duas pequenas propriedades; e em tudo se

observou a Lei; devião-se ao Escrivão as custas, pagarão-se; e a verdadeira injustiça que fiz neste negocio, é que sendo o Arrematante o irmão do ex-Provedor, quitei-lhe a barsajem da arrematação; e até hoje ainda não depositou; eis os roubos, que fiz nos Orfãos. O Provedor não apresenta um Orfão, ou Viuva a quem eu levasse indevidamente um real; devia sobre este objecto ser mais verdadeiro; o barrete talvez podesse ter cabimento em lugar diverso. Senhor Redactor, quando o dito ex-Provedor foi a minha casa desafiou-me, o que eu aceitei, mas depois recordando-me do lugar, que occupava, e não por medo, que nunca tive; e sempre só fui para Cantanedo, apesar da certeza, que o dito ex-Provedor; me esperou com os seus validos no cauzinho, recordei-me da lembrança d'um sujeito, que sendo em Lisboa desafiado por um Militar, aceitou, e o mandou sair de casa; sem tenção de se bater com elle; nesta despedida, voltou o desafio em contas, denuncias, protecções, dinheiros etc., com que me ameaçou; a tudo respondi, não tenho medo; tenho papel, e tinta e penna. No proximo correio dei simples parte ao Governo; elle gastou folhas de papel sem conta, 3 dias e 3 noites nenhuma outra coisa fez, senão contas, e notar falsos attestados ao seu pequeno Secretário; e foi este um dia que mais sentio não existir ainda o Tribunal das Senhoras Rainhas, aonde suas contas sabião os cantos da casa. Não sabe mais do resultado, só quando elle cuidadoso procurava testemunhas, que acompanhava até á Sub-Prefeitura, e pelos seus annuncijs de que em breve era demittido, annuncijs repetidos, que seus amigos repetião já como certos; asseverando as testemunhas que a conta tinha seis folhas de papel. Sube igualmente que o Corregedor viera á Ançã em um dia, que fui á Coimbra, e que tirou testemunhas (todas ellas da amizade do ex-Provedor), mas nunca sube sobre que erão. No entanto, como vejo arguido o Desembargador Corregedor pedi a certidão junta ao Escrivão do informe; e della consta a imparcialidade e rectidão com que aquelle Ministro se portou no quehêrto das testemunhas do informe. Conheço aquelle Ministro como collega, e o respeito e estimo como superior, não tenho com elle relações d'amizade, mais do que aquellas, que os Juizes tem com os Corregedores da Comarca; a minha correspondencia com elle é sómente a d'Officio Nacional. O que elle e o Sub-Prefeito informarão não sei, mas estou certo, que nenhum faltava á verdade; o que hoive nas Secretarias ignoro; nem o posso saber; e nem me deve importar; senão obedecer as determinações, que d'ellas me vierem; quanto ao modo das demissões, não vi, nem a do ex-Provedor, nem a minha, porque nesse dia não vi o Periodico dos Pobres; os motivos que o Governo teve para assim obrar, só elle o pôde declarar. Quanto ao Provedor d'Os, e Ladrões da

Bairrada, se V. S.<sup>a</sup>, Senhor Redactor, se quizesse dar á curiosidade imparcial, investigando a verdade acharia:

Que Provedor d'Ois, foi um miguelista exaltado, e furibundo (segundo me informão, pois que apesar d'o conecer do tempo d'Estudante, não sabia a sua opinião, que ha seis annos em muitos variou), e que só quasi nas vespuras da restauração, é que desavenças e odios particulares com uma familia (miguelista como elle), que queria perseguir *per jas*, ou *nefas* o tornarao um cata-vento furioso, arvorando-se chefe d'uma guerrilha, que fez mais perda do que proveito á Causa Constitucional, e fez que aquelles Lugares circumvestibos, Aguiã, Tamengos, Espinhal e Matta, estivessem a dous dedos de soffrerem um massacre geral, pela divisão rebelde, do Commando do Coronel Bernardino, para a qual aquelle furioso descarregou uma Espigarda, quando passava em retirada para Coimbra; não escapando todavia de ser saqueada então a casa dos Cabraes, do Espinhal, e a familia a ponto de ser fuzilada por alguma tropa, que veio examinar, quem dera o tiro. Acharia que essa guerrilha, restaurada a Provincia, se converteo logo em uma terrivel quadrilha de salteadores, começando os roubos pelos Miguelistas, e acabando pelos Constitucionaes, e o mais o umas vezes fingindo ordem do Excellentissimo Duque da Terceira, e outras com vivas á Rainha!! Acharia mais, que não foi o amor da Patria, quem levou esses salteadores, arvorados em Constitucionaes a commetter tantos insultos, violencias, e roubos, já nas estradas, e já nas proprias casas, pedindo descaradamente *bolsa* ou *vida*.

Não foi tambem o mero odio aos Miguelistas, como se pertende inculcar, porque além de se estenderem fóra da orbita dos inimigos da Carta, e da Rainha, pôde um furor repentino levar o homem a perpetrar insultos, e mesmo grandes estragos, mas um combinado systema de roubos, não é proprio de verdadeiros Constitucionaes, é proprio do amor da bolsa alheia, é um contagio, que não se atalhando logo, bem depressa se espalharia por toda a Nação, e acabaria com ella, desacreditando a dentro e fóra.

Lembre-mos sempre, Senhor Redactor, que essa terrivel cadeia de violencias, e roubos continuados, foi quem fez baquear esse furibundo, e sanguinario systema da usurpação, ou antes corteo; pois que a queda foi a espada, a coragem de S. M. I. de saudosa memoria, e o valor do Exercito Libertador. A Rainha não quer, nem consente, que o systema da usurpação se adopte, a Carta o prohibe, e os verdadeiros Constitucionaes o abortecem. Examine, Senhor Redactor, a Portaria de 9 do corrente dirigida no

Corregedor de Faro, examine a Circular de Setembro. Resta-me dizer, que não deleguei o Inquerito das testemunhas; quando não estava na Villa, em razão de serviço, em miguelistas: mas no hontado e sempre Liberal Provedor do Conselho, Francisco da Costa Pessoa; seus sentimentos são conhecidos; bem como affiançar a V. S.<sup>a</sup> que o numero dos pronunciados não excede de 13 até 20; e por isso V. S.<sup>a</sup> faltou á verdade no que indagou. Cantanhede 18 de Dezembro de 1834. — O Juiz de Fóra Interino

Joaquim Maria de Miranda e Oliveira.

Depois de ter tranperisto a disseccão da cabeça d'um Petimette, irrei referir a anatomia do coração d'uma Namorada, para não faltar á minha promessa, e para divertir o público com a narração das curiosidades que observámos.

Antes que o nosso anatomico começasse a disseccão, disse-nos, que era uma das grandes difficuldades da arte abrir o coração d'uma Namorada, e bem demonstrar todas as suas partes aos espectadores, por causa d'uma infinidade de labirintos, e dobras, que nelle se encontrão, e que nunca apparecem no coração dos outros animais.

Começou por nos mostrar o pericardio, ou a capa com que o coração se cobre, e viámos nella, com os nossos microscopios, milhões de pequenas cicatrizes, que pela fórma e lugar davão a entender que um sem numero de setas, ou dardos tinham sido arremessados contra aquella membrana; e como na superficie que toca o coração não houvesse o mais leve vestigio d'antiga ferida, concluímos que nenhuma ponta daquellas setas chegou a tocar a substancia do coração.

(Continuar-se-ha.)

Miudezas.

Quem souber onde está um Letrado, chamado Doutor Calot, e que saio ha annos de França para Portugal; participe-o ao Querquelho-pague, e companhia; se quizer gabhar a devida recompensa. Além do nome mui distincto, o da Profissão, ha os seguintes signaes —  
Tem o corpo adamado,  
Todo é feito á Franceza,  
Só as mãos são d'Espanhol,  
E advoga á Portugueza.

E. da B. A.

# A SENTINELLA CONIMBRICENSE.

As assignaturas recebem-se na Loja do  
Fiel da Imprensa e na Botica do Pa-  
dre Antonio, na Calçada, N.º 118.  
Por 3 mezés 720, avulso 20.

Publica-se esta Folha tres vezes na semana,  
terças, quintas, e sabbados.  
Vende-se onde se assigna.  
A correspondencia deve ser franca.

## SECRETARIA D'ESTADO DOS NEGÓCIOS ECLESIASTICOS E DE JUSTIÇA.

### Repartição da Policia Judiciaria.

Foi presente a Sua Magestade, a Rainha, a conta, que o Juiz de Fóra interino da Villa de Cantanhede, dirigio por este Ministerio, em data de 4 de Dezembro corrente, dando parte, que fora alli recebida com geral satisfação a noticia do feliz consorcio da mesma Augusta Senhora, e dos regozijos, que espontaneamente se celebrarão por tão fausto motivo: E Manda Sua Magestade declarar ao referido Juiz de Fóra, que vio com agrado as demonstrações, que as Auctoridades, e o Povo da Villa de Cantanhede derão por esta occasião. — Paço das Necessidades em 11 de Dezembro de 1834. — Antonio Barreto Ferraz de Vasconcellos.

## Interior.

### Continuação (de pag. 106) da Descoberta.

«Aqui tens o estado em que se acha o Mundo com todos os seus adoradores, sempre enganosos e traidores á sua mesma especie.

Acaso ignoras que a Lei com que os homens governão o Mundo não seja a da força? Não viste que aquillo que hontem tinhas determinado e firmado com o sello da tua ultima, unica e derradeira vontade, em um momento, com uma folha de papel assignada com a firma de um homem, tudo ficou sem effeito como se nunca existisse, e tu sem aquillo, que por nenhuma Lei te podia ser tirado? Não aconteceu isto mesmo a teus pais, estabelecendo suas ultimas vontades em obras pias, em as quaes todas as Leis fallão com respeito e firmeza, cujo solemne testamento devera ser religiosamente cumprido e guardado até a consummação dos seculos? Ah! que attentado! Chamar-se o Ente-Supremo por testemunha, pedir a protecção das Justicas para as fazer cumprir e guardar, procurar todos os formularios juridicos, e toda e qualquer invenção, que os mortaes tinhão descoberto para segurança de suas ultimas vontades,

des, e de seus bens, que levão atravessados em sua alma quando partem para a eternidade! Tudo é nullo, tudo é inutil, tudo é ocioso, porque uma revolução; o andar dos seculos, e sobre tudo a mão sacrilega do homem, tudo em um momento derruba!!!

Se hoje voltassem ao Mundo (o que não é possível) aquelles, que em outro tempo o povoarão, deixando tantos legados pios e profanos, e vissem hoje tudo aniquilado, como se nunca existissem; persuadidos quando deixarão de viver, que tudo ficou firme e valioso com a auctoridade da Lei; com que indignação olharião para os homens que tivessem atropellado os mais sagrados direitos da ordem social?... Com justa razão os chamarão a juizo para os punir de tão grandes crimes. Pois se o homem tem obrigação de cumprir o pacto social, cujas promessas são feitas ao seu semelhante, esta obrigação não só o deve acompanhar nesta vida, mas deve passar além da morte e a toda a eternidade. Se o homem sensato e sisudo assim não pensasse, então a té que o dirige e encaminha, seria um fantasma. Sabes muito bem, ó Solitario, que estes desgraçados e fataes exemplos não ha muitos annos que passarão por ti, e és tão incensato que desejás voltar para o Mundo? Queres deixar esta deliciosa solidão, onde o homem é maior que o mais afortunado Principe da Terra! Aqui o homem pensa como deve, e caminha pelas estradas da verdadeira felicidade; nem o ouro, nem a prata podem ser o seu idolo, nem tambem as desejadas riquezas, nem os respeitos humanos o podem enganar. Fica pois em plena paz, e não queiras succumbir ás tentações do espirito das trevas. Principiaste o rego, leva-o ao fim para seres apto para o Reino do Céu.

Eis aqui meu caro amigo e companheiro dos trabalhos, o que aquelle ente celeste me communicou como mensageiro do Todo-poderoso. Fiquei catonjito, minhas idéas saião em turbilhão, meus olhos derramárão copiosas lagrimas, e assim passei o resto da noute envergonha-lo de no dia seguinte ter de apparecer aos habitantes deste Santo Deserto, que são os passarinhos, que com os

seus maiores canticos, excedem as grandes orquestas, com que os grandes do Mundo se divertem.

Logo pela manhã lancei os olhos áquelle terreno, que me parecia mais susceptivel de producção, lembrado que todo o homem tem obrigação de se sustentar do seu trabalho, como fazia o Apostolo das Gentes, tendo vivido até este tempo com o simples alimento dos fructos silvestres e com algumas hervas. Principiei a cavar a terra com estas mãos que tu aqui és, e as quees só até então tinham virado folhas de livros. Fiz todas as plantações que vêes neste deserto, as quaes dão em abundancia aquillo que é necessario para a minha existencia. Aqui depois de tomar o necessario alimento para viver, levanto meus pensamentos aos Céos, e venho discorrendo por todas as classes dos homens, desde o Palacio dos grandes até á choupana dos pequenos. Até aqui tenho-te dado mais este pequeno esboço, motivando-te a sair, porque não deves sair agora se me permite, disturber sobre o estado da tua Patria, porque tem os olhos em meus ouvidos, que estão cheios de misero e pouças que não devem passar em silencio pela fiação de um velho, que só deve dizer a verdade, se que já os encantos do Mundo o tem já muito desenganado.

Não insto mais contigo para saíres, mas rogo-te discorras em tudo aquillo que é vulgar e util a mim, e á minha Patria, e ella natada temi homens que sabem apreciar aquillo que é bom.

*(Continuar-se-ha)*

Senhor Redactor

*Origem Diabolica do Circulismo.*

Estou no caso de outro Filósofo, que depois de muitas e impertinentes combinações, achando a verdade, correu os dias da Cidade, gritando em altas vozes, *inveni, inveni*, achei, achei, eu tambem não podendo abafar em meu peito o alvoroço, que me respalda da descoberta, que vou a expôr, gritei, *inveni, inveni*, só me nos no recinto da minha casa, *inveni, inveni*, achei, achei, e ouço, Senhor Redactor, quando em Maio deste anno terminei em Evora Monte a perseguição (que V. m. dá no seu relatorio das perseguições da antiga Roma Pagã, pôde classificar no lugart das mais sanguinosas), esperava eu de ver correr em borbotões o sangue Circundado, porque simergava ainda o sangue de tantos milhares de victimas innocentes, que por calcarem os pés a mainto aleivosia e tração, expozeram o peito ás balas no campo de Honra, e estayão recentemente nas nossas memorias, factos, que havião tocado o zenit do barbarismo, o Massacro de Extremoz, as pedras daquella cadeia salpicadas de sangue innocente, pedião xingança, ainda estava bem recente na nessa memoria a idéa de duas levas de innocentes victimas, que indo em Março deste anno d'Elvas para Almeida, da primeira assassináram pelo caminho, e da segunda alguns da Pon-

te do Rio Côa para baixo!!! Sendo o ultimo assassinado ás portas daquella dita Praça; e da segunda assassináram 17, ainda menos lembravamos do Massacro de 6 annos, em que as cadeas gemião com o peso de tantos mil victimas, que sem recurso alli esperavão terminar seus tristes e desventurosos dias; ainda menos lembravamos do horroros com que os desgraçados presos, alli erão tratados pelos Carcereiros, e espiões dos Ministros, ainda menos lembravamos, que um desgraçado a quem se dava o nome de Mallado, ou fosse, ou não fosse, era logo sequestrado, logo nas Aves de rapina daquelle tempo lhe caião em casa, que se questravão o desgraçado de facto e de direito, se era casado gritava a innocente mulher, que queria que se lhe entregasse a sua meação, mas um indeprido era o seu despacho, e eu, Senhor Redactor, sei de uma Entreda, que vivendo com sua mãe e padrasto, foi este sequestrado, ella que tinha a sorte de seu pai em commum com os bens de sua mãe, e padrasto, quiz tirar do sequestro a sua sorte, mas não o conseguiu, seguia-se depois a prisão, onde nada tinha com que alimentar a triste vida, pois até se lhe não permitia o socorro, que algum amigo lhe queria prestar.

A vista do que fica exposto, esperava eu de ver correr em borbotões o sangue Circundado, como já disse, mas como logo enree a observar o contrario do que eu esperava, pois vi uma amnistia, que não excluia ninguém, vi nos mesmos particulares da classe dos homens de bem, que recebião nos seus braços, e se punhão em campo, pelos ligtes, que tu ponho os não tinham devorado, por não poderem, estas tão diferentes e oppostas conductas me visitáram a idéa, de que nós os homens de bem, e os malvados Circundados, não somos irmãos, e por consequencia não descendemos do mesmo tronco; mas vi logo esta minha idéa surprehendida pela Fé Catholica, que nós os homens de bem felizmente professamos, pois que esta me ensina, que não houve mais que um Adão, de quem todos descendemos, e a Seita dos Preudamitas acha-se condemnada pelo Juizo da Igreja Universal, como vi insubsistente esta minha primeira idéa, lembrou-me aquella Seita dos Maniqueos, que por se acharem perplexos, na origem e causa commum do bem, e do mal, admitirão dous principios, como causas gerãs de todo o bem, e de todo o mal, o principio bom auctor de todo o bem, e o principio máo, que era o diabo, auctor de todo o mal, nesta idéa descaneei por algum tempo, e ficou dissolvido o meu Problema, que tanto atormentava meu entendimento, por que admittido o principio bom, que é Deus, fica abolida a idéa, de que os Constitucionaes são obra deste principio, porque quando Deus no primeiro Capitulo do Genes disse: *Paciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram*, façamos o homem á nossa imagem e semelhança, fallou com os Constitucionaes, e a dizer a verdade, Senhor Redactor, nós os homens Constitu-

cionaes, e somos feis copias e retratos da Divindade, pois que nós possuímos optimos talentos, temos a nossa razão desenvolvida, e se me ricordo da Clemencia e Misericordia de Deos, ficamos sim um pouco abaixo, porque elle é Creator, e nós somos creados, mas se ha alguma porção, ou póde haver entre o finito e o infinito, existe neste caso o que David conhecendo disse: *Minuisti eos paulo minus ab Angelis*; puzeste-os um pouco mais abaixo dos Anjos; isto fallando dos Constitucioes, no que nós não temos dúvida, pois admitimos, que os Anjos são creaturas mais perfectas, que nós.

Ora agora admittido o principio máo, que é o diabo, tambem fica obsta a idéa, de que os Curcundas são obra sua, porque em boa Logica os effectos seguem a natureza das causas, quem poderá duvidar, que elles são obra daquelle espirito maligno? No Continente da Europa ninguém o duvida, onde elles estão assás conhecidos, nelles não ha amor fraternal, não ha o respeito e acatamento devido aos Superiores, não ha amizade filial, nem paternal; ora em quanto estive nesta idéa, esteyo a minha alma um pouco quieta; mas depois entrou-me a lembrar, que o diabo era um ente creado subordinado ao Creator, que a acção de crear ainda mesmo objectos máos, exigia uma força infinita, e que esta só é propria da Divindade, acabei taõ bem que esta Seita estava condemnada pelo mesmo Juizo da Igreja Universal em muitos e diversos Concilios, e que o mesmo Santo Agostinho abertou d'ella depois da sua conversão, como opposta á economia da Creação.

Continuou a minha perplexidade, mas sempre bem certo nos meus principios, que os Curcundas, Senhor Redactor, não são nossos irmãos, por isso, meditei, bati na testa, e a final vim ao conhecimento, que elles formavão uma terceira especie media entre os racionais, que são os Senhores Constitucionaes, e os irracionais, um pouco acima destes, e infinitos grãos abaixo daquelles; e aqui então é que teve lugar o meu rompimento, *inveni, inveni*; éo caso, Senhor Redactor, V. m. como bom Catholico, e muito illuminado, tem muita Ligão dos Livros Divinos, pois que elles como inspirados por Deos são fontes puras da Doutrina da Religião, bem sabe V. m., que Noé teve tres filhos, Sem, Cham, e Japhet, que nas veas de Cham circulava o sangue do impio Cain, e do revoltoso Nemrod, que elle foi maldignado por seu pai, por effecto das suas maldades, que Noé estando para morrer dixido o Mundo então copnhecido pelos seus dotes tres filhos vá a Sem pertenceo a Europa, a Japheth a Asia, a Chama a Africa; bem sabe V. m., Senhor Redactor, que a Africa sempre foi uma das partes do Mundo me nos portanda, e tem mais Serões, e que abunda em bichos de todo o tamanho. Nunca os casião caminhava pelo campo uma mulher (bem entendido descendente de Cham), sus um tigre do

Serão, avançava-se a mulher e copulou com ella (pois não é novo haverem bestalidades, ainda que extranhavel), concebeo a mulher, e que tal seria o feto de tal coito? Era um monstro do genero feminino, que já se não sabia a que especie pertencia; o diabo, que sempre foi muito luxurioso por cujo motivo não soffreo, que Sara, filha de Raquel, conservasse seus maridos, pois que nemator siete, tomando a forma de tigre, póde alcançá tal monstro, que se não sabia já a que especie pertencia, e copulou de novo com elle, donde nasceu um feto, que por aborto formou uma terceira especie, um pouco acima de irracionaes, e infinitos grãos abaixo dos racionais, e continuando a copular, teve mais filhos; ora eis aqui o tronco commum de todos os Curcundas, que vem a ser o diabo, e o tigre, e ora algum naturalista ainda que pouco, do segundo impio Cain, e revoltoso Nemrod, e do atrevido Cham, e a vista de uma tão importante descoberta, como não gritarei eu: *inveni, inveni*? A qui pois é quem não oocorreo d'ávida nenhuma, e communicando esta descoberta a alguns amigos, coincidirão comigo, e derão-me os parabéns.

Mas agora dirá V. m., Senhor Redactor, se estes diabos tiverão uma origem tão infinita, e principiárão lá nos Serões da Africa, como tem innovado toda a Europa, é muito mais o nosso Portugal? Olhe, Senhor Redactor, como nesta terceira especie descendente do diabo, gira o seu espirito luxurioso, e propagação se rescreção em grande numero, de maneira que encherão toda a Africa, e quando os Cartaginenses vierão pelo Tejo acima formou a Colonia que hoje se chama Lisboa, e virão nas Esquadras muitas daquelles diabos, e aqui está o modo porque semelhante vil canalha veio inundar o nosso tão lindo Paiz, e por terem o seu principio do diabo, que sempre foi luxurioso, e que se tem multiplicado tanto. Ora aqui tem, Senhor Redactor, o fructo das minhas bem serias combinações, que para instrução e desengano do publico o poderá lançar no seu *libro* Periodico, se for do seu agrado. — *Seu fiel servidor* — *P. B. de M. de S. P.*

*Continuação de pag. 108*

Todos os que tem algumas noções d'annatomia sabem que o Pericardio contém um liquido, algum tanto côrado, que elle mesmo exhala, e que d'antes julgavão que se evaporava do coração. Quando este liquido se exalava parecia-nos que tinha todas as qualidades do espirito de villos, que se vê em alguns therometros, que servem para graduar as mais pequenas modanças de temperatura.

Por esta decissão não devo passar em silencio uma experiencia que um dos da companhia nos disse ter feito com este liquido, de que elle achou grande quantidade em toda do coração d'um Natoradela, que em outro tempo elle amateu. Comlou nos que tinha arranjado um therometro com o tal liquido, mas que a instrução

mento em vez de marcar as variações de temperatura do ar, só designava as qualidades das pessoas, que entravam na casa em que elle o tinha dependurado, disse mais que o liquido subia quando a elle se aproximava um bello toucado de plumas, uns caracões bem feitos, uma cabeça bem frisada, um vestido bem bordado, uma casaquinha bem talhada, e uns sapatinhos delicados; e pelo contrario descia, quando dentro da casa entrava algum mal penteado, vestido á antiga e de calçado roto. Até nos certificou que se alguém se ria, o liquido subia com rapidez, e com a mesma baixava logo que se tomava a tom sério. Numa palavra, quiz-nos persuadir que por meio desta machina elle sabia se na sua casa tratava com algum homem sério, ou com algum pedaço d'asno.

Depois de bem examinado o Pericardio com o licor milagroso, fomos ver o coração. Este era por fóra tão liso, e a sua ponta tão fria, que quando se apertava na mão para o segurar, logo se escapava por entre os dedos, como faz um pedaço de gèlo, e uma enguia, e as suas fibras ainda estavam muito enrelaçadas, do que as dos outros corações, a ponto de que todo elle parecia um verdadeiro nó Gordiano, e por isso os seus movimentos, quando elle os fazia, não podião deixar de ter sido muito desiguales e irregulares.

Quando examinámos todos os vasos que entravam ou saíam, nem por elles, nem por algumas outras partes, podemos colligir que houvesse a mais pequena relação entre este coração, e a bôca da sua proprietaria, coisa que nos pareceo muito digna de ser notada.

Ao mesmo tempo fizeram-nos observar que muitos dos pequenos nervos, que dizem influir nas sensações d'amor, odio, e outras paixões, não descíam para alli do cerebro, mas sim dos musculos que estão situados á roda dos olhos.

Tomei na mão este coração para fazer idéa do seu peso, e achei-o tão leve, que supuz seria todo oco, ou na maior parte. Com effeito tinha muitas cavidades ou cellulas, communicando umas com as outras. A maior parte dellas estavam cheias de mil bagatellas, que é impossivel inventariar por miúdo; mas só direi que a primeira coisa que descobrimos, por meio dos nossos microscopios, foi uma rodilha de cabello, que vista com mais cuidado conhecemos ser um *certinho*. De resto, disserão-nos que a Senhora, dona deste coração, em quanto viva, era continuamente requestada dos que sempre tem amor na bôca; e a todos dava esperanças, e é insinuava a cada um em particular, que era elle o preferido. Por cujo motivo esperavamos ver nos diferentes escondrijos do coração um numero infinito de carêtas; mas qual foi a nossa admiração quando chegá-

mos ao centro sem ter descoberto nenhuma! Só então é que com o soccorro das nossas lunêtas, percebemos um homemsito, vestido muito exquisitamente. Quanto mais eu o mirava, mais me parecia tel-o já visto, sem me poder lembrar nem em que tempo, nem em que lugar; até que finalmente um dos da sucia, que o tinha examinado mais de perto nos fez claramente ver pelo todo da cara, e por algumas de suas feições, que o pequeno idolo assim collocado no meio do coração, era o defunto Petimètre, cujo cerebro, ha pouco, tinhamos dissecado.

Logo que o nosso anotamico acabou a sua dissecação, nós incapazes de nos determinar sobre a natureza deste coração tão differente dos das outras mulheres, assentámos em fazer alguma tentativa para descobrirmos a natureza da substancia, de que era formado. Deitamos-o sobre uns carvões ardentes, mas longe de se consumir, não teve a mais pequena alteração, donde concluímos que era da natureza da salamandra, que podia viver no meio do fogo e das chamas.

Quando estavamos a admirar tão estranho phenomeno, e formavamos um circulo á roda deste coração, elle deu um terrivel suspiro, ou antes, um bérro, e immediatamente se reduziu a fumo. Este estrondo imaginario, que me pareceo maior que o d'uma peça d'artilheria, abalou-me de tal sorte o cerebro, que dissipando todos os suaves vapores do somno, não me foi possivel tornar a conciliar o somno.

*Miúdas.*

Temos um homem direito de mais, tem officio de homem velho, e faz obras de rapaz, falla muito adorado, dança, e é pagem de Senhoras, e faz o lugar de mestre sala, e muito presumido, mas faz tudo com pouco siso, quem tiver miúdas, tenha cautela com este individuo. Quem advinhar como se chama, ganhara d'vicerias. Uma beata como mais esperta, diz-nos, que elle por estes signaes é o diabo, nós não deixamos d'achiar alguma esperteza nesta mulher, mas em quanto não reunirmos mais votos, não damos a nossa opinião.

*ANNUNCIO.*

Na Loja de Livros defronte da Igreja de S. Christovão se vendem das melhores qualidades de Folhinhas, com Estampas e Retrato de Sua Alteza Real o Principe Augusto.

Vende-se nas Lojas da Imprensa da Universidade, na do Livreiro Paula, em Quebra-costas, e na do Padre Antonio na Calçada, a Folhinha de Reza para o Bispado de Coimbra por 120.